



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

MÔNICA DE PAIVA SANTOS

**OS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS
NO CAMPO DA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA
EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**João Pessoa
2024**

MÔNICA DE PAIVA SANTOS

**OS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CAMPO DA
PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Ciência da Informação (PPGCI), vinculada a Linha de pesquisa Memória, Mediação e Apropriação da Informação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo
Carvalho Alves

João Pessoa

2024

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Central

S237e Santos, Mônica de Paiva.

Os estudos de práticas informacionais no campo da pós-graduação brasileira em ciência da informação / Mônica de Paiva Santos. - João Pessoa, 2024.

177 f. : il.

Orientação: Edvaldo Carvalho Alves.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da informação. 2. Estudos de práticas informacionais. 3. Estudos dos sujeitos. 4. Fundamentos da sociologia. I. Alves, Edvaldo Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

CDU 001.102(043)

MÔNICA DE PAIVA SANTOS

OS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CAMPO DA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Ciência da Informação (PPGCI), vinculada a Linha de pesquisa Memória, Mediação e Apropriação da Informação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Aprovada em: 26/03/2024.

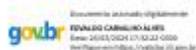
(X)Aprovado ()Indeterminado ()Reprovado.

Observações da Banca:

Reconhece a relevância e contribuição do trabalho para a área e a temática; recomenda a publicação do trabalho e sugere mudar o título para melhor adequá-lo ao objeto.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professor(a) Dr.(a). Edvaldo Carvalho Alves, Presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada digitalmente por mim e pelos demais membros, juntamente com os pareceres de avaliação da Tese e defesa de tese do(a) doutorando(a), devidamente assinados por seus respectivos avaliadores e em formato digital.

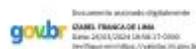
João Pessoa, 26 de março de 2024.



Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
Presidente/ Orientador(a) – PPGCI/UFPB



Prof. Dr. Felipe Sá Brasileiro
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB



Profa. Dra. Izabel França de Lima
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB



Profa. Dra. Ana Claudia de Araújo Santos
Examinador(a) Externo(a) – UFPE

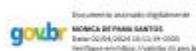


Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem
Examinador (a) Externo(a) – UFPR



Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes
Suplente Interno(a) – PPGCI/UFPB

Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
Suplente Externo(a) – IFPB



Mônica de Paiva Santos
Doutorando(a)

A minha Mãe, Magdalena Paiva,

A minha irmã, Verônica Paiva,

Aos meus filhos José e Clara,

Dedico!

*Se vi mais longe,
foi por estar sobre
ombros de gigantes.*

Isaac Newton

*Não há saber mais
ou saber menos,
há saberes diferentes*

Paulo Freire

RESUMO

Essa pesquisa analisa como vem sendo utilizados alguns dos fundamentos teóricos-metodológicos da sociologia nas pesquisas de mestrado e doutorado no campo da Ciência da Informação que tem como temática as práticas informacionais. Ancora-se na base teórica do paradigma social da Ciência da Informação, bem como, nos Estudos de Usuários de Informação com ênfase nos Estudos de Práticas Informacionais. A investigação foi realizada a partir das dissertações e teses desenvolvidas nos programas de pós-graduação em CI no Brasil, localizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Para atender o objetivo proposto apresentamos o processo histórico do desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais no Brasil; situamos os estudos de práticas informacionais no Brasil (2008-2022); detectamos os sujeitos/objetos de estudos das teses e dissertações; verificamos as conexões dos estudos de práticas informacionais com outras perspectivas teóricas, conceitos e noções e; identificamos os fundamentos teóricos-metodológico da sociologia nas teses e dissertações de práticas informacionais. Trata-se de uma pesquisa documental, descritiva, com abordagem quali-quantitativa. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada e a busca estratégica no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD. Trabalhamos os dados quantitativos a partir de recursos estatísticos básicos (percentuais). A organização e análise dos dados qualitativos foram feitas a partir da técnica de categorização, tendo por base a análise de conteúdo de Bardin. A situação da produção de teses e dissertações em práticas informacionais foi vista a partir de quatro (4) categorias: ano, instituição, região e professor/orientador. O período de maior produção foi de 2017 a 2019. As universidades com maior produção sobre os estudos de práticas informacionais são a UFMG, a UFPB e a UnB. As regiões com maior produção dos estudos de práticas informacionais são Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Os professores que mais se destacaram na orientação de teses e dissertações sobre práticas informacionais foram os professores Carlos Alberto Ávila Araújo/UFMG; Edvaldo Carvalho Alves/UFPB; Ivette Kafure Muñoz/UnB e; Rodrigo Silva/UFRGS. Encontramos pesquisas com transexuais, mulheres negras, mulheres transgênero, pessoas LGBTQIA+, apenas gestantes, jovens encarcerados, surdos, entre outros. Verificamos que os estudos de práticas vêm se relacionando com outras temáticas e conceitos como mediação e apropriação da informação, gênero e cultura, resiliência informacional, redes sociais, representação social. E identificamos estudos que vêm utilizando abordagens teórico-metodológicas da sociologia à exemplo do Interacionismo simbólico, Etnometodologia, Fenomenologia e Praxiologia de Bourdieu.

Conclui-se que as pesquisas em práticas informacionais vêm contemplando contextos marginalizados e sujeitos subalternizados na sociedade, caracterizando-se como um novo olhar para os fenômenos informacionais sob distintos aspectos e dimensões da realidade. Mostra que os estudos de práticas informacionais vêm se relacionando com outras perspectivas teóricas da CI, trabalhando conceitos e noções que vem estimulando reflexões teóricas e fortalecendo a abordagem de práticas. Revela o uso significativo de abordagens sociológicas como subsídios para compreensão de novos fenômenos informacionais que vêm sendo estudados na perspectiva de práticas informacionais, contribuindo para a ampliação da construção do conhecimento sociológico na Ciência da Informação.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Práticas Informacionais. Ciência da Informação. Estudos dos Sujeitos. Fundamentos da Sociologia.

ABSTRACT

This research aims to analyze how some of the theoretical and methodological foundations of sociology have been used in master's and doctoral research in the field of Information Science, which has informational practices as its theme. To do so, we anchor ourselves in the theoretical basis of the social paradigm of Information Science, as well as Information User Studies with an emphasis on Information Practice Studies. The investigation was carried out based on dissertations and theses developed in postgraduate programs in IS in Brazil, located in the Capes Catalog of Theses and Dissertations and in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. To meet the proposed objective, we presented the historical process of the development of information practices studies in Brazil; we locate studies of information practices in Brazil (2008-2022); we identified the theoretical-methodological foundations originating from sociology in theses and dissertations on informational practices; we detect the subjects/objects of studies of theses and dissertations and; we verify the connections between information practice studies and other theoretical perspectives, concepts and notions. This is a documentary, descriptive research, with a qualitative-quantitative approach. As data collection instruments, we used semi-structured interviews and strategic searches in the Capes Theses and Dissertations Catalog and in BDTD. We work with quantitative data using basic statistical resources (percentages). The organization and analysis of qualitative data were carried out using the categorization technique, based on Bardin's content analysis. The situation of the production of theses and dissertations in information practices was seen from four (4) categories: year, institution, region and teacher/advisor. The period of higher production was from 2017 to 2019. The universities with increased production on studies of information practices are UFMG, followed by UFPB and; then UnB/BSB. The regions with the greatest production of studies on information practices are the Southeast, Northeast and Central-West. The teachers who stood out most in supervising theses and dissertations on information practices were professor Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG); professor Edvaldo Carvalho Alves (UFPB); professor Ivette Kafure Muñoz (UnB) and; Professor Rodrigo Silva (UFRGS). In the subject/object of studies category, we find research with transsexuals, black women, transgender women, LGBTQIA+ people, pregnant prisoners, young people in prison, deaf people and others. We identified that studies of practices have been relating to other themes and concepts such as mediation and appropriation of information, gender and culture, informational resilience, social networks, social representation and, these studies have been using theoretical and methodological approaches from sociology such as Symbolic interactionism,

Ethnography, Ethnomethodology, Netnography, Phenomenology, Hermeneutics, Bourdieu's Praxiology. It is concluded that research into informational practices has been attending marginalized contexts and subordinated subjects in society, which is characterized as a new look at informational phenomena from different aspects and dimensions of reality. It shows that studies of informational practices have been relating to other theoretical perspectives of IC, working on concepts and notions that have stimulated theoretical reflections and strengthened the practical approach. It reveals the significant use of sociological approaches as subsidies for understanding new informational phenomena that have been studied from the perspective of informational practices, contributing to the expansion of the construction of sociological knowledge in the field of information science.

KEYWORDS: Information Practices Studies. Information Science. Studies on Subjects. Fundamentals of Sociology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estudos de Práticas Informacionais no contexto dos Estudos sobre os Sujeitos na CI.....	64
Figura 2 – Modelo Everyday Life Information Seeking (ELIS).....	75
Figura 3 – Linha do tempo dos EPI no Brasil.....	112
Figura 4 – Sujeito/Objeto de Estudo.....	139
Figura 5 – Perspectivas teóricas/conceitos/noções.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas de Pós Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) no Brasil.....	23
Quadro 2 – Instituições e modalidades de PPGCI no Brasil.....	24
Quadro 3 – Fase de organização e sistematização das idéias.....	32
Quadro 4 – Tratamento de resultados/inferências/interpretações.....	34
Quadro 5 – Eventos Enancib.....	52
Quadro 6 – Grupos de Trabalhos (GT) do Enancib.....	53
Quadro 7 – PPGCI – Áreas de concentração.....	61
Quadro 8 – Principais características dos Estudos de Uso.....	67
Quadro 9 – Modelos teóricos de Comportamento Informacional.....	70
Quadro 10 – Principais características dos Estudos de Comportamento Informacional.....	72
Quadro 11 – Contribuições de alguns teóricos para os Estudos de Práticas Informacionais.....	77
Quadro 12 – Principais características dos Estudos de Práticas Informacionais.....	81
Quadro 13 – Situação dos Estudos de Práticas Informacionais no Brasil (2008 – 2022).....	114
Quadro 14 – Formação acadêmica dos professores/orientadores das teses e dissertações em Práticas Informacionais.....	129
Quadro 15 – Categoria 1 – Subcategorias de sujeito/objeto de estudo.....	141
Quadro 16 – Categoria 2 – Perspectivas teóricas, conceitos e noções.....	Apêndice B

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Ano	121
Tabela 2 -	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Instituição	123
Tabela 3 -	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Região	125
Tabela 4 -	Produção de teses e dissertações em P.I./Prof./orientador	127
Tabela 5 –	Nível Graduação	130
Tabela 6 –	Nível Mestrado	131
Tabela 7 –	Nível Doutorado	132
Tabela 8 –	Fundamentos Sociológicos	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Ano.....	123
Gráfico 2 –	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Instituição.....	125
Gráfico 3 –	Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Região.....	126
Gráfico 4 –	Produção de teses e dissertações em P.I./Prof./orientador.....	129
Gráfico 8 –	Fundamentos Sociológicos.....	150

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 TRILHA METODOLÓGICA.....	21
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	21
2.2 CAMPO EMPÍRICO.....	23
2.3 CORPUS DA PESQUISA.....	28
2.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	29
2.5 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE/INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	31
2.5.1 Técnica de Análise de Conteúdo.....	32
3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	35
3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL.....	50
3.2 BREVE HISTÓRICO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CI NO BRASIL.....	55
4 ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO.....	62
4.1 ESTUDOS DE USO DA INFORMAÇÃO – ABORDAGEM TRADICIONAL.....	66
4.2 ESTUDOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL – ABORDAGEM ALTERNATIVA.....	67
4.3 ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS – ABORDAGEM SÓCIAL.....	73
5 PRINCIPAIS FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS.....	82
5.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO.....	87
5.2 FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA.....	89
5.3 ETNOMETODOLOGIA.....	92
5.4 PRAXIOLOGIA DE BOURDIEU.....	93
6 PROCESSO HISTÓRICOS DA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO BRASIL.....	96
6.1 SITUAÇÃO DOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO BRASIL.....	112
6.2 CATEGORIZAÇÃO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS.....	134
6.2.1 Categoria 1 - Sujeito/objeto de pesquisa.....	139
6.2.2 Categoria 2 – Perspectivas teóricas, conceitos e noções.....	144
6.2.3 Categoria 3 – Abordagens sociológicas.....	147
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICE A – Entrevista semi-estruturada.....	165
APÊNDICE B - Quadro 16 - Categoria 2 - Perspectivas teóricas, conceitos e noções.....	166
APÊNDICE C – Síntese das teses e dissertações em práticas informacionais (2008 – 2022).....	168

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é um campo científico que estuda o fenômeno social, informação, e se desenvolveu a partir de três grandes momentos apresentados por Capurro (2003) como “paradigmas” dominantes: o físico, o cognitivo e o social. Ao longo desse movimento da CI, buscou-se a compreensão do fenômeno informação a partir de diferentes dimensões, objetiva, subjetiva e intersubjetiva.

Na busca por uma identidade, a Ciência da Informação teve sua trajetória entrecortada por diferentes produções de conhecimentos favorecendo o diálogo com diferentes áreas da ciência utilizando-se de seu arcabouço teórico, a exemplo da Ciência da Computação, Linguística, Filosofia, Psicologia e Sociologia.

Ao longo de seu desenvolvimento, diferentes áreas e subáreas surgiram e se consolidaram dentro da CI influenciadas por diversas correntes teóricas. Recentemente, Araújo (2018) apresentou sete subáreas como tendências contemporâneas da CI, a saber: 1) Produção e Comunicação Científica, 2) Organização e Representação da Informação, 3) Estudos Sobre os Sujeitos, 4) Gestão da Informação, 5) Economia Política da Informação, 6) Estudos Métricos e Memória, 7) Patrimônio e Documentação.

Os estudos de usuários da informação, apresentado na classificação de Araújo (2018) como estudos sobre os sujeitos, acompanharam o movimento paradigmático da CI e foram se constituindo a partir de três concepções teóricas que são: os estudos de uso (físico), os estudos de comportamento (cognitivo) e os estudos de práticas informacionais (social). Nessas concepções de estudos encontram-se pesquisas sobre uso da informação, perfil de usuários, necessidades e comportamento informacional, práticas informacionais, mediação, apropriação da informação, competência crítica da informação, entre outros.

No âmbito da perspectiva contemporânea, no qual encontram-se os estudos de práticas informacionais, a compreensão da informação e de seu

papel na vida cotidiana está intrinsecamente vinculada aos processos socioculturais e às interações dos sujeitos em seus contextos.

Nessa perspectiva, os estudos de práticas informacionais, ao estudar a informação a partir dos processos sociais e interação dos sujeitos na vida cotidiana, vêm buscando incorporar em suas pesquisas conceitos e fundamentos teóricos metodológicos de outras áreas do conhecimento, à exemplo da sociologia.

É importante ressaltar que a “virada sociológica” na ciência da informação, ocorre após o século XXI, a partir da perspectiva de alguns autores, a exemplo de Blaise Cronin que em seu artigo “The sociological turn in information science”, de 2008, ressalta a relevância do social na CI, como um campo que vem importando teorias sociológicas no passado recente e cita nomes como, “Pierre Bourdieu (capital social e cultural), Manuel Castells (sociedade em rede), Harold Garfinkel (etnometodologia), Anthony Giddens (estruturação), Bruno Latour (teoria Ator-Rede) e Robert Merton (efeito Matthew)” encontrados na pesquisa realizada por Rosenbaum e Kouper e outras revistas importantes da ciência da informação. Cronin completa que algumas dessas teorias, métodos e terminologias “tornaram-se elementos padrão da pesquisa acadêmica de nosso campo” científico e coloca que a influência social existente na CI origina-se da Biblioteconomia e Documentação, ao citar duas publicações de Pierce Butler do início do século XX, ambas reconhecendo a influência da escola de sociologia da Universidade de Chicago sobre seu pensamento (Cronin, 2008).

Assim, a perspectiva de práticas informacionais ao incorporar fundamentos sociológicos em seus estudos, pode oferecer uma compreensão mais rica e profunda sobre como a informação é produzida, compartilhada e utilizada pelos indivíduos em suas atividades cotidianas, e assim promover um alargamento dos estudos dos sujeitos e contribuir significativamente para o processo de ampliação da perspectiva social da CI.

A partir desses pressupostos indagamos “Como vem se dando o uso de fundamentos teóricos-metodológicos da sociologia nas pesquisas sobre práticas informacionais na pós-graduação em ciência da informação no Brasil?”

Defendemos a tese de que os estudos de práticas informacionais – ao estudar dimensões que até pouco tempo a CI não havia explorado num direcionamento para o âmbito sociocultural, onde ocorrem as interações entre os sujeitos nos mais variados contextos permeados pela informação, considerados contextos de práticas informacionais – vêm utilizando fundamentos teóricos-metodológicos da sociologia como subsídios para compreender as práticas informacionais dos sujeitos considerando sua historicidade e suas relações sociais e culturais contribuindo, assim, para a materialização do caráter social desta ciência.

Com base na contextualização do objeto exposto, considerando a questão central de pesquisa e a nossa tese, tem-se o seguinte objetivo geral: Analisar como vem sendo utilizados alguns dos fundamentos teóricos-metodológicos da sociologia nas pesquisas de mestrado e doutorado no campo da Ciência da Informação que tem como temática as práticas informacionais.

Para atender ao objetivo geral da pesquisa, delineamos os seguintes objetivos específicos: a) Apresentar o processo histórico da origem e desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais no Brasil; b) Situar os estudos de práticas informacionais no Brasil; c) Detectar os sujeitos/objetos de estudos das teses e dissertações; d) Verificar as conexões dos Estudos de Práticas Informacionais com outras perspectivas teóricas, conceitos e noções; e) Identificar os fundamentos teórico-metodológicos oriundos da sociologia nas teses e dissertações de práticas informacionais.

Acreditamos que no campo social essa pesquisa torna-se relevante ao abordar uma temática que busca entender a maneira como o indivíduo se relaciona com a informação no nível individual e social e nesse processo simultâneo, se constituem (Araújo, 2018), percebendo, nesse diálogo, entre a percepção que o indivíduo tem do social e a maneira como o social define sua ação, o sentido de construir uma cultura de valores determinantes para conduzir a humanidade para uma sociedade e um mundo melhor, tais como promoção de uma cultura de paz e não violência, de valorização da verdade, da diversidade cultural, dos direitos humanos, da igualdade de gênero, do pensamento crítico e emancipação dos sujeitos, os quais se alinham com

alguns princípios determinados pela Organização das Nações Unidas (Unesco) para a Educação, a Ciência e a Cultura.

No campo científico, essa pesquisa pode contribuir para o entendimento da abordagem de práticas informacionais, iluminando pontos ainda confusos sobre esse novo modelo teórico que, embora tenha surgido da necessidade de se estudar contextos informais e em que não necessariamente ocorre uma necessidade de informação, é um modelo que abarca todas as realidades empíricas, onde a informação é vista como um processo, algo em construção que se dá na interação dos sujeitos, em um contexto específico de ação. E ao incorporar conteúdos teórico-metodológicos das ciências humanas e sociais em suas pesquisas contribui para a superação do caráter positivista da ciência da informação.

A tese encontra-se estruturada em sete capítulos, a saber:

A primeira seção é introdutória, no qual encontra-se exposto uma contextualização do tema em questão, o problema de pesquisa, a hipótese, os objetivos geral e específicos, a relevância social dessa pesquisa e também pro campo da ciência da informação, além de uma descrição sumarizada da metodologia.

A segunda seção detalha os procedimentos metodológicos: a natureza da pesquisa, o campo empírico; o *corpus* da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados; os procedimentos de coleta e organização e a análise dos dados.

A terceira seção faz algumas considerações sobre ciência, discorre sobre o desenvolvimento da ciência da informação e apresenta um breve histórico da pós-graduação da CI no Brasil.

A quarta seção trata dos estudos de usuários da informação e seus modelos de estudos – estudos de uso, estudos de comportamento e estudos de práticas informacionais.

A quinta seção aborda as principais fundamentações teórico-metodológicas da sociologia nos.

A sexta seção apresenta a origem e desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais no Brasil e análise e interpretação dos dados em suas subseções.

A sétima seção traz as considerações finais sobre essa investigação.
E por fim, as referências utilizadas para a construção desse estudo.

2 TRILHA METODOLÓGICA

A metodologia de um trabalho de pesquisa envolve um conjunto de etapas e técnicas que um pesquisador deve seguir para se chegar a um determinado fim.

Para Minayo (2015, p.14) a metodologia inclui três pontos fundamentais: “a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”. Considerando a metodologia como algo mais do que técnicas, Minayo (2015, p.15), acrescenta “concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade”, citando Lenin (1965) que “o método é a alma da teoria”.

Esse fundamento se aplica às pesquisas de um modo geral, bem como a pesquisa documental, tipo de pesquisa que têm o documento como objeto de investigação, a qual utilizamos neste estudo.

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Essa investigação se insere na área de Ciências Sociais Aplicadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da informação (PPGCI) e está vinculada à linha de pesquisa Memória, Mediação e Apropriação da Informação, a qual estuda a perspectiva de Práticas Informacionais.

Do ponto de vista do problema, a metodologia adotada é de uma abordagem quali-quantitativa, por nos parecer o encaminhamento mais apropriado para esta pesquisa, uma vez que ambos os enfoques são complementares e bastante valiosos por produzir riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa (Minayo, 2015, p. 22). Assim, a associação de abordagens supera as limitações de um método único, dando-lhes igual relevância (Flick, 2009).

A abordagem qualitativa possibilita interpretar os fenômenos e atribuir significados ao processo, considerando que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, e a quantitativa permite o uso de

recursos e técnicas estatísticas (porcentagens) para traduzir em números informações para classificá-las (Silva, 2001).

Os estudos qualitativos envolvem a coleta de dados utilizando técnicas que não pretendem medir nem associar as medições a números, tais como observação não-estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica e de discursos cotidianos, interação com grupos ou comunidades e introspecção.

Neste estudo, a abordagem qualitativa, favorece a interatividade na exploração da experiência docente do entrevistado, a partir de entrevista, bem como, a compreensão de alguns aspectos subjetivos em relação ao processo histórico da origem e desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais na CI no Brasil – que corresponde ao nosso primeiro objetivo - e que pretendeu-se resgatar, através de uma entrevista semi-estruturada, junto ao docente/coordenador do grupo Estudos de Práticas Informacionais e Cultura (EPIC), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Carlos Alberto Ávilla Araújo, pela sua trajetória e participação ativa nesse processo de origem e desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais no Brasil.

Já os dados quantitativos fornecem dados sobre as teses e dissertações que compõem o *corpus* dessa pesquisa, com base no segundo objetivo específico que situa os estudos de práticas informacionais no Brasil e os quantifica por: ano, instituição e região, além de identificar as formações dos professores/orientadores nos níveis de graduação, mestrado e doutorado.

A partir dos objetivos propostos assume o caráter de uma pesquisa descritiva por descrever as características de um fenômeno e/ou relacionar variáveis. É utilizada quando a intenção do pesquisador é conhecer e descrever fenômenos de determinada realidade, revelando o cenário de uma situação (Trivinõs, 1987).

Com base nos procedimentos técnicos utilizados se caracteriza como uma pesquisa documental, visto que se estrutura a partir de materiais que não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias (Silva; Menezes, 2001), dados originais, aqueles em que o pesquisador tem uma relação direta com os eventos que serão analisados.

Esse tipo de pesquisa que têm o documento como objeto de investigação, requer uma análise cuidadosa do pesquisador, tendo em vista que os documentos não passaram anteriormente por uma análise científica (Oliveira, 2007).

2.2 CAMPO EMPÍRICO

O **Campo empírico** dessa pesquisa corresponde aos **Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil**. Realizamos um levantamento na plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e identificamos 17 Instituições de Ensino Superior (IES), distribuídas em 14 estados (ver quadro 1). Identificamos 17 Programas (PPGCI), sendo 05 só com mestrado (ME) e 12 com mestrado (ME) e doutorado (DO). Somando-se os cursos (mestrado e doutorado) individualmente, têm-se um total de 29 cursos.

É importante ressaltar, que nessa pesquisa, trabalhamos, apenas com os Programas de Pós-Graduação com a nomenclatura “Ciência da Informação” e só com os mestrados e doutorados acadêmicos.

Classificados por região temos a seguinte distribuição de IES com programas de pós-graduação em CI descritos abaixo:

- Região Sudeste - Sete (07) instituições distribuídas em quatro (4) estados: Rio de Janeiro (2); São Paulo (3); Minas Gerais (1); Espírito Santo (1);
- Região Nordeste - Cinco (5) instituições distribuídas em cinco (5) estados: Alagoas (1); Bahia (1); Paraíba (1); Pernambuco (1); Ceará (1);
- Região Sul – Três (3) instituições distribuídas em três (3) estados – Santa Catarina (1); Paraná (1); Rio Grande do Sul (1);
- Região Centro-Oeste - Uma (1) instituição em um (1) estado: Distrito Federal (1);
- Região Norte - Uma (1) instituição em um (1) estado: Pará (1).

O Quadro 1 permite uma melhor compreensão da distribuição desses programas: número de instituições com PPGCI por região; número de estados

com PPGCI por região e; número de PPGCI discriminado em cada estado por região.

Quadro 1 – PPGCI no Brasil

REGIÕES DO BRASIL COM PPGCI	Nº DE INSTITUIÇÕES COM PPGCI (POR REGIÃO)	Nº DE ESTADOS (C/ PPGCI POR REGIÃO)	QUANTITATIVO DE PPGCI (EM CADA ESTADO)
Região Sudeste	07	04	- São Paulo (3) - Rio de Janeiro (2) - Minas Gerais (1) - Espírito Santo (1)
Região Nordeste	05	05	- Alagoas (1) - Bahia (1); - Paraíba (1); - Pernambuco (1); - Ceará (1);
Região Sul	03	03	- Santa Catarina (1); - Paraná (1); - Rio G. do Sul (1)
Região CentroOeste	01	01	- Distrito Federal (1);
Região Norte	01	01	- Pará (1)
Total	17	14	17

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Plataforma Sucupira da Capes (2023)

No Quadro 2, é possível visualizar as instituições com Programas de Pós Graduação em Ciência da Informação por região/estado, com as modalidades de cursos e os quantitativos por estados.

Quadro 2 - Instituições e modalidades de PPGCI no Brasil

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO COM PPGCI	PPGCI		QUANTITATIVO DE PROGRAMA POR ESTADO
			MESTRADO/DOCTORADO		
SUDESTE	Rio de Janeiro	(IBICT/UFRJ)	M	D	02
		UFF	M	D	
	São Paulo	USP	M	D	03
		UNESP	M	D	

		UFSCAR	M	-	
	Minas Gerais	UFMG	M	D	01
	Espírito Santo	UFES	M	-	01
NORDESTE					
	Bahia	UFBA	M	D	01
	Paraíba	UFPB	M	D	01
	Pernambuco	UFPE	M	D	01
	Ceará	UFC	M	-	01
	Alagoas	UFAL	M	-	01
SUL					
	Santa Catarina	UFSC	M	D	01
	Paraná	UEL	M	D	01
	Rio G. do Sul	UFRGS	M	-	01
CENTRO-OESTE					
	Distrito Federal	UnB	M	D	01
NORTE					
	Pará	UFPA	M	-	01
TOTAL					17

Fonte: Dados de Pesquisa (Plataforma Sucupira da Capes, 2023)

A partir da identificação das 17 instituições com PPGCI's, realizamos escolha das bases de dados para recuperação dos documentos a serem analisados. Neste momento consideramos a experiência da autora enquanto bibliotecária e com pesquisa em bases de dados e, optou-se por realizar buscas estratégicas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Plataforma Sucupira) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Ibict. A escolha dessas bases de dados também justifica-se por ambas estarem vinculadas à instituições que historicamente se mostraram comprometidas com a ciência e a educação brasileira, a Capes, por atuar na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e o Ibict por fomentar e coordenar projetos, produtos e serviços

voltados para a organização, armazenamento, disseminação, uso e análise da informação.

- **Catálogo de Teses e Dissertações (SDI) - Plataforma Sucupira/Capes**

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em julho de 2002, disponibilizou o catálogo de teses com referências e resumos das teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação do país, a fim de facilitar o acesso a informações bibliográficas das dissertações de mestrado e das teses de doutorado nele publicadas e fornecidas diretamente a Capes pelos programas de pós-graduação de todo o país, os quais são responsáveis pela veracidade dos dados.

Inicialmente (de 1996 a 2001) foram disponibilizados 125.000 resumos de teses e dissertações. Visando a melhoria e ampliação dos dados disponíveis, foram resgatados e incluídos referências de trabalhos defendidos desde 1987, em diante.

Ao longo dos anos, considerando as demandas de usuários de informação (sobre consultas, alimentação do catálogo e tecnologia avançada) a ferramenta foi sendo aperfeiçoada e, em 2013, adotou a tecnologia Elastic Search (ES) e Java. Hoje, além de possibilitar a pesquisa por autor, título, instituição, nível e ano de defesa do trabalho, é possível também pesquisar nos campos resumo, palavras-chave, biblioteca, linha de pesquisa, área de conhecimento, programa, agência financiadora, nível e, ainda, pesquisar em todos os campos.

O Catálogo de Teses da Capes oferece acesso a informações consolidadas e que refletem as atividades do sistema nacional de pós-graduação brasileiro, permitindo ao usuário consultar todos os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira ano a ano, visto que, os dados são atualizados anualmente após o informe de atividades pelos programas de pós-graduação do país à Capes (Capes, 2020).

- **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) - Ibict**

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), inicialmente denominada Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foi criada e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep), tendo o seu lançamento oficial em 2002.

Para definição do projeto da BDTD foi criado, em abril de 2002, um Comitê Técnico-Consultivo (CTC), constituído por representantes do IBICT, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação (MEC) - representado pela CAPES, Secretaria de Educação Superior (SESu), Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e das três universidades que participaram do grupo de trabalho e do projeto-piloto a saber: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dentre as atribuições do grupo, o CTC apoiou o desenvolvimento e aprovou o Padrão Brasileiro de Metadados para Teses e Dissertações (MTD-BR).

A iniciativa de criação de uma base nacional de teses e dissertações foi pautada nas seguintes linhas principais de atuação: estudar experiências existentes no Brasil e no exterior de desenvolvimento de bibliotecas digitais de teses e dissertações; desenvolver, em cooperação com membros da comunidade, um modelo para o sistema; definir padrões de metadados e tecnologias a serem utilizadas pelo sistema; absorver e adaptar as tecnologias a serem utilizadas na implementação do modelo; desenvolver um sistema de publicação eletrônica de teses e dissertações para atender àquelas instituições de ensino e pesquisa que não possuíam sistemas automatizados para implantar suas bibliotecas digitais; difundir os padrões e tecnologias adotadas e dar assistência técnica aos potenciais parceiros na implantação das mesmas.

Ao longo dos anos após a sua criação, a BDTD passou por diferentes processos de atualização, desde o sistema em si ao padrão de metadados utilizado: aprovação pelo CTC o projeto de reestruturação do sistema da BDTD (2003); lançamento do novo portal da BDTD (2006); início da revisão do

Padrão Brasileiro de Metadados para Descrição de Teses e Dissertações (BDTD) e constituição do grupo de trabalho coordenado pelo IBICT, que contou com a participação de 16 instituições brasileiras de ensino e pesquisa participantes da, hoje chamada, Rede BDTD (2012); início da atualização tecnológica da BDTD (Portal de busca e coletador) e atualização do Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE) (2012/2013); Lançamento do novo Padrão de Metadados da BDTD; do novo Sistema da BDTD (Portal e coletador) e; do novo TEDE (2014); Atualização e apresentação do novo Portal da BDTD e coletador de metadados (2016/2017); atualização do *layout* e apresentação da interface do gestor de repositórios digitais e bibliotecas locais de teses e dissertações (2023).

E é a partir dessa trajetória que a BDTD está consolidada como uma das maiores iniciativas do mundo para a disseminação e visibilidade de teses e dissertações (BDTD, 2020).

2.3 CORPUS DA PESQUISA

Etimologicamente a palavra *corpus* - de origem latina - significa corpo. No contexto acadêmico, *corpus* é o conjunto de documentos sobre determinado tema, também entendido como uma coleção de materiais.

Bauer; Gaskel (2008) afirma que “nas ciências históricas”, *corpus* se refere a “uma coleção de textos” e citam a definição de *corpus* do Oxford English Dictionary (1989) como “um corpo de uma coleção completa de escritos ou coisas parecidas; o conjunto completo de literatura sobre algum assunto [...] vários trabalhos da mesma natureza, coletados e organizados”.

Barthes (2006, p.104) vai além da noção de *corpus* como uma coleção de textos e o define como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar”. Barthes inclui outros materiais que ele considera significantes da vida social, como textos, imagens, música e outros (Bauer; Gaskell, 2008, p. 44)

Nesse sentido, o *corpus* desta pesquisa se constitui dos estudos empíricos (teses e dissertações) sobre “práticas informacionais” produzidos no

âmbito dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, no período de 2008 - 2022.

Para acessar e delimitar o *corpus* documental desta pesquisa realizamos buscas estratégicas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD. A busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes foi iniciada com o termo “práticas informacionais” (entre aspas) no campo de busca, com um recorte temporal de 2008 a 2022, em seguida a busca foi refinada por Grande área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas; por área de conhecimento: Ciência da Informação; por área de avaliação: Comunicação e Informação; por nome do programa: Ciência da Informação; Ciências da Informação e Ciência da Informação UFRJ/IBICT (havia variação no nome do programa). Já na BDTD realizamos uma “busca avançada”, utilizando o termo “práticas informacionais” (no campo assunto) associada ao termo “ciência da informação (no campo assunto), ambos os termos entre aspas para delimitar o termo exato, unidos pelo operador booleano AND (E), o qual representa a intercessão e permite a recuperação de documentos que contenham apenas os termos utilizados e; o recorte temporal de 2008 – 2022.

Após a coleta e análise do material, eliminamos documentos indesejados, constituindo-se um *corpus* com 44 documentos. Para seleção do material foram utilizados os seguintes critérios: o documento deveria estar vinculado a um Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)/mestrado ou doutorado acadêmicos; o termo “práticas informacionais” descrito nas palavras-chaves indicadas pelo autor no documento; conter uma abordagem teórica-conceitual sobre práticas informacionais.

2.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Nesse estudo a estratégia de coleta de dados se refere à fonte dos dados, que foi realizada em dois momentos. Inicialmente utilizamos uma estratégia documental (teses e dissertações) e num segundo momento uma estratégia de campo (Appolinário, 2009, p.85) com entrevista semi-estruturada com sujeito/docente, realizada de forma remota, via Google meet.

Os dados quantitativos foram levantados a partir de buscas estratégicas de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD, conforme descrito anteriormente, na sub seção 2.3, para assim recuperar as teses e dissertações depositadas, em tempo, nas referidas bases de dados, oriundas dos programas de pós-graduação em CI no Brasil.

Após o mapeamento dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação (no Brasil) e seus respectivos cursos (mestrado e doutorado acadêmicos), identificamos as teses e dissertações em “práticas informacionais”, no período de 2008 – 2022, disponíveis nos Catálogo de Teses da Capes e na BDTD.

Em seguida, situamos no Quadro 13 – Situação dos Estudos de Práticas Informacionais no Brasil (2008 – 2022), os seguintes dados: ano, título do trabalho, autor, orientador, instituição, palavras-chave e, tipo de documento. Esse quadro foi desmembrado em quatro (4) Tabelas, a saber: Tabela 1 - Produção de teses e dissertações em práticas informacionais/Ano; Tabela 2 - Produção de teses e dissertações em práticas informacionais /Instituição; Tabela 3 - Produção de teses e dissertações em práticas informacionais/Região e; Tabela 4 - Produção de teses e dissertações em práticas informacionais/Professor-orientador.

A partir da Tabela 4 – Produção de teses e dissertações em práticas informacionais/professor/orientador, geramos o Quadro 14 – Formação acadêmica dos professores/orientadores das teses e dissertações em Práticas Informacionais, pela necessidade de conhecer a formação desses docentes, as quais foram identificadas no currículo lattes e distribuídas em mais três tabelas conforme o nível de formação desses docentes: Tabela 5: Nível graduação; Tabela 6: Nível mestrado e; Tabela 7: nível doutorado.

A partir de uma leitura criteriosa das teses e dissertações, fizemos uma síntese de cada estudo de Práticas Informacionais selecionado a fim de identificarmos os fundamentos sociológicos utilizados nesses estudos.

Assim, os dados foram categorizados por: sujeito/objeto de estudo, perspectivas teóricas, conceitos e noções e; fundamentos sociológicos.

Para a entrevista semi-estruturada, realizada à distância – utilizamos o recurso da plataforma Zoom (software gratuito que permite fazer reuniões com

imagem e voz entre dois usuários ou mais) - com o docente-coordenador do grupo de estudos (EPIC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - que vem desenvolvendo fortemente os Estudos de Práticas Informacionais nessa instituição - a fim de apresentar o processo histórico desses estudos no Brasil, tendo em vista que, até o momento da entrevista, pouco encontramos de registro na literatura da área sobre isso.

Uma entrevista caracteriza-se pela obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema. Nesta pesquisa adotamos a entrevista do tipo semi-estruturada por ser uma técnica que proporciona uma maior interação com os sujeitos e que contém, em parte, um roteiro previamente estabelecido, porém flexível, de perguntas. Para Minayo as entrevistas são conversas com finalidades (Minayo, 2007)

De acordo com Triviños (1987, p.146), a entrevista semi-estruturada “parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e [...] que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes”. Na entrevista semi-estruturada o entrevistado aborda livremente o tema proposto, podendo discorrer sobre o tema sem ficar preso a indagação (Minayo, 2007).

2.5 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados estão alicerçadas na literatura consultada e nos dados coletados e organizados, tendo por base a adoção de técnicas adequadas, a saber: os dados quantitativos foram trabalhados a partir de recursos estatísticos básicos (percentuais). Já a organização e análise dos dados qualitativos foram feitas a partir da técnica de categorização, tendo por base a obra de Bardin (2004). Entretanto também recorreremos a Richardson (1989) e Gomes (2010), os quais apresentam uma adaptação baseada na técnica de Bardin. A utilização dessas fontes proporcionou uma melhor compreensão dessa técnica, assim como a escolha de termos e/ou procedimentos mais adequados a esta pesquisa.

2.5.1 Técnica de Análise de Conteúdo

Para Bardin a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que podem ser usados para analisar materiais de pesquisas.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2004, p.37).

Essa técnica de pesquisa é constituída de três fases: 1ª) Pré-análise; 2ª) Exploração do material e; 3ª) Tratamento dos resultados/inferências/interpretações. A seguir, os desdobramentos dessas fases:

- **1ª FASE: Pré-análise**

É a fase da organização e sistematização das idéias iniciais com o objetivo de operacionalizar as análises. Essa fase envolve as seguintes etapas:

Quadro 3 - Fase de Organização e Sistematização das Ideias

Leitura flutuante	Trata-se do primeiro contato com o material selecionado para a análise (Bardin, 2004). É o momento em que se faz uma leitura compreensiva e exaustiva do material para se ter uma visão de conjunto, deixando-se invadir por impressões de seu conteúdo (Gomes, 2008), aqui, a leitura das teses e dissertações
Escolha dos documentos (<i>corpus</i>)	Etapa em que o pesquisador escolhe quais os documentos pretende analisar. É o que Bardin (2004) define como " <i>corpus</i> ". Um <i>corpus</i> é o conjunto de documentos considerados para serem submetidos aos procedimentos analíticos (Bardin, 2004, p.90).
Formulação dos objetivos	Nesta etapa, trabalhou-se com os objetivos desta pesquisa, os quais serviram de base para determinar as leituras e documentos a serem explorados. O objetivo, segundo Bardin (2004, p.92) "é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados.
Preparação do material	A fase de preparação dos dados a serem analisados, que neste estudo, refere-se à organização dos dados da entrevista que foi transcrita na íntegra e disposta em texto com trechos da fala do entrevistado e; os dados quantitativos que foram extraídos e organizados em tabelas e quadros, constituindo-se novos documentos.
Geração dos índices	Nesta etapa, surgirão os índices, os quais serão utilizados para classificar dados repetidos. Já a frequência desse índice será a quantificação das vezes em que esse dado surge.
Unidade de Registro (UR)	De acordo com Bardin (2004, p.98), a UR "é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização". As unidades de registros se referem às palavras, frases ou parágrafos retirados das

	Unidades de contexto , ou seja, as UR são fragmentos de depoimentos que são extraídos do todo (UC) . Por exemplo: se a unidade de registro é uma palavra, a unidade de contexto será uma frase ou um parágrafo.
Unidade de Contexto (UC)	Já a UC segundo Bardin (2004, p. 100), “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem”, o que possibilita “compreender a significação exata da unidade de registro”. Algumas vezes, para estabelecer as unidades de registro, é preciso fazer referência ao contexto da unidade que se quer registrar. Então, as unidades de contexto (UC) devem fazer compreender as unidades de registros (UR) .
Regras de enumeração	O modo de contagem. Segundo Bardin (2004, p.102), a <i>freqüência</i> é a medida mais geralmente usada. A importância de um <i>índice</i> aumenta com a freqüência de aparição deste, portanto, a regularidade quantitativa de aparição é aquilo que se considera significativo (Bardin, 2004).
Categorização	A maioria dos procedimentos de análise organiza-se em torno de um processo de categorização das componentes das mensagens analisadas. Entretanto, esta etapa não é obrigatória na análise de conteúdo, mas, a categorização facilita a análise da informação (Richardson, 1989; Bardin, 2004).

Fonte: Bardin (2004); Richardson (1989); Gomes (2010)

Na primeira fase, denominada pré-análise, realizou-se a leitura criteriosa das teses e dissertações recuperadas nas referidas bases de dados; em seguida foi feita uma síntese a fim de identificar os fundamentos sociológicos utilizados nesses estudos, além de identificar as categorias sujeito/objeto de estudo e perspectivas teóricas, conceitos e noções.

A escolha das categorias pode ser fundamentada nos objetivos, no referencial teórico e também de modo emergente, a partir do conteúdo coletado. Para Bardin (2000), a categorização classifica elementos que constituem um conjunto.

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 2000, p.117).

Nesse estudo geramos categorias com base nos objetivos específicos e de modo emergente, as que surgiram no curso da análise a partir do conteúdo coletado.

- **2ª FASE: Exploração do Material**

Essa é a fase da análise propriamente dita que é a administração sistemática das decisões tomadas, desde que a fase da pré-análise tenha sido convenientemente concluída (Bardin, 2004). Esta fase é considerada “longa e fastidiosa” pela autora, consiste em operações de codificação e enumeração a partir de regras já estabelecidas, para as quais aplica-se procedimentos manuais.

- **3ª FASE: Tratamento dos resultados/inferências/interpretações**

Nesta fase caminha-se na direção de uma síntese, fazendo articulação entre os objetivos do estudo, o referencial teórico e os dados empíricos.

Quadro 4 - Tratamento dos Resultados/Inferências/Interpretações

Descrição	Nesta etapa, apresentaremos os resultados seguidos de descrições cursivas, da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por sim próprios.
Inferências	A <i>inferência</i> é uma fase intermediária entre a <i>descrição</i> , que é a enumeração das características do texto após análise e, a <i>interpretação</i> , que é a significação concedida a essas características.
Interpretação	Nesta etapa, procura-se buscar sentido das falas para se chegar a uma compreensão ou explicação para além do que foi descrito e analisado. É fundamental ir além das falas, partindo do que está explícito para o que está implícito (GOMES, 2008): identificando e problematizando as idéias no texto; buscando sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às idéias; fazendo um diálogo entre as ideias problematizadas com informações advindas do referencial teórico do estudo e de outros estudos sobre a temática.

Fonte: Bardin (2004); Richardson (1989)

De acordo com Gomes (2010, p.88) “nem toda análise de conteúdo segue uma mesma trajetória”, visto que o caminho a ser seguido vai depender “dos propósitos da pesquisa, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica adotada”.

Ressaltamos que, embora essas fases estejam interligadas, elas não se sucedem rigorosamente de forma linear, algumas delas ocorrem concomitantemente.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Antes de adentrar o universo histórico da ciência da informação, um conceito primordial para entender e, mesmo antes de qualquer atividade científica, é o de ciência. Para tanto, achamos pertinente abrir um espaço para tecer breves considerações sobre ciência a partir de visões de diferentes teóricos.

De modo geral, a ciência pode ser entendida como uma atividade investigativa que busca descobrir verdades sobre questões do universo e conhecer a realidade na qual estamos inseridos.

Do ponto de vista antropológico, Minayo (2010, p.9) coloca que “sempre existiu preocupação do homo sapiens com o conhecimento da realidade”. As tribos primitivas, as religiões e filosofias, a poesia e a arte – e nesse universo de vários tipos de saberes, a ciência é apenas mais uma forma de expressão dessa busca de conhecimentos (Minayo, 2021).

Disse Thomas Kuhn (1998), quando escreveu sobre a ‘estrutura das revoluções científicas’, que “a ciência são construções sociais, humanas e históricas”. Nas reflexões de Kuhn (1998, p.20), “se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que [...] empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica”. Assim, o desejo de entender certos fenômenos é fundamental para nos conduzir a realização de uma pesquisa ou a realizar uma atividade científica.

Kuhn (1998) compreende o desenvolvimento do conhecimento científico, a partir do conceito de ‘ciência normal’, onde esta significa “a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas”, ou seja, a ciência normal “preocupa-se em se especializar pelo o que já está posto pelo paradigma vigente”. As mudanças ocorrem quando um problema ou uma anomalia perturba o andamento da pesquisa na ciência normal, gerando uma crise, momento em que perguntas e dados não podem ser entendidos ou compreendidos pelo conhecimento vigente (paradigma) e eclodem as revoluções científicas dando origem a novas teorias, que nunca são um simples incremento ao conhecimento que já vigora, posto que implica em

mudanças nas regras que já governava a prática anterior da ciência normal, portanto trata-se de um processo revolucionário (Kuhn, 1998).

É possível dizer que esse processo revolucionário acontece num campo regido por forças antagônicas, conceituado por Bourdieu como um universo intermediário onde estão os agentes e instituições que produzem, reproduzem ou difundem vários saberes, ou seja, um microcosmo dotado de suas próprias leis, que dispõe de uma autonomia parcial, ou de outra forma, uma autonomia controlada (Bourdieu, 2004).

Podemos dizer que esse campo ao qual Bourdieu se refere, são grupos sociais que, em parte, estruturam-se por si mesmo quando “indivíduos se reconhecem como membros de um mesmo corpo”, um mesmo campo, e se autodefinem de acordo com sua atividade (Fourez, 1995). E ao se reconhecerem entre si, se tornam pares com sua coerência própria, à exemplo da comunidade científica e de seus grupos específicos de uma mesma área e/u disciplina.

Para Fourez (1995) “a ciência constitui uma formidável criação da história humana”, acrescentando que a ciência “esclarece também a maneira pela qual ela é produzida pela sociedade, e como repercute sobre a mesma” (Fourez, 1995, p.11). Assim, entendemos que a ciência tanto influencia como é influenciada pela sociedade.

Nesse processo em que ocorre transformações na sociedade a partir da produção do conhecimento, Freire e Freire (2010, p. 29) colocam que “criamos o conhecimento que nos tem ajudado a conservar e transformar o mundo e tudo o que nele existe (inclusive nós mesmos)” e acrescenta que “temos transmitido esse conhecimento através de narrativas míticas ou, mais recentemente, de discursos científicos”, e que “ambos contém ‘informação’ sobre as diferentes formas de explicar o universo onde vivemos.

A ciência opera fundamentalmente com uma linguagem científica, dita diferente do senso comum. E aqui cabe uma colocação do sociólogo contemporâneo Boaventura de Sousa Santos que diz que foi a partir do séc. XIX que falou-se de um modelo global de racionalidade científica admitindo-se uma variedade interna de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional), o senso comum e as chamadas humanidades, que

incluíam os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos (Santos, 2008).

Entretanto, apesar da existência de vários tipos de conhecimento, a ciência vem ocupando uma posição de hegemonia em relação a outras formas de produção do conhecimento que nós temos e reproduzimos. De acordo com Minayo (2015, p. 9) “na sociedade ocidental, a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade”, e por essa pretensão de único promotor da verdade, é considerada um mito para muitos críticos. Nessa perspectiva, a ciência é o discurso que ainda tem associação direta com a verdade, pois se atribui total credibilidade ao discurso científico, como sendo aquele capaz de produzir a verdade sobre a realidade observada.

Para que a ciência se transformasse em conhecimento hegemônico e o seu discurso associado à verdade sobre o real nas suas múltiplas dimensões, levou um tempo, portanto é um processo histórico e que, segundo Minayo (2004), dois fatores contribuíram para que o conhecimento científico se consolidasse: um, pela sua possibilidade de responder a questões técnicas e tecnológicas - fator externo; e o outro, pelo fato dos cientistas terem uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo - fator interno (Minayo, 2004). Dessa forma, esses acontecimentos provocaram transformações de ordem política, econômica, cultural e contribuíram para que fosse instituída uma nova forma de sociedade humana, onde um tipo específico de conhecimento se tornasse hegemônico, o científico.

Le Coadic (2004, p. 17) destaca o pensamento de Engels para dizer que “toda ciência é uma atividade social determinada por condições históricas e socioeconômicas”, nesse sentido, a ciência se desenvolve para atender demandas de uma sociedade.

Toda ciência é uma atividade social determinada por condições históricas e socioeconômicas. Assim aconteceu com a ciência da natureza – a física -, e com o desenvolvimento da sociedade industrial. A física nasceu com o advento do sistema mercantil. Alguns de seus ramos formaram, ao longo do tempo, ciências independentes como a química e a biologia. Essa sociedade industrial necessitava de um sistema de produção que lhe permitisse uma utilização sempre crescente da natureza. E o desenvolvimento dessa produção industrial necessitava de “uma ciência que estudasse as propriedades físicas dos objetos naturais e as formas de ação das forças da natureza” (Engels *apud* Le Coadic, 2004, p.17).

Assim, com o desenvolvimento de uma cultura e das atividades científicas, com o advento do setor de indústrias da informação e das tecnologias eletrônicas (analógicas e digitais) e toda uma demanda massiva por informações, a sociedade, denominada por alguns de sociedade da informação, “necessita de uma ciência que estude as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso” (Le Coadic, 2004, p. 17)

Quando falamos em ciência, falamos também em campo científico e Bourdieu discute as propriedades do campo científico, como uma espécie particular do capital simbólico, que consiste no reconhecimento (ou no crédito) de uma competência atribuído pelos pares. Segundo o autor, a estrutura de cada campo é determinada pela distribuição do capital científico de seus indivíduos ou até mesmo das instituições relacionadas (Bourdieu, 2004).

Um campo, para Seracevic (1996, p. 41), “é definido pelos problemas que são propostos” e “a CI é definida como um campo englobando, tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, pelos problemas que propõe e pelos métodos que escolheu, ao longo do tempo, para solucioná-los”.

Os autores Freire e Freire (2010, p. 30) vêem o campo científico como “uma estrutura que atende à necessidades de organização da sociedade, fazendo parte do seu sistema de comunicação e trocas econômicas”.

Bauman (2001, p. 73) lembra que para Karl Marx “as idéias das classes dominantes tendem a ser as ideias dominantes” e coloca que “por pelo menos 200 anos foram os administradores das empresas capitalistas que dominaram o mundo”, visto que “era sua visão de mundo, em conjunto com o próprio mundo, formado e reformado à imagem dessa visão, que alimentava e dava substância ao discurso dominante”.

A partir desses pressupostos é possível pensar que a ciência é desenvolvida com a finalidade precípua de responder as principais questões de um novo tipo de sociedade que surge a partir de seu contínuo processo de transformação das relações sociais de produção da própria sociedade. Dessa forma, entende-se que a ciência está fundamentalmente ligada aos interesses de um tipo de sociedade.

Para Aquino (2011) embora a própria gênese da ciência seja complexa é urgente a reestruturação para uma nova ciência.

“Embora a própria gênese da ciência seja complexa e os diálogos interdisciplinares, transdisciplinares e as múltiplas relações ocorram em meio aos processos de tensões, confrontos, rupturas e contradições, é urgente reestruturar os fundamentos teórico-metodológicos para a constituição de uma nova ciência (Aquino, 2011, p.14)”

Segundo Santos (2008, p. 60) o paradigma que emerge “não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)”.

Para Silva e Freire (2014, p.21) a ciência contemporânea precisa pensar numa concepção de sociedade pautada na valorização do “ser” em detrimento do “ter”.

A ciência contemporânea, em sua multiplicidade, supera a percepção de neutralidade científica a partir do momento em que se situa contextualmente no espectro da prática social. Mas para que haja uma efetiva aproximação entre o discurso e a prática de superação da neutralidade é preciso pensar uma nova concepção de sociedade, mais pautada na valorização do ser (respeito às diferenças, afirmação coletiva e princípios de alteridade em detrimento do ter (valorização da individualidade, negação coletiva e princípios de valorização do eu) (Silva; Freire, 2014, p.21)

Santos (2008) ressalta que a concepção humanística das ciências sociais coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento.

A concepção humanística das ciências sociais enquanto agente catalisador da progressiva fusão das ciências naturais e ciências sociais, coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa. Não há natureza humana porque toda a natureza é humana (Santos, 2008, p. 71).

O que é reforçado por Fourez (1995, p.95) quando diz que “o método de produção da ciência passa, portanto, pelos processos sociais que permitem a constituição de equipes [...]” e nessa perspectiva a ciência surge como “um processo humano, feito por humanos, para humanos e com humanos”.

O método de produção da ciência passa, portanto, pelos processos sociais que permitem a constituição de equipes estáveis e eficazes: subsídios, contratos, alianças sociopolíticas, gestão de equipes etc.

Mais uma vez, a ciência aparece como um processo humano, feito por humanos, para humanos e com humanos (Fourez, 1995, p. 95).

E nessa produção da ciência, que é feita de humanos para humanos, é fundamental o compromisso ético, o respeito e o diálogo. O que nos remete ao pensamento de Habermas (ano), filósofo/sociólogo contemporâneo, que defende a comunicação como forma de expressão mais apurada e o diálogo dentro de uma concepção ética, inteligível, verdadeiro, sincero, coerente, para a construção de uma sociedade justa e democrática.

É crucial que se formem cientistas conscientes de sua responsabilidade social para que possam produzir uma ciência a serviço da humanidade e não contra a ela.

É nessa “pegada” social que a ciência contemporânea nos convida a ter um compromisso ético com o mundo, a estar atento as conseqüências culturais e sociais das ações científicas, para que estas não sejam alheias ao que está acontecendo nas sociedades (local e global), e que valores como o respeito a diversidade, a cultura de paz e a emancipação dos sujeitos e o compromisso com a verdade na produção e compartilhamento da informação possam conduzir a humanidade.

Nessa perspectiva, percebe-se como tendência da produção do conhecimento na Ciência da Informação uma forma diferente de apreender os fenômenos informacionais, num direcionamento para o âmbito sociocultural, o que possibilita estudar dimensões que até pouco tempo a CI não havia explorado, conforme podemos identificar nas próximas discussões desse estudo, mas antes de abordar esse tema, vamos retroceder no tempo e destacar alguns aspectos importantes que contribuíram para o desenvolvimento dessa ciência, sem a pretensão em seguir uma linha evolutiva e linear, devido a multiplicidade de acontecimentos em diferentes lugares que perpassam esse campo científico.

Foi na década de 1960, no vácuo da Segunda Guerra Mundial, em meio a Guerra Fria - que surgiu a Ciência da informação, em meados do século XX. Nesse período, havia uma competição entre os Estados Unidos e a União Soviética, duas potências que lideravam outros países. Portanto não foi

casualmente que a Ciência da Informação nasceu nos Estados Unidos, União Soviética e na Inglaterra (Araújo, 2018).

Tal surgimento foi influenciado por alguns fatos marcantes daquela época, como o desenvolvimento científico e tecnológico, o crescimento exponencial da informação que culminou com a denominada explosão da informação, que caracterizou esse momento, em que a informação se torna basilar para o progresso econômico, ancorado no binômio Ciência & Tecnologia (Pinheiro; Loureiro, 1995).

Para Brasileiro, Loureiro e Freire (2015) a partir do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, a atividade de informação ganha importância para o setor estratégico-militar influenciando assim, o aumento da produção científica e das novas tecnologias de informação e comunicação.

A partir do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, no momento em que os processos atrelados à informação, sobretudo os que envolviam o armazenamento, a organização e a distribuição da informação científica, passaram a ser analisados como recurso estratégico por países envolvidos em conflitos ideológicos, dá-se início ao aumento desenfreado da produção de pesquisas científicas, concomitantemente ao desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação (Brasileiro; Loureiro; Freire, 2015, p.143)

Assim, é nesse período histórico, marcado por um interesse estratégico militar, em produzir conhecimentos tecnológicos mais rápido do que o inimigo, caracterizado como um conflito de ordem informacional, que a Ciência da Informação possui suas raízes embrionárias (Araújo, 2018).

O intuito era o de resolver o grande problema causado pela explosão documental, que era o de como reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento produzido no mundo (Le Coadic, 2004).

Seracevic (1996, p.43) ressalta que problemas informacionais sempre existiram, porém “sua importância real ou percebida mudou e essa mudança foi responsável pelo surgimento da CI”.

Odone (2006) afirma que o surgimento da CI se deu porque precisava romper um passado de práticas que não eram mais suficientes para atender as demandas da nova sociedade, marcada pela explosão tecnológica.

[...] A ciência da informação se constituiu no Brasil – assim como no resto do mundo – de maneira a romper com um passado de práticas que não se mostravam mais competentes para atender às necessidades bibliográficas e documentais de uma sociedade

marcada pela explosão tecnológica e, principalmente, de uma comunidade científica em contínuo processo de crescimento (Odone, 2006, p.46).

Para Seracevic (1996) a origem da Ciência da Informação se dá com o artigo de Vannevar Bush, de 1945, em que ele identificou o problema da explosão informacional e propôs a utilização de tecnologia da informação para resolvê-lo.

O artigo de Vannevar Bush, pesquisador do Massachusetts Institute of Technology (MIT), intitulado *As we may think*, que “abordava o problema da informação em ciência e tecnologia e os prováveis obstáculos para a organização e repasse da informação à sociedade” teve uma grande repercussão e chegou em Londres, na *Royal Society Scientific Information Conference*, em 1948. Na oportunidade foi criada uma nova área com a denominação de ciência da informação. É importante ressaltar que, Vannevar Bush foi o responsável pelo Comitê Nacional de Pesquisa e, posteriormente, do “*Office for Scientific Research and Development*”, de 1938 a 1942 (Pinheiro; Loureiro, 1995).

Segundo Brasileiro; Loureiro; Freire (2015, p. 143), a ideia de Bush (1945), “incitou o mundo acadêmico, governantes e órgãos de Estado, no que diz respeito ao desenvolvimento de programas estratégicos para o efetivo controle da explosão informacional”.

Compreende-se então que o despertar do interesse científico na busca de soluções para os problemas relativos ao processo de armazenamento e recuperação da informação, conforme evidenciado nos estudos de Bush (1945), corresponde a um dos principais fatores que sinalizaram a necessidade do campo científico da Ciência da Informação (Brasileiro; Loureiro; Freire, 2015, p. 143).

Ainda de acordo com Pinheiro; Loureiro (1995), é nesse período que identificam-se marcos importantes para a formação de um novo campo científico: a conferência realizada no Georgia Institute of Technology (Geórgia Tech) em 1962; o Relatório Weinberg em 1963; o trabalho *Informática*, de Mikhailov, em 1966; o estudo de Rees e Saracevic em 1967 e; a clássica definição apresentada por Robert Taylor (1966), publicada no *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), este por sua vez, credita ao Institute of Technology (GeorgiaTech), e que foi sintetizada por Borko

em *Information Science: whatis it*, de 1968 (Garcia, 2002), onde ele diz que a ciência da informação [...]

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos para processá-la, a fim de obter acessibilidade e utilização ótimas. Está interessada num conjunto de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.[...] É uma ciência interdisciplinar relacionada com a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia de computação, a pesquisa operacional, as artes gráficas, a comunicação, a biblioteconomia, a administração [...]. Tem componentes de uma ciência pura, que investiga o assunto sem relação com sua aplicação, e componentes de uma ciência aplicada, que cria serviços e produtos (Borko, 1968, p.3)

Na definição acima, Borko (1968) apresenta a interdisciplinaridade como característica natural da área, por fazer dialogar dentro dela contribuições de diferentes áreas do conhecimento.

Outra característica da CI levantada por Wersig (1993) é de que ela é uma ciência pós moderna pelo fato da informação não constituir um objeto empírico específico da realidade não estudado por outras ciências já existentes. Assim tem-se como especificidade da CI uma forma específica de enxergar diferentes fenômenos da realidade definido como um *olhar informacional do real*; a terceira característica é de que a CI é uma ciência humana e social, relacionada fundamentalmente a própria natureza dos fenômenos estudados que não possuem uma natureza em si, *i.é*, a informação não existe independente dos sujeitos que se relacionam com ela (Araújo, 2014, p.14).

Há muitos estudos sobre o desenvolvimento da CI realizados por diferentes autores com seus objetivos e perspectivas próprias, os quais delimitaram paradigmas epistemológicos que se inter-relacionam e se complementam, à exemplo de: Saracevic (1999), dos Estados Unidos, que identificou três conceitos de informação, no sentido restrito, amplo e mais amplo ainda); Orom (2000), da Dinamarca, – identificou três paradigmas no campo, físico, cognitivo e alternativo; Molina e Maya Arregón (2002), da Espanha, apresenta três modelos de estudos da CI, positivista, cognitivo, custodial; Silva e Ribeiro (2002), de Portugal, compreendem a CI a partir de dois paradigmas, o primeiro, historicista, tecnicista e custodial e o segundo,

dinâmico, científico e informacional e, por fim; Capurro (2002), da Alemanha, que apresenta três paradigmas dominantes da CI, o físico, o cognitivo e o social (Araújo, 2014).

De acordo com Capurro (2003), a ciência da informação se desenvolveu a partir de três paradigmas predominantes: o físico, o cognitivo e o social (Capurro, 2003).

Minha tese é que a ciência da informação nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social ou [...] por uma „epistemologia social“ (social epistemology), mas agora de corte tecnológico digital (Capurro, 2003, p. 34).

Cada um desses paradigmas oferece perspectivas únicas para a compreensão do papel da informação na sociedade.

O modelo físico, fortemente influenciado pelas tecnologias, calcado na teoria Matemática da Comunicação que nasce na década de 1960 junto com a CI e de onde surge o primeiro conceito científico de informação. A informação era vista como objeto externo ao usuário; com significado em si mesma. E o usuário, um ser passivo, um mero utilizador dos sistemas de informação.

A Teoria Matemática da Comunicação e da Informação de Shanonn e Weaver, publicada em 1948, enunciou pela primeira vez um conceito científico de informação e ficou conhecida como Teoria da informação (Araújo, 2018, p. 20). No modelo de Shannon e Weaver, a informação é compreendida como uma forma linear no processo de comunicação, no qual tem uma fonte emissora que transmite uma mensagem codificada (signos) através de um canal a um receptor que a decodifica, o destinatário, em um ambiente possível de ruído.

Segundo Capurro (2003) essa teoria “propõe uma fórmula na qual se parte do número de seleções que implica tal codificação”, além do ruído no momento da transmissão, e é esse número de seleções que Shannon chama de informações. Dessa forma, “a maior quantidade de seleções possíveis correspondem a maior informação e, conseqüentemente, a maior insegurança por parte do receptor em virtude do ruído” (Capurro, 2003) .

O foco era a eficácia do processo da comunicação, para provar que havia um limite para transmissão de sinais em um canal físico de comunicação, possível de ser calculado.

Apesar desse processo contemplar três níveis de problemas – técnico (referente ao transporte da mensagem/operação física), semântico (relacionado a atribuição de significados/operação mental) e pragmático (relacionado a eficácia/o desafio é fazer com que a mensagem transmitida ao receptor provoque uma reação desejada pelo receptor) – Shannon e Weaver se voltam apenas para o primeiro nível do processo, o técnico, relacionado ao transporte da mensagem (físico), independente dos sujeitos e do contexto, excluindo a dimensão subjetiva da informação e enfatizando o caráter objetivo que é passível de ser estudado cientificamente (Nunes, 2022; Araújo, 2018, p.22).

Ao adotar essa teoria, a ciência da informação reduz seu objeto de pesquisa e considera, apenas, os aspectos físicos da informação, inserindo-se no contexto das pesquisas na época da Guerra Fria, na qual seus pesquisadores adotaram uma linha de raciocínio positivista, que consiste nas mesmas técnicas de observação e pesquisa utilizadas nas ciências da natureza (Araújo, 2018).

Nessa teoria a informação é definida como medida de incerteza, compreendida como quantificável, importa conceitos das ciências exatas, como entropia e redundância, o que foi muito útil para os estudos de recuperação da informação (Araújo, 2018), porém foi idealizada para máquinas e não para pessoas, não se aplicando completamente a ciência da informação, embora tenha sido muito importante para sua história (Oliveira, 2005).

Oliveira (2005) complementa que o trabalho com a recuperação de informações deu subsídios para o desenvolvimento de muitas aplicações em produtos, sistemas, redes e serviços, além de conduzir a estudos teóricos e conceituais sobre natureza da informação, a estrutura de conhecimento e seus registros, estudos de uso e usuários da informação dentre outros.

Outra teoria que influenciou a ciência da informação foi a Teoria Geral de Sistemas, desenvolvida pelo biólogo Bertalanffy, na década de 1930. Originada do movimento sistêmico, essa teoria ganhou importância com a

publicação sobre Cibernética, de Wiener, em 1948, infundindo os conceitos de redes e sistemas de informação.

Baseado em três premissas básicas (os sistemas existem dentro de outros sistemas; os sistemas são abertos e; as funções de um sistema dependem de sua estrutura), esse modelo influenciou fortemente o campo científico de maneira geral e contribuiu com a ideia de inter-relação entre os elementos de um sistema.

Araújo (2018, p. 23) coloca que a ideia principal que embasa essa teoria é a de que “o todo é maior do que as partes e de que as partes devem ser estudadas, necessariamente, a partir da função que desempenham para a manutenção e sobrevivência do todo” e que a lógica sistêmica priorizou a ideia de ciclo, uma vez que todo processo sempre representa a saída (output) de alguma entidade, e essa saída provoca a formação de novos elementos de entrada (input) (Araújo, 2018).

A Teoria Sistêmica teve papel fundamental na definição do objeto - sistemas de informação - os quais foram pensados a partir da mesma lógica: entrada de dados (aquisições), processamento técnico (catalogação, classificação, indexação) e saída (informação recuperada pelo usuário).

Por volta dos anos 70, tem-se origem o paradigma cognitivo, inspirado na Teoria dos três mundos, de Karl Popper (1999): mundo 1 – físico; mundo 2 - da mente, da consciência; mundo 3 – das idéias, dos registros intelectuais (Almeida, 2007).

Esse paradigma inclui a cognição como fator fundamental do processo, o qual sofreu grande influência da Equação Fundamental da Ciência da Informação, elaborada por Brookes (1980) (Capurro, 2003) e fundamentada por Belkin no início dos anos 1980 com a teoria dos Anomalous States of Knowledge. (Araújo, 2014). Essa equação exprime a passagem de estado de conhecimento (anômalo) $K[S]$ para um novo estado de conhecimento $K[S+\Delta S]$, a partir da contribuição de um novo estado de conhecimento ΔK extraído de uma informação ΔI , sendo que ΔS indica o efeito dessa modificação (Almeida, 2007, p. 20). Nessa fórmula, Brookes define a informação como o estado de conhecimento do indivíduo alterado por uma nova informação.

Nessa década destaca-se a Conferência de Copenhagen (1977), no qual houve o confronto entre as teorias racionalistas e sistêmicas em contraposição às abordagens psico-sociológicas centradas no usuário (Almeida *et al.*, 2007).

Nesse paradigma, a informação desloca-se em direção a uma contextualização mais ampla e tem como foco principal o usuário e seu conhecimento individual (Seracevic, 1995). A informação sai do mundo externo do usuário e vai para sua mente; o sujeito passa a ser visto como um sujeito cognoscente e ativo no processo de busca da informação. O conceito de informação é vinculado ao entendimento de dados e conhecimento. A informação não é só uma coisa que é transmitida por meio de um suporte físico. Nesse modelo a informação tem a ver com conhecimento (Capurro, 2003; Araújo, 2014).

O paradigma cognitivo enfatiza o aspecto comportamental, mas não leva em consideração o contexto do indivíduo, o que leva Frohmann (1992), a chamá-lo de reducionista, visto que nesse paradigma a informação é considerada como algo separado do usuário (Araújo, 2014). A visão desse paradigma enfatiza o comportamento do usuário, mas desconsidera o contexto no qual ele se insere.

Assim o paradigma social surge como uma crítica ao paradigma cognitivo, no qual, a mudança é mais ampla ainda do que apenas cognitiva nos sujeitos a partir do contato deles com dados, documentos, sistemas de informação. A informação se desloca do usuário e passa ser vista como uma construção social e está diretamente relacionada a ação dos sujeitos no mundo e aos contextos nos quais ela acontece e existe. Os sujeitos informacionais, são os atores, protagonistas responsáveis coletivamente pela construção e interpretação da informação e do conhecimento (Araújo, 2014).

Essa virada social na ciência da informação reconhece a importância das interações sociais, culturais e políticas na produção e compartilhamento de informação, considerando a influência dos contextos sociais na criação e uso da informação.

Esse movimento da CI na perspectiva do paradigma social nos remete ao que Capurro (1991) considera como uma das principais idéias da hermenêutica que é a abordagem holística do relacionamento entre o homem e

o mundo: o indivíduo não está isolado, solto no mundo; o ser é um ser-no-mundo-com-outros. A informação passa pela interpretação das pessoas que se relacionam com ela. Com a hermenêutica, Capurro amplia as possibilidades teóricas de estudar o fenômeno informação (Araújo, 2009)

Para Rendón Rojas (2005) a informação é a união de elementos objetivos (dados) e subjetivos (estruturas interpretativas dos sujeitos); Frohman (2006) apresentou sua proposta de estudo de regimes de informação, que analisa os fluxos informacionais de dimensões político-econômicas concreta de um contexto específico; Hjørland (2007) apresenta uma visão pragmatista, informação é algo que se dá “mediante o encontro de pressupostos e perspectivas partilhados por um determinado coletivo e no decurso de suas ações, em determinados contexto e linha de conduta” (Araújo, 2009; 2014).

A informação existe em um contexto concreto, ela é construída e o sujeito é ativo, não apenas no âmbito dos sistemas de informação, mas além destes.

Na visão de Rendón Rojas, a informação surge como “uma propriedade particular de objetos materiais, sensíveis, mas não se resumem a eles [...]” (Araújo, 2014, p. 21). Toda essa busca por entender o fenômeno informação são contribuições teóricas que abrem possibilidades de estudos com abordagens contrárias a perspectiva original da CI (Araújo, 2009).

Gonzàles de Gómez defende que pensar a informação nessa dimensão social nos leva a entender que a informação se constitui num contexto comunicacional dinâmico onde se estabelecem trocas simbólicas (Gonzàles de Gómez, 1999).

Dentre os aspectos estudados, o argumento de que o valor da informação é socialmente construído e varia em diferentes contextos (Hoyer, 2011), vem se fortalecendo.

E nesse cenário, Aquino (2011) contribuiu com seu estudo dizendo que há que se pensar nessa forma de fazer ciência com o compromisso de realizar estudos que contemplem a diversidade, a localidade, a especificidade, o contingente e que colocam a CI no contexto das ações sociais (Aquino, 2011). Ações essas que são produzidas pelo homem e interferem no mundo, ao mesmo tempo em que ele é influenciado por ela.

Partindo da perspectiva de Berger e Luckmann (1985, p. 246) que consideram que “a realidade humana é socialmente construída”, Araújo (2003, p.25) identifica na discussão desses autores um caminho para entender a informação, não como uma existência em si mesma, mas como algo que vai sendo percebido e construído de variadas formas pelos sujeitos sociais.

Ao discutir a realidade como algo que é construído socialmente e não com uma existência em si mesma, independentemente dos sujeitos que conhecem, os autores abrem caminho para uma compreensão da informação não como um dado, uma coisa que teria um significado e uma importância *per se*, mas como um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação [...] (Araújo, 2003, p. 25).

Para melhor compreensão desse processo é importante destacar o conceito de realidade trabalhado por Berger e Luckmann (1985, p.246) - onde “realidade” é entendida como “uma qualidade pertinente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos desejar que existam)”, ou seja, a realidade é entendida como fenômenos existentes independentes de nossa vontade e não como decorrente da ação humana em processos sociais. Para tanto os autores analisam a sociedade pelas perspectivas da realidade objetiva (fatores sociais, institucionalização e legitimação) e da realidade subjetiva (processo de apreensão, interpretação, interiorização do mundo pelo sujeito). Entretanto a “simetria entre essas duas realidades (objetiva e subjetiva) não é “estática”, elas são “produzidas e reproduzidas” no momento da ação, de maneira dialética e oscilante (Berger; Luckmann, 1985).

Nesse sentido, Araújo (2003) fala de uma “dimensão” que “ao mesmo tempo é social e individual” e, uma outra dimensão que não é nem objetiva e nem subjetiva, é “intersubjetiva”.

Assim, a informação não é algo pronto que sai de um sujeito para o outro, mas é algo que se dá entre os sujeitos no momento da interação, num determinado contexto, em um processo dinâmico. Ela depende da interação recíproca entre indivíduos.

Atualmente a Ciência da Informação têm grandes desafios, à exemplo de questões como a pós-verdade no universo das redes sociais, a busca pela

diversidade, entre outros. E nessa perspectiva, apresentamos um conceito de Araújo (2018) sobre ciência da informação, o qual serviu de base para esse estudo, pela sua abrangência, atualidade e pertinência.

A Ciência da Informação é uma disciplina que estuda as distintas maneiras como os seres humanos produzem, compartilham, organizam, disseminam, interpretam e utilizam diferentes registros de conhecimento (livros, vídeos, postagens nas redes sociais, teses, fotografias, imagens, memes, músicas, filmes), bem como as ações desempenhadas por distintas instituições, serviços e sistemas que atuam junto a essa produção e uso (motores de busca na internet, serviços de compartilhamento de mensagens em bibliotecas, arquivos, museus, meios de comunicação de massa, entre outros).

Recentemente a Ciência da Informação tem se voltado para estudos sobre o papel da informação na conformação da percepção de realidade pelos sujeitos, o desafio da preservação dos conteúdos dos ambientes digitais, a promoção de uma apropriação crítica dos conteúdos informacionais, a busca pela diversidade e pluralidade no fluxo de informação mundial, a questão da pós-verdade, as conseqüências do crescimento informacional como o *big-data*, entre outras (Araújo, 2018)

Assim, a ciência da informação, enquanto campo científico que estuda amplamente os problemas informacionais em suas várias dimensões, ao incorporar a dimensão social e buscar compreender como o ser humano se relaciona com a informação em diversos contextos de práticas, supera limites e mostra-se como uma ciência vinculada e comprometida com os problemas contemporâneos da sociedade, abrindo horizontes para novas questões de pesquisa e atores sociais.

3.1 CIENCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

A partir da repercussão global das discussões sobre a ciência da informação nos Estados Unidos e na Europa, a Ciência da Informação chega ao Brasil pelo viés institucional e governamental com a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954, visando estudar problemas relacionados a informação, no Brasil, bem como desenvolver políticas informacionais (Silva; Freire, 2015).

O auxílio financeiro inicial para o IBBB, veio da United Nations Educational Scientific and Cultural Organization/Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como parte de uma

política mundial de criação e implementação de sistemas nacionais de informação científica e tecnológica a fim de reduzir a distância entre países centrais e periféricos. Através do IBBD foram realizados muitas capacitações e cursos de especialização para bibliotecárias e profissionais da educação, com destaque para os esforços empreendidos por Lydia Sambaquy tanto na construção do IBBD, quanto no planejamento das atividades técnico-científicas informacionais (Silva; Freire, 2015).

Apesar do IBBD se configurar como o órgão que deu início as práticas científicas, tecnológicas e profissionais de informação nos centros de informação, Silva e Freire (2015) colocam que ele não foi o primeiro a desenvolver as atividades de bibliografia e documentação no Brasil, tendo em vista que a Fundação Getúlio Vargas já desenvolvia uma atividade de documentação na área de ciências sociais.

Em consequência da criação do IBBD, que a partir de 1976 foi denominado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), estrutura-se o primeiro curso de pós-graduação em ciência da informação. É quando, segundo Cardoso (1996, p. 74), a ciência da informação no Brasil surge no cenário oficial.

A ciência da informação no Brasil é herdeira direta da Biblioteconomia, da Bibliografia e da Documentação. Seu aparecimento no cenário oficial deu-se com a criação de Mestrado com tal denominação pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, sucessor do antigo IBBD - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Tal fato, além de comprovar as origens citadas, demonstra também a vinculação estreita e o compromisso da ciência da informação com a ciência e a tecnologia, hegemonia mantida até os dias atuais (Cardoso, 1996, p. 74).

De acordo com Pinheiro (2007) o Ibict foi o espaço institucional para o nascimento da CI no Brasil.

O Instituto, na confluência de ações de vanguarda como as primeiras bibliografias brasileiras especializadas, por processo automático, no final dos anos 60, foi o solo fértil para que novas ideias em circulação nos Estados Unidos e na Europa fossem semeadas em território nacional (Pinheiro, 2007).

Com suas atividades voltadas para a informação científica e tecnológica, além do curso de pós-graduação, o Ibict também lançou a revista “Ciência da Informação”, no início da década de 70.

Na esteira do viés institucional, criou-se a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), fundamental para o fortalecimento da identidade nacional da CI.

A criação da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia), principal sociedade científica da área, no final da década de 80, constitui um grande passo para dar visibilidade das pesquisas produzidas nos programas de pós-graduação, principalmente pela oportunidade que oferece aos docentes, alunos e pesquisadores da área, nos Encontros anuais realizados (Noronha; Maricato, 2008, p.117).

A Ancib veio com a finalidade de fortalecer a pós-graduação, tanto na questão administrativa, quanto no aprimoramento de pesquisas dos docentes das pós graduações e de seus programas.

O propósito da Ancib era “auxiliar na organização e norteamento da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil”. Assim, a mesma realizou o primeiro Encontro Nacional de Pesquisa (Enancib), como instrumento de incentivo à pesquisa em CI (Silva; Freire, 2015), o qual ocorreu em 1994, em Belo Horizonte, MG, com produções de pesquisas de alguns programas de pós graduação em CI (Silva; Freire, 2015).

No início o Enancib não tinha uma periodicidade regular e só a partir de 2005 o evento começa a ser realizado anualmente. No Quadro 5 relacionamos os ENANCIB por ano, local e seus respectivos temas centrais.

Quadro 5 – Eventos do Enancib

EVENTO	ANO	LOCAL	TEMA CENTRAL
ENANCIB	1994	Belo Horizonte, MG	-
II ENANCIB	1995	Valinhos, SP	-
III ENANCIB	1997	Rio de Janeiro, RJ	-
IV ENANCIB	2000	Brasília, DF	Conhecimento para o século XXI: a pesquisa na construção da sociedade da informação
V ENANCIB	2003	Belo Horizonte, MG	Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade: desafios do milênio
VI ENANCIB	2005	Florianópolis, SC	A política científica e os desafios da sociedade da informação
VII ENANCIB	2006	Marília, SP	A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação
VIII ENANCIB	2007	Salvador, BA	Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em ciência da informação
			Diversidade cultural e políticas de

IX ENANCIB	2008	São Paulo, SP	informação
X ENANCIB	2009	João Pessoa, PB	Responsabilidade social da ciência da informação
XI ENANCIB	2010	Rio de Janeiro, RJ	Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
XII ENANCIB	2011	Brasília, DF	Políticas de informação para a sociedade
XIII ENANCIB	2012	Rio de Janeiro, RJ	A sociedade em rede para inovação e desenvolvimento humano
XIV ENANCIB	2013	Florianópolis, SC	Informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano
XIV ENANCIB	2014	Belo Horizonte, MG	Além das 'nuvens': expandindo as fronteiras da Ciência da Informação
XV ENANCIB	2015	João Pessoa, PB	Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes
XVII ENANCIB	2016	Salvador, BA	Descobrimientos da Ciência da Informação: desafios da Multi, Inter e Transdisciplinaridade (MIT)
XVIII ENANCIB	2017	Marília, SP	Informação, sociedade, complexidade
XIX ENANCIB	2018	Londrina, PR	Sujeito informacional e as perspectivas atuais em Ciência da Informação
XX ENANCIB	2019	Florianópolis, SC	A ciência da informação e a era da ciência de dados
-	2020	-	*Não houve devido a Pandemia de Covid-19
XXI ENANCIB	2021	Rio de Janeiro, RJ	50 anos de Ciência da Informação no Brasil (completamente online)
XXII ENANCIB	2022	Porto Alegre, RS	O papel da Ciência da Informação em tempos de desinformação
XXIII ENANCIB	2023	São Cristovam, SE	Das mediações às práticas informacionais: contribuições da Ciência da Informação

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do site da Ancib (2024)

É importante destacar o XXIII Enancib, realizado no ano de 2023, deu ênfase aos estudos de práticas informacionais e teve como tema central “Das mediações às práticas informacionais: contribuições da Ciência da Informação”, o que revela como a perspectiva de práticas vem se avançando no campo da Ciência da Informação brasileira.

A Ancib trabalha em duas frentes: uma com os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, representados pelos seus coordenadores e, outra, com o Encontro Nacional de Pesquisa da Ancib (Enancib) - fórum de debates e reflexões voltados para pesquisadores com interesse em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em Grupos de Trabalho.

Até 2022 o Enancib contava com 11 Grupos de Trabalhos. Entretanto em 2023 foi criado mais um GT com a temática “**Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades**”, totalizando atualmente 12 Grupos de Trabalho (GT), conforme Quadro 6.

Quadro 6 - Grupos de Trabalho do Enancib

GRUPOS DE TRABALHOS (GT)	TEMÁTICA
GT-1	Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação
GT-2	Organização e Representação do Conhecimento
GT-3	Mediação, Circulação e Apropriação da Informação
GT-4	Gestão da Informação e do Conhecimento
GT-5	Política e Economia da Informação
GT-6	Informação, Educação e Trabalho
GT-7	Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação
GT-8	Informação e Tecnologia
GT-9	Museu, Patrimônio e Informação
GT-10	Informação e Memória
GT-11	Informação & Saúde
GT-12	Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do site da Enancib (2024)

A Ancib tem como finalidade “acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil”. Desde sua criação, a Ancib “tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação” (Ancib, 2019).

. Assim, a Ancib consolidou-se como uma importante entidade de classes que vem representando científica e politicamente as discussões sobre esse campo científico, influenciando diretamente no desenvolvimento da pós graduação em Ciência da Informação no Brasil.

3.2 BREVE HISTÓRICO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CI NO BRASIL

Foi no contexto do Regime Militar que a pós-graduação brasileira se estruturou, a partir do parecer Newton Sucupira (1965) e da implementação da Reforma Universitária (1968), período em que a educação e o desenvolvimento econômico estavam atrelados a um projeto de governo militar que pretendiam um modelo de ensino superior, de universidade e de pós-graduação para atender seus interesses (Alves; Oliveira, 2014).

Segundo, Alves e Oliveira (2014) o objetivo da reforma “era implantar e desenvolver o regime de cursos de pós-graduação no âmbito do ensino superior”. Esses autores colocam que em uma análise mais crítica, Chauí (1980, p.35), afirma que a reforma foi uma estratégia para “atender às demandas de ascensão e prestígio sociais de uma classe média que apoiara o golpe de 64 e reclamava sua recompensa”.

Assim, foi sob a égide da “formação de quadros de alto nível, a pesquisa e o desenvolvimento das ciências, tecnologias e conhecimento aplicado para o crescimento econômico do país, que o movimento da implementação da pós-graduação no Brasil, na concepção de alguns autores, foi usado como estratégia para aprovação da reforma universitária de 68 (Germano, 2005; Savianni, 2008 *apud* Alves; Oliveira, 2014).

Foi nesse período que teve início a estruturação, normatização, institucionalização, fomento, expansão e sistemática de avaliação da pós-graduação, cujas diretrizes e bases permanecem ainda hoje (Alves; Oliveira, 2014).

Para Silva e Freire (2015, p. 161) “a Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil não pode ser analisada de forma dissociada de instrumentos, institucionais, acadêmicos e governamentais”, e afirma que os “primeiros passos institucionais da CI no Brasil foi promovido pelo IBBD, na década de 1970, com a criação do Mestrado em Ciência da Informação, primeiro da América Latina, com áreas de concentração em Usuários; Administração de sistemas de informação/documentação e; Transferência da informação (enfoque matemático e estatístico).

De acordo com Pinheiro (1995) inicialmente, “o curso esteve fortemente voltado ao processamento técnico da informação”, entretanto “essa tendência foi se diluindo, ao longo do mestrado”.

Sob o escudo do desenvolvimento científico e tecnológico (C&T), bem como da importância de sua divulgação e, considerando que o CBBD era o órgão que já cuidava de aspectos documentários e bibliográficos no país, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir de incentivos político e institucional para a realização dessa mudança, em 1976, extingue o IBBD e cria o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), adequando, assim, a nomenclatura do órgão ao contexto e transferindo direitos e obrigações do primeiro para o segundo, além de mudanças nas competências e finalidades, fontes de recursos, produtos e serviços do órgão (Silva; Freire, 2015, p. 172-3).

Essas mudanças institucionais provocaram alterações na pós-graduação em Ciência da Informação. Com a parceria do IBICT com a UFRJ, o regulamento foi alterado e aprovado por esta universidade em 1977, além de passar a ter uma programação mais flexível com disciplinas optativas e áreas de concentração reduzida, ficando as áreas de “Administração de Sistemas de Informação/Documentação” e “Transferência de Informação”, eliminando-se a área de “Usuários” como área específica para que alunos de outras áreas pudessem cursá-la, promovendo, assim, um diálogo mais amplo com outras áreas de conhecimento, à exemplo da Biblioteconomia, Engenharia, Administração e computação (Silva; Freire, 2015, p. 174).

Apesar dos cursos de pós-graduação terem se originados nos anos de 1960, foi a partir da década de 1970 que se deu a proliferação desses cursos. No Brasil, outros cursos de pós-graduação da área surgiram entre 1976 e 1978, a saber:

- Mestrado em Administração de Bibliotecas - na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/1976;
- Mestrado em Biblioteconomia - na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC de Campinas)/1977;
- Mestrado em Biblioteconomia e Documentação - na Universidade de Brasília (UnB)/1978 e;
- Mestrado em Biblioteconomia - na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/1978 .

Embora sejam áreas afins, os mestrados de Biblioteconomia e Ciência da Informação tinham perspectivas diferentes, sendo o primeiro mais voltado para a atuação de profissionais em bibliotecas universitárias, especialmente, já o segundo visava a qualificação de professores e pesquisadores (Silva; Freire, 2015, p. 174).

Esses autores ressaltam ainda que a criação dos cursos de mestrado em Biblioteconomia partiu de uma demanda - por parte de órgãos financiadores da pós-graduação no Brasil, particularmente da Capes - de pessoal qualificado para gerenciar as bibliotecas universitárias, visto que essas davam suporte informacional aos cursos.

A fragmentação identitária dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação se deu por falta de uma articulação mais geral, embora os cursos de mestrado em biblioteconomia buscassem o fortalecimento de uma identidade local da área a partir da escolha das áreas de concentração, como características políticas e econômicas da região em que estavam inseridos e o perfil dos professores (Silva; Freire, 2015).

Na década de 1980 a pós-graduação (*strictu sensu*) brasileira passa por mudanças na tentativa de fortalecer o processo de identidade nacional, inserindo-se a discussão sobre identidade essencialista (enaltece o contexto nacional, êxitos, características e sua história) e não-essencialista (valoriza as diferenças, a fragilidade no estabelecimento de fronteiras sociais, culturais, econômicas, políticas e científicas). Essa busca por uma identidade nacional enfrentou uma resistência internacional, dificultando a publicação de trabalhos no exterior por tratarem de temas específicos da realidade brasileira (Silva; Freire, 2015).

Ainda na década de 1980, não houve criação de novos cursos e, sim, um aperfeiçoamento dos cursos já existentes, primando pela afirmação de uma identidade nacional voltada para bibliotecas e problemas relativos à informação na sociedade de forma mais ampla, conforme Silva; Freire (2015), a saber:

- IBICT/UFRJ – área de concentração: Processamento de informação; Estrutura e Fluxo de Informação; Informação, Cultura e Sociedade;
- USP – área de concentração: Geração e Uso da Informação; Análise Documentária e Ação Cultural e Biblioteca;
- UFMG – área de concentração: Biblioteca e Educação; Biblioteca e Informação Especializada;

- PUC de Campinas – área de concentração: Planejamento e Administração de Sistemas;
- UnB – área de concentração: Planejamento, Organização e Administração de Sistemas de Informação Científica
- UFPB – área de concentração: Biblioteca e Sociedade.

Segundo Pinheiro e Loureiro (1995), em 1980/81 a ênfase era nos sistemas de informação e em 1982/1983 continuou e, só em 1985 incluiu uma linha de pesquisa em Informação, Cultura e Sociedade.

Em 1980/81 [...] a ênfase era nos sistemas de informação, tanto entre as disciplinas obrigatórias (recuperação da informação e automação de sistemas de informação), quanto no chamado ciclo avançado: administração de sistemas de informação, análise de sistemas e avaliação de sistemas de informação. [...] Nos anos de 1982/83, “a ênfase continuava a ser em sistemas de informação (administração, planejamento e avaliação). A partir de 1985, o doutorado em comunicação inclui uma linha de pesquisa em “informação, cultura e sociedade (Pinheiro e Loureiro, 1995, p.41).

Anos depois é que se dá a consolidação da CI, no início da década de 1990, a partir da expansão da produção científica, mudança da nomenclatura de pós-graduação em Biblioteconomia para pós-graduação em Ciência da Informação; o surgimento de novos programas de pós (de mestrado e de doutorado); e pelo desenvolvimento de associações científicas, especialmente a criação, em 1989, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) (Silva; Freire, 2015, p.193).

Assim, não se tratava de uma mudança, apenas, de nomenclatura dos cursos de pós-graduação de Faculdades, Institutos e Escolas de Biblioteconomia, conforme Silva e Freire (2015) tratava-se de uma mudança de ênfase no objeto de estudo que passou da biblioteca para a informação, *i.é.* uma forma ampliada de estudo sobre o fenômeno informação englobando também a biblioteca.

Destaca-se na década de 1990, a implantação de cursos de doutorado em ciência da informação na UnB (1992); no Ibict/UFRJ (1994) e; na UFMG (1997).

O impacto de todas essas mudanças refletiu no aumento expressivo de candidatos (da CI e de outras áreas); inclusão de professores com formação em áreas afins; reformulação nas áreas de concentração dos respectivos

cursos, bem como o redimensionamento de suas linhas de pesquisas, com fronteiras mais alargadas e dinâmicas, visando adequação ao desenvolvimento da CI (Silva; Freire, 2015).

No século XXI dá-se o fortalecimento das pós-graduações em ciência da informação favorecendo a pesquisa e a formação de doutores, a partir de momentos considerados importantes e desafiadores por Población e Noronha (2003) citados por Silva e Freire (2015, p. 207):

1. Ambiente que propicia a demanda pelos sistemas de informação iniciado na sociedade brasileira nas décadas de 70 e 80;
2. A explosão tecnológica que culmina no final do século XX.

No início do século XXI ocorrem algumas mudanças como criação de novas pós-graduações em CI, bem como mudança de foco de outras já existentes, as quais contribuíram para a construção da pós-graduação em CI nesse século, conforme Silva; Freire (2015, p, 221-2):

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (IBICT-UFF) – Área de concentração: Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento (2004-2008);

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ) – Área de concentração: Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento (a partir de 2009);

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (USP) – Área de concentração: Cultura e Informação (a partir de 2006);

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (UFMG) – área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação (desde 1997);

- Mestrado em Ciência da Informação (UFPB) – Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade (a partir de 2007);

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação e Documentação (UnB) – Área de concentração: Doutorado: Transferência de Informação; Mestrado: Planejamento e Gerência de Unidades de Informação (até 2009); Gestão da Informação (a partir de 2010);

- Curso de Mestrado em Ciência da Informação (PUCCAMP) – Área de concentração: Administração da informação (a partir de 2001 até 2010);

- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (UNESP) – Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento (a partir de 2005);
- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (UFBA) – Área de concentração: Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea (a partir de 2006);
- Curso de Mestrado em Ciência da Informação (UFSC) – Área de concentração: Gestão da Informação (a partir de 2003);
- Curso de Mestrado em Ciência da Informação (UFPE) – Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia (a partir de 2009);
- Curso de Mestrado em Ciência da Informação (UFF) – Área de concentração: Dimensões Contemporâneas da Informação e do Conhecimento (a partir de 2009);
- Curso de Mestrado em Ciência da Informação (UEL) – Área de concentração: Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento (a partir de 2010).

Na busca de construir uma nova identidade da CI e um novo posicionamento na sociedade, Silva e Freire (2015) ressaltam dois aspectos importantes a partir dos cursos descritos: “todos os programas de pós graduação mencionados atribuem como matéria-prima de produção científica, a informação”; as relações regionais entre alguns programas de pós graduação utilizam a informação como instrumento de benefício para as comunidades e sociedade em geral.

Dessa forma a pós-graduação em CI no Brasil veio se desenvolvendo com concentração nas ciências sociais e humanas e fortalecendo sua estrutura acadêmico-curricular, bem como sua identidade de projeto (Silva; Freire, 2015).

Ao longo dos anos percebe-se que alguns cursos deixaram de existir, à exemplo do mestrado da PUCCAMP; novos programas foram criados e outros, já existentes, modificaram suas áreas de concentração a fim de abranger estudos contemporâneos que vêm se potencializando dentro do campo da CI. No Quadro 7 podemos visualizar as áreas de concentração dos atuais programas de pós graduação em CI no Brasil.

Quadro 7 - PPGCI - Áreas de concentração

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	DATA DE INÍCIO
SU DES TE	USP	Cultura e Informação	2006
	UNESP	Informação, Tecnologia e Conhecimento	2012
	UFMG	Informação, Mediações e Cultura	2017
	UFSCAR	Conhecimento, Tecnologia e Inovação	2016
	UFES	Informação, Sociedade e Cultura	2019
	UFF	Dimensões Contemporâneas da Inf. e do Conhec.	2009
	UFRJ/IBICT	Inform. e Mediações Sociais e Tecnol. p/ o Conhec.	2009
NOR DES TE	UFBA	Inform. e Conhec. na sociedade Contemporânea	2012
	UFPB	Informação, Conhecimento e Sociedade	2007
	UFAL	Informação, Tecnologia e Inovação	2019
	UFPE	Informação, Memória e Tecnologia	2012
	UFC	Representação e Mediação da Inform. e do Conhec.	2016
SUL	UEL	Organiz., Acesso e Apropriação da Inf. e do Conhec.	2018
	UFSC	Informação e Sociedade	2022
	UFRGS	Informação, Ciência e Sociedade	2019
CENTRO OESTE	UnB	Gestão, Organização. e Comunicação. da Inf. e do Conhec.	2022
NORTE	UFPA	Gestão da Informação e Organiz. do Conhecimento	2017

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Plataforma Sucupira (2024)

Comparando os dados da Plataforma Sucupira, expostos no Quadro 7 com os dados encontrados em Silva e Freire (2015), percebe-se que a partir de 2016 houve um aumento da criação de seis (6) novos cursos de pós graduação em CI, a saber: 2016 (UFC, UFSCAR), 2017 (UFPA), 2019 (UFAL, UFES, UFRGS). Esses novos cursos, bem como as alterações das áreas de concentração, procuram se alinhar com as mudanças que ocorrem na sociedade e assim atender as novas demandas dessa sociedade (no sentido macro) ou de uma determinada região e ou estado (no sentido micro), o que implica que uma perspectiva de estudo pode ser mais forte em um determinado local do que em outro, por demandar discussões mais específicas e aprofundadas sobre uma ou outra temática.

4 ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Os Estudos de usuários da informação se caracterizam como uma das sub-áreas da Ciência da informação (CI) com vasta tradição (Araújo, 2010) e seu objeto empírico são os usuários e os usos de informação.

Este campo origina-se na Biblioteconomia, no âmbito da Universidade de Chicago (EUA), onde os estudos eram mais voltados pra questões sociais, impactos culturais e tinha uma preocupação com a função da biblioteca na sociedade. E foi nessa universidade que foram realizados os primeiros estudos científicos sobre comunidades de usuários de bibliotecas, nas décadas de 1930 e 1940 (Araújo, 2010).

De acordo com Figueiredo (1994, p. 7), originalmente os estudos de usuários buscavam saber que tipo de informação o indivíduo precisava e se sua necessidade era satisfeita por parte de um sistema de informação, verificando-se “por que, como e para quais fins os indivíduos usam informação, e quais os fatores que afetam tal uso”.

Estudos de Usuários são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (Figueiredo, 1994, p.7).

Esses estudos eram canais de comunicação entre a biblioteca e os usuários a que ela servia. Eles eram importantes para identificar a demanda de produtos e serviços, permitindo a alocação de recursos para investimentos necessários, dando grande contribuição para os estudos de necessidades de usuários

Tradicionalmente os estudos de usuários da informação trabalham com conceitos como necessidade, desejo, busca, uso e comportamento e os grupos estudados variam desde estudantes, professores, pesquisadores, cientistas que se utilizam de um sistema de informação em um ambiente institucional.

De acordo com Figueiredo (1994) foi em meados da década de 1940 que foram realizados a maior parte de estudos nesse campo, especialmente na Conferência da Royal Society, em 1948, com os trabalhos que fomentaram a discussão para a realização de estudos sobre as necessidades de usuários,

assim como na Conferência Internacional de Informação Científica, em Whashington, em 1958, que contribuiu para o desenvolvimento sobre os estudos de usuários.

A maioria dos estudos nesse campo foi realizada a partir da segunda metade da década de 40. Na Conferência da Royal Society, em 1948, foram apresentados trabalhos que vieram contribuir para criar preocupação para estudos orientados às necessidades dos usuários. A Conferência Internacional de Informação Científica, em Washington, em 1958, também muito contribuiu para o desenvolvimento desta área de investigação, com diversos trabalhos apresentados sobre estudos de usuários (Figueiredo, 1994, p.7)

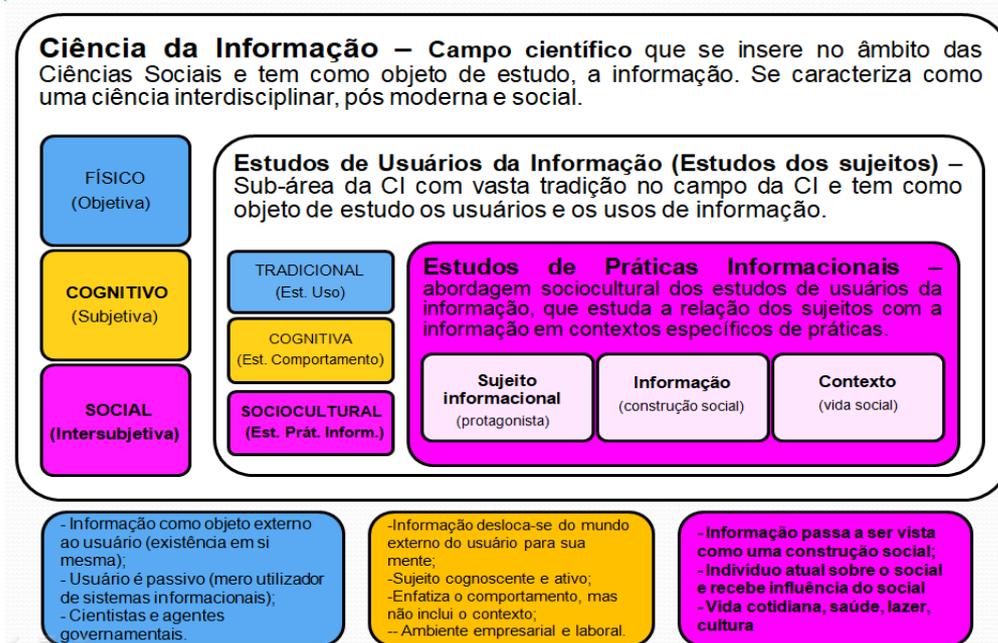
Posteriormente muda-se o foco para o aperfeiçoamento de serviços de bibliotecas e as necessidades informacionais dos usuários na perspectiva cognitiva e, no final dos anos 70, surgem os estudos qualitativos focados nos usuários (Rocha, 2017).

Já os estudos dos anos 90 adotam uma nova ótica em relação aos sujeitos, buscando compreender o sujeito e suas ações, consideradas indissociáveis de seu contexto histórico e sociocultural (Araújo, 2007).

Recentemente os estudos de usuários vêm trabalhando com a abordagem de práticas buscando entender a relação do indivíduo com o fenômeno informação em contextos informais e dinâmicos de informação, obviamente, ainda em menor quantidade.

Os estudos de usuários constituem um importante campo da Ciência da Informação e através de uma trajetória de pesquisas desenvolvidas na área, revelaram-se diferentes modelos desses estudos, marcadamente os Estudos de uso; os Estudos de comportamento e; os Estudos de práticas informacionais, os quais se desenvolveram em paralelo com os paradigmas da CI (físico, cognitivo e social) apresentados por Capurro (2003), conforme elaboramos a figura 1.

Figura 1 – Estudos de Prá. Inf. no contexto dos Estudos dos Sujeitos na CI



Fonte: Elaborado pela autora com base em Capurro (2003); Araújo (2010)

Assim, a abordagem tradicional está associada aos primeiros estudos de usuários da Informação, em que a informação é vista como um objeto externo ao usuário; a abordagem cognitiva surge como uma mudança de perspectiva e enfatiza o comportamento do usuário na busca de informação, excluindo-se o contexto e; na abordagem sociocultural, tendência mais recente do campo da ciência da informação, a informação é vista como uma construção social e o sujeito informacional é um protagonista responsável coletivamente pela construção e interpretação da informação e do conhecimento em contextos variados de ação (Capurro, 2003; Araújo, 2010).

Cunha; Amaral; Dantas (2015, p.36) afirmam que os estudos de usuários “na perspectiva da Biblioteconomia, o ambiente informacional em destaque é a prestação de serviços pelas bibliotecas e, na CI, o ambiente se expande para as organizações e seus ambientes de aprendizagens”.

Na Ciência da Informação, destacam-se dois grupos de Estudos de Usuários, aqueles centrados nas bibliotecas e sistemas e aqueles centrados nos usuários (Figueiredo, 1994; Duarte, 2012). O primeiro tem o foco na satisfação do usuário com os serviços ofertados. E o segundo avalia como um

indivíduo/grupos de indivíduos se comportam na obtenção de informação que ele necessita (Duarte, 2012, p.76).

De acordo com Araújo (2014) a pesquisa sobre usuários de informação vem se desenvolvendo em duas direções que, embora distintas entre si, não se dão de forma isolada, mas em progressiva interação:

De um lado, a progressiva superação de uma perspectiva cognitiva/mentalista em prol de abordagens sócio-culturais e pragmatistas (acompanhando a evolução da ciência da informação como um todo, em suas diferentes subáreas); de outro lado, o crescente diálogo entre estudos de usuários da informação, em geral (no ambiente científico, empresarial, social, etc), e estudos de usuários em arquivos, em bibliotecas e em museus (representando um dos espaços de diálogo entre os campos de conhecimento da Arquivologia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Museologia (Araújo, 2014).

Para Amaral (2014 *apud* Cunha; Amaral; Dantas, 2015, p. 36) os estudos de usuários estão “relacionados com os diversos aspectos e características da relação do usuário com a informação em suas ações, comportamentos e práticas informacionais”.

Assim temos que os estudos realizados com usuários da informação investigam a relação do usuário com a informação desde suas necessidades passando por comportamentos até as práticas de uso da informação por um indivíduo ou grupo de indivíduos em contextos sociais.

Como a informação permeia todos os lugares, a CI também vem estudando, de forma mais ampla e exploratória, práticas informacionais de comunidades e grupos de indivíduos fora desses espaços formais (bibliotecas, arquivos, organizações) a fim de entender como estes se relacionam com a informação.

De acordo com Silva (2008, p.14), “estudos sobre o uso de informação no cotidiano ainda são raros na Ciência da Informação”, a maioria das pesquisas realizadas “utiliza a abordagem tradicional dos estudos de usuários e visam atender a demandas imediatas de uma instituição ou sistema”. Entretanto, essa visão vem se modificando e hoje é possível identificar um avanço da produção de conhecimento desses estudos com a abordagem sociocultural, onde a informação é vista como uma construção social e os

sujeitos informacionais surgem como protagonistas, responsáveis por essa construção da informação e do conhecimento

Nas próximas seções abordaremos cada um desses estudos (uso, comportamento informacional e práticas informacionais) com suas respectivas abordagens (tradicional, alternativa e sociocultural), relacionando a evolução do conceito de informação na CI e enfatizando aspectos considerados relevantes para a base teórica de nossa pesquisa.

4.1 ESTUDOS DE USO DA INFORMAÇÃO – ABORDAGEM TRADICIONAL

Conhecida como abordagem tradicional, os estudos de uso associam-se aos primeiros estudos de usuários da informação que surgiram no início do século XX, mais precisamente nos anos 1930, com ênfase de 1970 a 1980, porém continua até hoje. Esses estudos iniciais foram desenvolvidos por bibliotecários e docentes vinculados à Graduate Library School da Universidade de Chicago, os quais abordavam grupos sociais tomados em seu conjunto, denominados “estudos de comunidade”, fundamentais para o papel educativo das bibliotecas públicas. Posteriormente esses estudos se deslocaram para o estudo de indivíduos específicos em bibliotecas (Figueiredo, 1994; Araújo, 2014).

Na abordagem tradicional, associada ao paradigma físico da CI, o conceito de informação, conforme Capurro (2003) foi elaborado a partir da Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver.

Em tal perspectiva, a informação é entendida como um fenômeno objetivo, com existência independente dos sujeitos e dos contextos, algo possível de ser transmitido tal como é de um ponto a outro num processo de comunicação (Araújo, 2012, p.146).

Dessa forma a informação era tida como objeto externo ao usuário, com significado em si mesma e, o usuário era passivo, *i. é*, um mero utilizador dos sistemas de informação.

Nessa fase os estudos de usuários seguiam a tradição positivista, nos quais predominavam os métodos de pesquisa quantitativos e o foco era nos produtos, serviços ou sistemas de informação, procurando saber o quanto e como eram utilizados, as dificuldades e satisfação percebidas com seu uso,

desconsiderando o fator mais importante, aquele a quem estava destinado, o usuário ou grupos de usuários. Nas pesquisas coletavam-se as características grupais e demográficas desses usuários, bem como, o número de empréstimos, de consultas aos sistemas e visitas a uma biblioteca (Cunha; Amaral; Dantas, 2015).

As críticas que surgiram sobre esses estudos eram referentes às pesquisas que eram bastante empíricas, com conceituação superficial e enfoques tendenciosos, cujos resultados não apresentavam um corpo teórico que pudesse ser aplicado aos usuários de maneira geral. (Brittain, 1975 *apud* Cunha; Amaral; Dantas, 2015).

Apesar das críticas a essa abordagem, ressalta-se a importância desses estudos, considerando a herança do positivismo nas pesquisas em ciências sociais e a complexidade de estudar fenômenos humanos aos moldes das ciências puras e exatas.

Com base em Araújo (2021, p. 28) apresentamos um resumo das características dos estudos de uso.

Quadro 8 – Principais Características dos Estudos de Uso

Estudos de Uso	
Modelo teórico	Positivismo e funcionalismo
Concepção de usuário da informação	Dados sociodemográficos
Principais conceitos	Relevância, sistema de informação, demanda, necessidade, requisito
Métodos de ensino	Indicadores quantitativos e correlação de variáveis
Metodologia de Pesquisa	Quantitativa por meio de questionários
Objetos empíricos mais estudados	Cientistas e agentes governamentais

Fonte: Com base e adaptado de Araújo (2021)

Nesse contexto, as limitações da abordagem tradicional, deram lugar ao desenvolvimento de uma nova abordagem centrada no usuário e denominada abordagem alternativa.

4.2 ESTUDOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL – ABORDAGEM ALTERNATIVA

A origem das pesquisas sobre Comportamento informacional remonta os anos de 1945, após a Conferência da Informação Científica da Royal Society, quando foram publicados diversos artigos sobre as temáticas necessidades de usuários, necessidades de informação e comportamento de busca de informação, período em que os estudos utilizavam métodos quantitativos. A partir dos anos 1980 é que os estudos de comportamento informacional se desenvolveram marcados pelo uso de métodos qualitativos nesse tipo de estudo (Ferreira; Queiroz; Resende, 2019).

Nessa fase, inicia-se no campo da CI, uma perspectiva de estudos cognitivos da informação, onde o conceito de informação é associada a ideia de “conhecimento objetivo” de Popper, por Belkin e Brookes (Araújo, 2012).

A abordagem subjetivista toma o usuário como sujeito em seus estados cognitivos, afetivos, situacionais envolvidos no contato com a informação, mas sem considerar profundamente o papel constitutivo do sujeito em seus estudos (Rocha, 2017). O enfoque é na individualidade do sujeito cognoscente e ativo no processo de busca da informação. Aqui a informação desloca-se do mundo externo do usuário para sua mente.

Esse tipo de abordagem, denominada alternativa, mostra a possibilidade de desenvolvimento do estudo de usuários que direciona o foco para o ponto de vista do próprio usuário (Amaral, 2012).

Segundo Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 84) os aspectos mais importantes da abordagem alternativa são:

- O objeto de estudo é um sujeito, levando em conta o usuário em contínuo processo de construção do conhecimento;
- Analisa situações particulares que conduzem às interações com o sistema, mas o foco é o usuário e não o sistema;
- O indivíduo é visto em seus diferentes contextos;
- O sistema é estudado pela visão do usuário. Por exemplo, como o usuário define suas necessidades em distintas situações, como se apresentam estas situações ao sistema e como se faz uso do que o sistema oferece (Cunha; Amaral; Dantas, 2015, p. 84).

Os novos estudos de comportamento de usuários se caracterizam por:

- Observar o ser humano como sendo construtivo e ativo;
- Considerar o indivíduo como sendo orientado situacionalmente;
- Visualizar holisticamente as experiências do indivíduo;
- Focalizar os aspectos cognitivos envolvidos;
- Analisar sistematicamente a individualidade das pessoas;

- Empregar maior orientação qualitativa
(Ferreira, 1997 apud Pereira, 2002, p.141)

Em 1981, Thomas Wilson definiu o comportamento informacional como “as atividades de busca, uso e transferência de informação, nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação” (Wilson, 1981 *apud* Cunha, 1982).

Para Wilson (1997) tanto o contexto, como o trabalho e o papel do indivíduo na sociedade interferem no comportamento de busca de informação do indivíduo, além da interferência de possíveis barreiras (Wilson, 1997 *apud* Figueiredo; Paiva, 2015, p. 32).

Essas necessidades de informação (psicológicas, afetivas ou cognitivas) estão diretamente relacionadas à personalidade do indivíduo, aos papéis que ele desempenha na sociedade e aos vários contextos ambientais (econômicos, tecnológicos e políticos), que influenciam os diferentes papéis sociais que ele exerce (Furtado; Alcará, 2019).

A urgência e a importância da necessidade de informação influenciam o padrão da busca de informação (Salazar *et al.*, 2007). Ainda segundo Salazar o comportamento de busca de informação está relacionado a ações consideradas por indivíduos no momento da busca de informação.

El comportamiento en labúsqueda de información se centra em las actividades del individuo, las cuales responden a las tendencias del medio de aquí que conviene determinar los estímulos de entrada que para este caso están representado por la necesidades de información, tanto diferidas como inmediatas; las respuestas equivalen a las acciones que el individuo debe llevar a cabo em subúsqueda de información. El funcionamiento del comportamiento se encuentra em el centro de los cambios de conducta em reacción a las modificaciones del medio, pues considera la forma em que um individuo aprende a producir respuestas que le permiten adaptarse a su entorno (Salazar *et al.*, 2007, p.138).

Segundo Wilson (1981 *apud* Araújo, 2014, p. 33) foi a partir da década de 1980 que percebeu-se a existência de dois tipos de estudos de usuários: “aqueles orientados para a biblioteca (como elas são usadas) e aqueles orientados para os usuários propriamente ditos – como elas são usadas”. Sendo grande parte sobre comportamento informacional e com diferentes modelos desses estudos.

Dentre os principais modelos teóricos propostos para o comportamento de busca de informação, podemos citar os de: Belkin (1980), Wilson (1981), Dervin (1983), Taylor (1986), Ellis (1989); Kuhlthau (1991), conforme Quadro 10.

Quadro 9 - Modelos Teóricos de Comportamento Informacional

TEÓRICOS	DESCRIÇÃO DOS MODELOS
Belkin (1980) Anomalous States of Knowledge (ASK)	A busca de informação é baseada nos estados anômalos de conhecimento dos usuários. Nesse modelo, os usuários possuem um problema, mas nem o problema nem a informação necessária para resolvê-los são claramente compreensíveis (são anômalos) e os usuários devem passar por um processo de clarificação para articular uma requisição de busca
Wilson Elaborado(1981) e revisado(1996)	<p>Investe nos padrões do comportamento informacional humano, direcionados às necessidades de informação dos usuários. As necessidades de informação não são necessidades primárias, pois não têm sua gênese nas necessidades básicas (fisiológicas, cognitivas e afetivas) do sujeito, portanto são secundárias; e, diante da busca de informação, o sujeito pode se deparar com diversas barreiras (individuais, pessoais, interpessoais e ambientais).</p> <p>Wilson aprimorou esse modelo, adicionando os conceitos de mecanismos de ativação, caráter cíclico da busca, importância do contexto e categorização de variáveis intervenientes, envolvidas com os aspectos individual, social e ambiental do indivíduo. Na reformulação Wilson apropriou-se do modelo Sense Making, incluindo um estágio entre a pessoa e a consciência da necessidade de informação, que Dervin apresenta como uma “lacuna” entre a situação e o uso da informação.</p>
Derwin (1983) Teoria <i>sense making</i>	No modelo, o conjunto de premissas conceituais e teóricas para analisar como pessoas constroem sentido nos seus mundos e como elas usam a informação e outros recursos nesse processo. Procura lacunas cognitivas e de sentido expressas em forma de questões que podem ser codificadas e generalizadas a partir de dados diretamente úteis para a prática da comunicação e informação.
Taylor (1986) Modelo Valor Agregado	Taylor descreve quatro níveis de necessidade de informações evidentes nos usuários: visceral, consciente, formalizada e adaptada. Sendo que no visceral, o usuário tem uma vaga sensação de insatisfação, um vazio de conhecimento que quase sempre é inexprimível em termos lingüísticos; no consciente, a área de indecisão que pode ser descrita mentalmente através de afirmações vagas ou narrativas ambíguas; no formalizada, há uma necessidade apontada formalmente, seja através de uma pergunta ou um tópico; no adaptado, a questão conforme apresentada para o sistema de informação
	Descreve oito atividades genéricas de busca de informação (modelo comportamental derivado do estudo dos padrões de busca de cientistas sociais, físicos e químicos):

<p>ELIS (1989)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Iniciar - identifica fontes que podem servir como ponto de partida; Encadear – seguir novas fontes sugeridas pela fontes iniciais; ▪ Vasculhar – agrupar informações relacionadas pelo tema; ▪ Diferenciar – filtrar e selecionar fontes; ▪ Monitorar – explorar sistematicamente uma ou mais fontes; ▪ Extrair – explorar sistematicamente uma ou mais fontes; ▪ Verificar – checagem para garantir correção ou ausência de erros óbvios; ▪ Finalizar – voltar a literatura após a conclusão de uma pesquisa na fase de escritura do texto.
<p>Kuhlthau (1991) Information Search Process (ISP)</p>	<p>Analisa os fatores cognitivos e emocionais atuantes em cada uma das seis etapas do processo de busca e uso da informação - iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação revelando que a necessidade, a motivação da busca e todo o processo é influenciado pelo estado emocional do indivíduo.</p> <p>Kuhlthau divide o processo de busca de informação em seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação e cada estágio do processo de busca caracteriza-se comportamento do usuário em três campos de experiência: o emocional (sentimentos); o cognitivo (pensamento) e; o físico (ação).</p>
<p>Choo (1998)</p>	<p>Esse modelo de uso de informação relaciona os principais elementos que influenciam o comportamento do indivíduo quando busca e usa a informação, em três estágios: a necessidade de informação, a busca de informação e o uso da informação.</p> <p>Tem como base conceitual os trabalhos de Wilson (1981, 1999), de Dervin (1993), de Kuhlthau (1991) e de Taylor (1986).</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base Araújo (2014); Duarte (2012); Furtado; Alcará (2015)

Gasque e Costa (2010, p.27) identificam sete características no modelo cognitivo, a saber:

[...] aquela em que se reconhece a subjetividade humana, resultante de uma realidade que não transmite significado constante; o Construtivismo, onde o conhecimento inacabado constitui, com o uso da linguagem, interações do indivíduo com o meio; a Visão dos usuários como seres ativos guiados por seus objetivos e capacidade de escolha; a Situacionalidade que considera a variação no comportamento conforme a situação; a Visão holística que insere o indivíduo num contexto social mais amplo; o Cognitívismo baseado na crença de que as abordagens centradas no comportamento e desenvolvimento cognitivo podem contribuir com a Ciência da Informação e a Individualidade sistêmica que preconiza a inclusão dos valores individuais (Gasque; Costa, 2010, p.27)

Destaca-se como principal diferença entre os estudos de uso e de comportamento, a vinculação aos aspectos psicológicos, identificada como cognitivista.

Baseado em Araújo (2021, p.28) apresentamos um resumo das características dos estudos de Comportamento Informacional.

Quadro 10 - Principais Características dos Estudos de Comportamento Informacional

Estudos de Comportamento informacional	
Modelo teórico	Behaviorismo e cognitivismo
Concepção de usuário da informação	Sujeito com lacuna de informação
Principais conceitos	Necessidade, busca, uso, lacuna
Métodos de ensino	Análise de linha do tempo e recomposição de tarefas
Metodologia de Pesquisa	Entrevistas descritivas e categorização
Objetos empíricos mais estudados	Ambiente empresarial e laboral

Fonte: Com base e adaptado de Araújo (2021)

Com as mudanças ocorridas no campo de usuário da informação no âmbito da CI, a partir dos anos 1990 surgiram críticas ao modelo cognitivista, de um modo geral, por desconsiderar aspectos sociais dos processos informacionais, uma vez que ele considera os sujeitos como seres isolados, destacados de um contexto social mais amplo; as ações informacionais como mera aquisição e somatório de conhecimentos na mente; as características individuais apenas como “variáveis intervenientes” nos processos (Araújo, 2014, p.42).

A partir da década de 1990 começaram a se desenvolver estudos sobre as ações de busca e uso da informação como sendo socialmente construídas, marcando uma aproximação dos estudos de usuários com a abordagem do construcionismo social; muda-se a designação de comportamento informacional para “práticas informacionais”, mudanças que estão associadas a “virada social” no campo da CI com estudos que exploram o caráter social e intersubjetivo dos fenômenos informacionais (Talja, 1996; Savolainen, 2007; Cronin, 2008 *apud* Araújo, 2014).

Para Savolainen os conceitos de comportamento informacional e práticas informacionais não são sinônimos e nem são neutros, eles emergem de diferentes discursos e de perspectivas alternativas sobre a busca de informações.

[...] os conceitos não são sinônimos. Mais importante, eles não são neutros em ontologia e epistemologia desde que se baseiam em diferentes perspectivas metateóricas. Assim, os conceitos de comportamento de informação e prática da informação emergem de diferentes discursos que abrem pontos de vista alternativos sobre a busca de informações (Savolainen, 2007, p.109).

O “comportamento informacional” e “práticas informacionais” é considerado por Savolainen como dois conceitos guarda-chuva que, de uma maneira geral, analisam como as pessoas lidam com a informação, sendo que o primeiro, é visto como um conceito dominante e baseia-se principalmente no ponto de vista cognitivo, enquanto o segundo surge como uma alternativa crítica e se inspira, principalmente nas idéias do construcionismo social (Savolainen, 2007, p.109), que acredita na construção do conhecimento através das interações sociais.

4.3 ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS – ABORDAGEM SOCIAL

O surgimento dos estudos de práticas informacionais situa-se em meio a três importantes movimentos, a perspectiva praxiológica das ciências humanas e sociais, a virada pragmática na ciência da informação e a crítica ao modelo cognitivista dos estudos de usuários da informação, fazendo com que as abordagens anteriores passassem a ser questionadas (Savolainen, 2007; Araújo, 2017).

A problemática é entender o indivíduo e suas práticas no mundo social. O indivíduo passa a ser vistos como sujeitos dinâmicos, um ser gerado pela sociedade e ao mesmo tempo socialmente gerador contribuindo historicamente com as transformações do mundo societário.

Nessa perspectiva, o contexto é considerado um elemento influenciador e constitutivo das ações dos sujeitos que, por sua vez, são constituídos por ele, em uma relação dialética. Ou seja, fatores contextuais e sociais influenciam no processo de busca, uso e compartilhamento das informações, diferenciando-se, assim, da abordagem do comportamento informacional, que, embora considere o sujeito cognitivo individual, não leva em consideração o contexto da vida, o cotidiano.

O primeiro encontro internacional de investigadores da área, realizado na Finlândia em 1996, denominado *Information Seeking in Context*, marcou o surgimento dessa nova abordagem que enfoca a importância do contexto no processo de busca da informação.

Enfocar o contexto significa que a análise muda do cognitivo para o social e que, portanto, passa-se a considerar tanto as formas como o contexto interfere nas ações do indivíduo quanto como as ações do indivíduo são passíveis de alterar o contexto, num ciclo constante (Araújo; Duarte; Dumont, 2019, p.90)

O indivíduo carrega as marcas societárias, mas também deixa suas marcas na sociedade. É uma relação dialética de transformação.

Ao considerar que toda prática social se constitui em uma prática informacional, Savolainen afirma ser um conceito guarda-chuva para investigar e descrever fenômenos relacionados à busca, uso e compartilhamento de informações Savolainen (2007). Assim, o estudo das práticas sociais serve como base fundamental no processo de descortinamento das práticas informacionais implícitas nesse processo.

As Práticas Informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. Os valores dados a informação pelos sujeitos podem ser entendidos pela cultura semiótica, de que ao mesmo tempo que o usuário recorre aos significados culturais, contribui para produzi-los e reforçá-los (Berti, Araújo, 2017, p. 395)

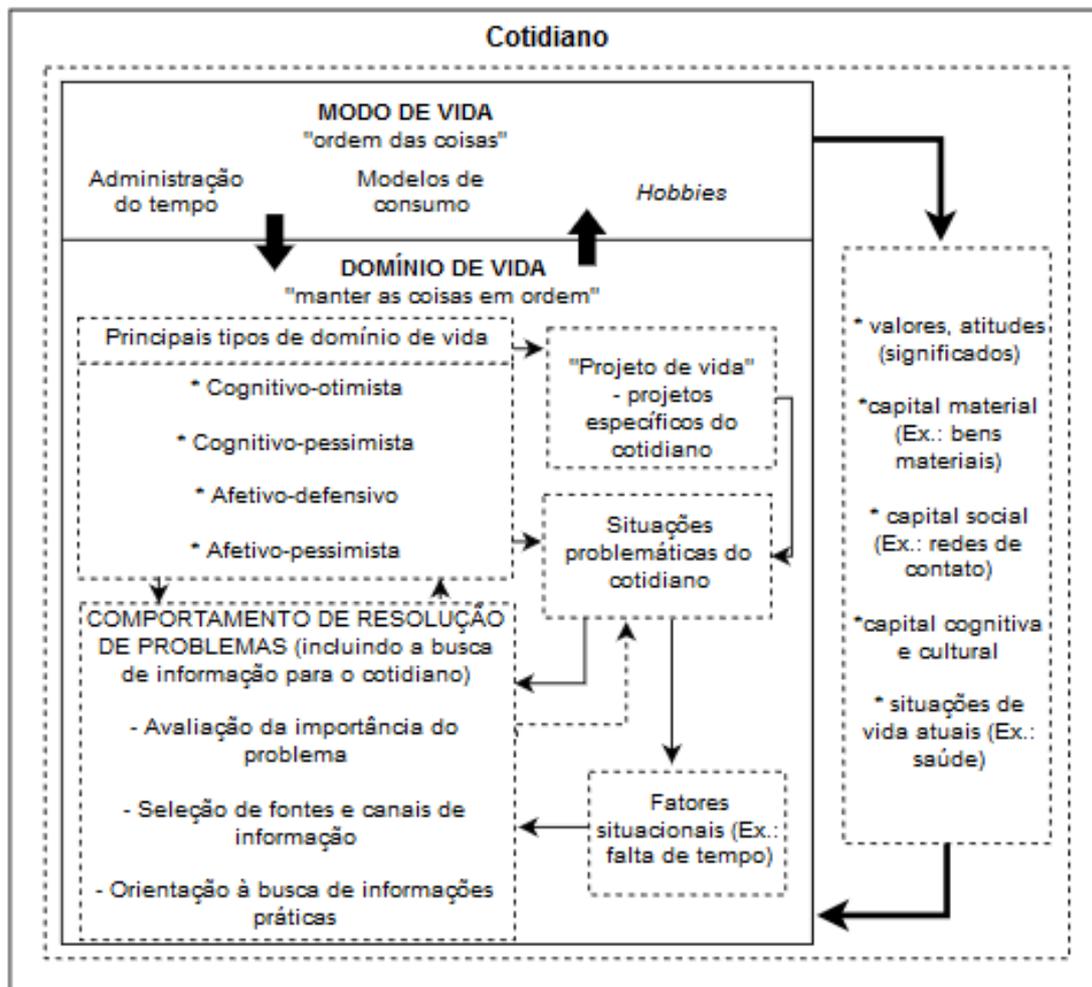
O conceito acima mostra que a ação do agente não é totalmente determinada pelo contexto e nem, muito menos, isolado a ele. Ao contrário: o que acontece é uma mútua relação entre contexto e agente social, em que um influencia o outro, de forma interativa.

Savolainen (2008, p. 2) define práticas informacionais como “um conjunto de maneiras social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, como televisão, jornais e a Internet” (Trad. Melo, Alves e Brasileiro, 2023)

No primeiro modelo de práticas informacionais Everyday Life Information Seeking (ELIS), proposto por Savolainen (1995), ele reúne a dimensão formal (trabalho) e a dimensão da vida cotidiana (casa, lazer), buscando uma compreensão mais ampla e plural do sujeito. Ele também encontra

complementaridade entre instâncias individuais e sociais, destacando tanto a ação do sujeito quanto as determinações do contexto sobre ele (Araújo, 2013).

Figura 1 - Everyday Life Information Seeking (ELIS)



Fonte: Savolainen (1995) adaptado e traduzido por Rocha; Duarte; Paula (2016)

O modelo Everyday Life Information Seeking (ELIS) aborda a busca de informações da vida no contexto do modo de vida (*way of life*) e do domínio da vida (*mastery of life*). Para Savolainen (1995, p.259) "o 'modo de vida' é definido como 'ordem das coisas'", o qual pode ser manifestado "na relação entre trabalho e lazer, nos modelos de consumo e na natureza de hobbies". Já o domínio da vida, "é interpretado como 'manter as coisas em ordem' e a partir desses são delineados quatro tipos ideais de domínio da vida com suas

implicações”, a saber: domínio da vida otimista-cognitivo, pessimista-cognitivo, defensivo-afetivo e pessimista-afetivo.

De acordo com Savolainen (1995, p. 261) a definição de ‘modo de vida’ tem por base a Teoria do *Habitus* de Bourdieu (1984) porque “forneceu uma base para a conceituação de busca de informação como um componente natural das práticas cotidianas.”

Como um fator social e sistema de classificação culturalmente intermediado, o *habitus* torna uma direção às escolhas feitas na vida cotidiana, indicando quais escolhas são naturais ou desejáveis em relação à classe social ou grupo cultural de alguém (Savolainen, 1995, p. 262, tradução nossa).

Para Savolainen (1995, p. 263) “as pessoas têm uma ‘ordem cognitiva’ que indica suas percepções de como as coisas quando são ‘normais’”. Assim, através de suas escolhas os indivíduos se envolvem em uma certa ordem de coisas e mantêm essa ordem desde que a considerem importantes.

Assim, parece que, pelo menos implicitamente, a maioria das pessoas busca uma coerência interna das coisas cotidianas porque isso lhes proporcionar melhores oportunidades para planejar as suas escolhas e agir de forma significativa (Savolainen, 1995, p.263, tradução nossa).

Na busca para fundamentar a abordagem de práticas informacionais, teóricos dão importantes contribuições para o processo de construção teórico-conceitual dos estudos de práticas informacionais, reunidas no quadro 11.

Quadro 11 – Contribuições de alguns teóricos para os Est.Prát. Informacionais

TEÓRICOS	CONTRIBUIÇÕES
Marteleto (1995)	Toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização (Marteleto, 1995, p. 92).
Tuominen e Savolainen (1997)	Partem do entendimento do “uso da informação como uma ação discursiva” e “buscam compreender a linguagem em sua dimensão de construção da realidade” desde o ponto de vista do “construcionismo social”; Buscar e usar informação consistem não apenas nas ações que sofrem influências dos elementos estruturantes da realidade social mas são, eles próprios, elementos conformadores desses elementos; Cada ação humana é também uma interferência naquilo que nos condiciona. Savolainen define práticas informacionais como “um conjunto de maneiras

	social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, como televisão, jornais e a Internet" (Savolainen, 2008)
Araújo, Eliany A. (1998)	As práticas informacionais podem ser compreendidas como "ações de recepção, geração e transferência de informações geradas a partir de diferentes circuitos comunicacionais no âmbito das formações sociais vivenciadas pelos sujeitos informacionais".
González de Gómez (1999)	<p>O conceito de "ações de informação" foi originalmente proposto como uma alternativa à abordagem comportamental normativa que desconsidera a relação do contexto subjetivo com os fatos da vida cotidiana. Gernot Wersig e Gunther Windel (1985) a ação é voltada para a resolução de problemas ou necessidade de informação, considerando aspectos subjetivos e sociais.</p> <p>Maria Nélide González de Gómez (1999) ao reinterpretar e adaptar o conceito de "ações de informação" enfoca as <i>ações de informação</i> pautadas nos aspectos da teoria da ação comunicativa de Habermas, direcionado ao entendimento mútuo dos participantes da ação (Rabello, 2013).</p>
McKenzie (2003)	<p>Propõe o termo "práticas informacionais" como mais adequado do que "comportamento informacional", por abranger a dimensão espontânea e casual das "ações das pessoas com relação à informação";</p> <p>Desenvolve a noção de "serendipity" – a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso ou, no caso, encontrar determinados recursos informacionais relevantes sem estar procurando por eles.</p>
Chatman (1999)	<p>Articula conceitos como os de "mundo restrito", "normas sociais", "visão de mundo" e "tipos sociais", a partir de sua "theoryoflife in the round";</p> <p>Utiliza alguns conceitos tomados por Berger e Luckmann sobre como se constroem os sentidos partilhados socialmente" e, dentro deles, os "comportamentos apropriados ou adequados", aprofundando para os "comportamentos de busca da informação apropriados"</p>
Harlan (2012)	<p>Desenvolve uma pesquisa, por meio da teoria fundamentada, em ambiente digital sobre adolescentes criadores de conteúdos (filmes, músicas, narração de histórias);</p> <p>Apresenta, como resultado dessa pesquisa, um "amplo panorama das distintas ações empreendidas pelos sujeitos" articuladas às "dimensões coletivas de aprendizado e, sobretudo, de "negociação", isto é, de constituição coletiva dos processos e produtos.</p>
Lloyd (2009)	<p>Apresenta uma distinção entre o que chama de teorias sociais tradicionais e teorias das práticas ou praxiológicas;</p> <p>Aponta que a teoria das práticas praxiológicas pode ser extremamente útil para a análise de aspectos da realidade humana como a subjetividade, a intersubjetividade, a construção do significado, a racionalidade, entre outros, no campo da CI;</p> <p>A noção de "prática" da autora vem do campo da teoria cultural e seus precursores são Bourdieu (teoria do campo), e Giddens (teoria da estruturação);</p> <p>Reflete que a vida social existe, e se atualiza, sempre no interior de um contexto, está imbricada a ele;</p> <p>Sujeito e mundo estão sempre conectados por meio de "práticas" como vestir, comer, falar, caminhar, trabalhar, estudar, etc.</p>

Kalms (2008)	O foco de seus estudos é nas estratégias de negociação dos sujeitos (dentro da família, com outras famílias) identificando quatro modos característicos de práticas informacionais: o cuidado, o co-gerenciamento, o controlado e o independente, resultante das nove dimensões de ações identificadas no estudo.
Grupo de Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) (2013)	<p>O EPIC se alinha com a abordagem de práticas estudada na perspectiva internacional, de Savolainen, porém inseriu a discussão de cultura para demarcar sua proposta e ficar com uma perspectiva mais original de estudar o sujeito e sua relação com a informação, a partir da idéia de práxis que fundamenta a proposta do grupo.</p> <p>O grupo se propõe a uma abordagem específica e original para se estudar os sujeitos informacionais demarcando sua proposta com a idéia de cultura, uma abordagem entre o individual e o coletivo, colocando os sujeitos na relação com a informação como ponto mais importante</p>
Floegel e Costello (2019)	Vem estudando práticas informacionais de pessoas queer em mídias de entretenimento, descobriram que os sujeitos se envolvem em práticas de descoberta que incluem busca, satisfação e triangulação, e em práticas de consumo que incluem validação, descoberta de fatos, avaliação e criação.
Caidi, Allard e Quirke (2010)	Enfatizam as barreiras e dificuldades de acesso à informação desde a perspectiva de práticas informacionais, destacando barreiras estruturais (de língua, de tecnologia) e sociais (isolamento, valores culturais, dificuldades de comunicação).
Olsson (2010)	Estudou profissionais de teatro para entender como as dinâmicas emocionais e racionais se misturam na concretização das práticas informacionais.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo (2017; 2018; 2021)

Embora os estudos de práticas informacionais ganhem visibilidade no Brasil com o grupo de Pesquisa EPIC, na UFMG, nos anos 2000, há registros na literatura de estudos anteriores da pesquisadora Maria Nélida Gonzáles de Gomes em 1995; da pesquisadora Regina Maria Marteleto, que defendeu sua tese na UFRJ em 1992 sobre a temática; da pesquisadora Eliany Alvarenga de Araújo que defendeu a tese de Doutorado em Ciência da Informação, “A construção social da informação: análise de práticas informacionais de Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras” na UnB, em 1998; na UFPB a dissertação da pesquisadora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira sobre a temática, de 1999 e, ainda; a tese de doutorado de Jose Claudio da Costa Barros (PPGCI/Ibict), intitulada “Práticas informacionais e comunicacionais nos novos movimentos sociais” sob a orientação de Maria Nélida Gonzalez de Gomez, de 2004.

Araújo (2013, p. 36) coloca que a ênfase desses esforços tá no “construcionismo, no coletivismo e no construtivismos relacionados a abordagens como a etnometodologia, o interacionismo simbólico e a sociologia compreensiva,” as quais buscam compreender o sujeito em suas práticas individuais e sociais.

A informação passa a ser estudada a partir dos processos sociais e interação dos sujeitos na vida cotidiana, não excluindo com isso os contextos institucionais e, sobretudo, valorizando a capacidade humana imaginativa e criadora na apropriação da informação, além da dimensão humana de seu existir e de suas ações ligadas à informação (Araújo, 2012; 2018)

Na construção do conceito de práticas informacionais no Brasil, destaca-se a noção de práticas informacionais como uma prática social, elaborada por Marteleto, sendo uma dos mais utilizados como base para compreensão inicial desses estudos. Para Nascimento e Marteleto (2004, on-line) “não há dúvidas que os processos de produção, transferência e uso das informações são sociais, já que eles acontecem entre a sociedade e suas relações sociais”. Dessa maneira, a autora conceitua práticas informacionais como: "mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização" (Marteleto, 1995).

No Brasil, muitos teóricos vêm trabalhando na construção do conceito de práticas informacionais, notadamente no contexto do grupo de pesquisa EPIC da UFMG

De acordo com Ferreira *et al.* (2018) muito antes da criação do grupo, os trabalhos de pesquisa já revelavam um olhar dos pesquisadores para os sujeitos informacionais por meio de uma abordagem social de estudos de usuários, demonstrando o que viria a ser os estudos de práticas.

[...] a partir de 2008, a concepção do conceito Práticas Informacionais começa a ser introduzido nas pesquisas que buscam a compreensão da relação do sujeito informacional com as informações que demandam em seu cotidiano, por mais que o termo não se apresente diretamente nos títulos [...] (Ferreira *et al.*, 2018, p. 33)

As primeiras pesquisas do grupo não utilizavam o termo práticas informacionais, visto que os estudos sobre essa perspectiva ainda eram

incipientes, entretanto, as mesmas se afirmavam vinculadas a abordagem social, o que marca o surgimento dos estudos de práticas informacionais, adotada atualmente na pesquisa brasileira (Ferreira *et al.*, 2018).

Para Ferreira (2018) os estudos desenvolvidos sob a perspectiva das Práticas Informacionais devem atentar para as ações do sujeito no cotidiano.

É na prática, na ação do sujeito na sociedade, que é possível perceber como ele compreende a informação e como, criando um entendimento que é baseado tanto em sua experiência particular como em sua experiência coletiva, ele atua na sociedade na medida em que a expressão de sua interpretação também altera o cenário no qual está inserido (Ferreira, 2018, p.31).

A partir da idéia de que toda prática social se constitui em uma prática informacional, Savolainen (2007) a prática informacional como conceito guarda-chuva para investigar e descrever fenômenos relacionados à busca, uso e compartilhamento de informações.

Assim, o estudo das práticas sociais serve como base fundamental no processo de descortinamento das práticas informacionais implícitas nesse processo.

As Práticas Informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. Os valores dados a informação pelos sujeitos podem ser entendidos pela cultura semiótica, de que ao mesmo tempo que o usuário recorre aos significados culturais, contribui para produzi-los e reforçá-los (Berti; Araújo, 2017, p. 395)

O conceito acima mostra que a ação do agente não é totalmente determinada pelo contexto e nem, muito menos, isolado a ele. Ao contrário: o que acontece é uma mútua relação entre contexto e agente social, em que um influencia o outro, um altera o outro e é alterado pelo outro, de forma interativa e não mecânica.

É nesse sentido que Araújo (2017, p. 221) coloca que o estudo das práticas se dá a partir e um “movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas [...] e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação [...] num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice-versa.

Apresentamos no Quadro 12 um resumo das principais características de práticas informacionais.

Quadro 12 - Principais Características dos Estudos de Práticas Informacionais

Estudos de Práticas Informacionais	
Modelo teórico	Etnometodologia e construtivismo
Concepção de usuário da informação	Indivíduo que atua sobre o social e recebe influência do social
Principais conceitos	Significado, ação, cultura, identidade
Métodos de ensino	Identificação de significados e percepção do social e cultural
Metodologia de Pesquisa	Entrevistas interpretativas e grupos focais
Objetos empíricos mais estudados	Vida cotidiana, saúde, lazer, cultura

Fonte: Com base e adaptado de Araújo (2021)

Embora bem exemplificado, o conceito de práticas informacionais ainda abstrato, o que trouxe dificuldades na operacionalização das pesquisas na área da Ciência da Informação, focada na mensuração das ações de busca, acesso, produção e disseminação da informação.

Para Araújo (2009, p. 203) “desenha-se uma nova perspectiva de estudos de informação, [...] que a entende como processo, como algo que é construído, essencialmente histórico e cultural”.

Percebe-se que a abordagem social amplia o escopo da CI, integrando perspectivas interdisciplinares, provocando a busca por respostas em outras áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, ciência política, bem como, a utilização de outras teorias que analisem os fenômenos sociais e que fundamentem suas pesquisas.

Nessa perspectiva vê-se que estudos de práticas informacionais vêm utilizando abordagens teórico-metodológicas da sociologia em suas pesquisas, à exemplo do interacionismo simbólico, a etnometodologia, a fenomenologia sociológica e a praxiologia, as quais serão brevemente abordadas no capítulo 5.

5 PRINCIPAIS FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

É sabido que o estudo da sociologia nos possibilita entender como funciona os ambientes e as relações sociais, entender o outro e a nós mesmos. Numa sociedade os indivíduos, atores sociais, interagem entre si e a partir dessa interação, também influenciam e são influenciados por ela.

Antes de discorrer sobre algumas dessas teorias, é importante trazer o conceito de sociedade da autoria do sociólogo alemão Simmel, o qual exerceu grande influência na Escola de Chicago.

Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas” (Simmel, 2006, p.18)

Simmel traz a noção de interação como a unidade básica da relação social sustentada pela reciprocidade, e assim transformam e estruturam os processos sociais,

Ao fazer uma investigação científica, o pesquisador adota teorias que vão ajudá-lo na compreensão de determinado problema.

De acordo com Minayo (2007, p.17-18) “as teorias são explicações da realidade”. Ela é “uma espécie de grade, a partir da qual, olhamos e enquadrados a interpretação da realidade”, mas “não é uma camisa de força”.

A teoria orienta o olhar do pesquisador sobre o problema em questão, entretanto, nenhuma teoria é capaz de explicar todos os fenômenos sociais existentes.

Há grandes teorias que interpretam a realidade, à exemplo do positivismo, marxismo, teoria da ação, compreensivismo, consideradas macroteorias. Mas há também micro teorias que explicam ou interpretam fenômenos específicos (Minayo, 2007, p.16-17)

O positivismo, presente em vários campos científicos e também nas ciências sociais, considera que a realidade social é objetiva e que o método

quantitativo é suficiente para explicar essa realidade, utilizando-se, portanto, de conceitos matemáticos para explicar tal realidade (Minayo, 2007, p. 22).

Já a sociologia compreensiva tem como foco central a compreensão da realidade humana vivida socialmente, portanto, propõe a subjetividade como fundamento do sentido da vida social e constitutiva da vida humana. Utiliza-se da pesquisa qualitativa para compreender e, não, apenas quantificar e explicar (Minayo, 2021, p.23).

A ciência da informação tem uma vasta tradição de estudos de natureza positivista, onde o conceito de informação é visto a partir de uma perspectiva objetivista, no qual a informação é tomada como um dado e não como uma construção. Conforme Araújo (2012, p. 145) esses estudos “continuam existindo e constituindo a perspectiva mais comum dos estudos desenvolvidos no campo”.

A consolidação de um paradigma positivista para o campo se dá com a incorporação de teorias, conceitos e métodos de várias correntes (de diferentes áreas do conhecimento) e se manifesta de maneiras particulares nas várias subáreas que o compõem (Araújo, 2012, p. 145).

Entretanto, no paradigma social da CI, vem buscando diferentes formas de entender a informação e de conduzir as pesquisas desse campo.

De acordo com Araújo (2009) no paradigma social “desenha-se uma perspectiva nova de estudos da informação”, no qual a informação deixa de ser vista como coisa e passa a ser entendida como processo. A informação é “algo construído, essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam”.

A informação deixa de ser apreendida como um objeto físico, com a mesma natureza de uma cadeira, uma pedra, um elemento químico, e passa a ser entendida como um fenômeno humano (portanto, cultural e histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros (Araújo, 2009, p.203).

Silva e Nunes (2014, p. 251), ressaltam que a informação está diretamente ligada às práticas sociais e que há que se considerar os aspectos socioculturais que a constituem.

A informação está diretamente ligada às práticas sociais, engendrando uma experiência duplamente mediada. Ela não começa, tampouco se encerra num espaço particular, mas está além, pois

implica movimentos descontínuos de significação e ressignificação. Assim, faz-se necessário um afastamento de toda a ideia de informação que a tem como algo neutro ou exclusivamente subordinado aos sistemas técnicos, para se considerar os aspectos socioculturais que a constituem (Silva; Nunes, 2014 p.251)

Conforme Rocha, Gandra e Rocha (2017, 99) “para apreender as práticas informacionais, é preciso estudar as práticas sociais”.

E seria inviável desvelar as práticas informacionais sem que o contexto social seja investigado. É por meio do estudo das práticas sociais ou culturais que são reveladas as práticas informacionais. E o estudo das práticas sociais não escapa das metodologias de pesquisa das ciências sociais e da antropologia. O debate acerca do que são práticas sociais e como elas devem ser estudadas não se inicia com o estudo das práticas informacionais na CI (Rocha, Gandra; Rocha, 2017, p. 99).

Entendendo a prática informacional como uma prática social (Marteleto, 1995), faz-se necessário estudar a segunda para compreender a primeira respectivamente, ou seja, a prática informacional será melhor entendida a partir do entendimento da prática social.

Nesse sentido, torna-se importante a compreensão do conceito de “ação social” - o objeto da sociologia compreensiva - o qual tomaremos aqui a partir da perspectiva de Max Weber, onde a ação é toda conduta humana dotada de um significado subjetivo (sentido/motivo) que orienta a ação.

Por “acção” entender-se-á um comportamento humano (consista ele num fazer externo ou interno, num omitir ou permitir), sempre que o agente ou os agentes lhe associem um sentido subjectivo (Weber, 2010, p. 7).

Quando tal orientação refere-se ao comportamento (presente, passado ou futuro) de outro (s), ela passa a ser uma acção social.

Mas designar-se-á como acção “social” aquela em que o sentido intentado pelo agente ou pelos agentes está referido ao comportamento de outros e por ele se orienta no seu curso (Weber, 2010, p. 7).

A ação social na perspectiva weberiana não é, apenas, a ação da pessoa na sociedade, e sim, é uma ação no qual o sentido pensado por um sujeito ou sujeitos toma por referência a conduta de outros e por ela orienta o desenvolvimento da sua própria ação (Gomes, 2016).

Weber toma como ponto de partida o indivíduo e tenta compreender a sociedade a partir do comportamento deste e como ele se inclui e participa

dessa engrenagem social, o que movimenta ele e qual o sentido que ele atribui a sua ação. Assim, ao invés de olhar para as instituições, para a sociedade como um todo, Weber olha pra ação do indivíduo, pois para ele, só assim é possível fazer uma leitura daquilo que acontece na sociedade (Gomes, 2016).

Weber desenvolveu quatro tipos de conceitos pra tentar entender como a sociedade funciona, são eles: 1) *ação social racional em relação a fins (objetivo) e valores envolvidos no processo desta ação* – ação pautada no cálculo estritamente racional; 2) *ação social racional em relação a moral, a valores* – ação pautada na crença consciente em dado valor (crenças religiosas, políticas, morais ou estéticas ou por valores nos quais acredita (justiça, honra, ética, fidelidade etc); 3) *ação social afetiva* – ações inspirada em emoções e sentimento (como orgulho, inveja, desespero, vingança etc), sem levar em consideração os meios ou fins para atingi-las; 4) *ação social tradicional* – ações baseadas em costumes enraizados (Moraes; Maestro Filho; Dias, 2003)

Nesse sentido, Weber propõe uma metodologia que ele denomina de “tipo ideal”, um modelo construído pelo cientista social para fim de pesquisa.

O tipo ideal é outro momento de seleção utilizado pelo historiador e pelo sociólogo, na medida em que abandonem o real a partir de certos pontos de vista, em função da relação com os valores. Como não é possível a explicação de uma realidade social particular, única, por meio da análise exaustiva das relações causais que a constituem, uma vez que são infinitas, escolhem-se algumas delas por meio da avaliação das influências ou efeitos que delas se costuma esperar. O cientista social atribui a alguns desses fragmentos um sentido, destacando aspectos julgados importantes, baseando-se em seus valores. A elaboração de um instrumento que sirva de orientação para o cientista social na sua busca pelas conexões causais, representa um trabalho muito valioso do ponto de vista heurístico. Este modelo (construto) nada mais é do que o tipo ideal, cuja finalidade é servir de baliza, de instrumento de colimação para o cientista se guiar, ao se enveredar na infinitude do real (Moraes; Maestro Filho; Dias, 2003, p.63).

A sociologia compreensiva, busca interpretar a ação do indivíduo diante de todas as demandas sociais. Dessa forma, para Weber não é o todo que faz com que as pessoas sejam o que elas são, mas sim, as pessoas individualmente é que fazem com que a sociedade seja aquilo que ela é (Gomes, 2016).

As correntes compreensivas, em linhas gerais, buscam compreender como os indivíduos se comportam em um determinado contexto social e o que os impulsionam a agir de tal maneira. Então a ação social, é essa ação que leva o indivíduo a ter algum tipo de comportamento sempre sendo orientado pelo outro (Gomes, 2016).

Minayo (2015, p. 23) coloca que a sociologia compreensiva responde diferentemente do positivismo a questão qualitativa e tem “como tarefa mais importante das Ciências Sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente”.

Assim, é nesse espectro de interações complexas entre indivíduos, informação e contexto social, que a Ciência da Informação enfrenta o desafio de trilhar novos caminhos e é nele que, mais especificamente, a subárea de estudos dos sujeitos, na qual se inserem os estudos de práticas informacionais, surgem pesquisas que vêm contribuindo para este movimento de aproximação do chamado paradigma social da CI com aportes teórico-metodológicos que abarquem diversos aspectos do objeto informação considerando a dinâmica social, à exemplo de abordagens como o interacionismo, a fenomenologia e a etnometodologia, bem como, a sociologia da prática de Bourdieu, descritas brevemente a seguir.

5.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O interacionismo simbólico é uma abordagem sociológica que evidencia as relações humanas. Originado, fundamentalmente, na escola de Chicago, tem como seu precursor, George Mead, o qual estabeleceu as bases para uma concepção e perspectiva interacionista da sociedade, entretanto a terminologia foi cunhada por Blumer (1969).

O foco de Mead é na ação interpessoal, indicando que o modo de ação de um indivíduo suscita reações de seu parceiro, tornando-se condições para continuidade de suas próprias ações, *i. é.* o foco é nos processos de interação social mediados por relações simbólicas; afirma que o comportamento humano tem como dado principal o ator social, considera a existência de um comportamento externo e de um comportamento interno no sujeito; a mente é

uma relação do organismo com a situação que se realiza por meio de uma série de símbolos; o indivíduo apenas se identifica com tais símbolos, quando tais símbolos se tornam conscientes; a mentalidade reside na capacidade do organismo de indicar aquele elemento do ambiente que responde às suas reações, a fim de poder controlar tais reações de várias maneiras (Carvalho; Borges; Rego, 2010)

Mead traz a noção de *self*, eu e mim, onde *self* é a capacidade de refletir sobre si mesmo; *eu* é a tendência impulsiva do indivíduo e *mim* são sujeitos com hábitos, reações que todos têm para se enquadrar na comunidade (Carvalho; Borges; Rego, 2010)

Partindo da ideia de que o termo “interação simbólica” se refere, evidentemente, à natureza peculiar e característica da interação que ocorre entre seres humanos, Coelho (2013) coloca que

Essa peculiaridade consiste no fato de que os seres humanos interpretam ou “definem” as ações uns dos outros, em vez de simplesmente reagir a elas. Sua “reação” não se dá diretamente às ações dos outros; ao contrário, é baseada no significado atribuído a essas ações. Assim a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação ou pela atribuição de significado às ações dos outros. Essa mediação equivale à inserção de um processo de interpretação entre o estímulo e a resposta, no caso do comportamento humano. (Coelho, 2013, p. 76)

Assim, considera-se que é através dos símbolos (representação) que acontecem as interações e estas, de certa forma, regulam as ações individuais. Num círculo que envolve as relações entre o “eu” (o indivíduo propriamente dito) e o “nós” (a sociedade). Assim temos que, os indivíduos dependem de símbolos (verbais, gestuais) e conhecimentos nas interações uns com os outros.

O interacionismo simbólico considera que temos dois mundos: o mundo da objetividade, presente no contexto social; e o mundo da cultura, das representações sociais, ou seja, o mundo pessoal, subjetivo, simbólico, que, no contexto do interacionismo, se constitui da ação de indivíduos e grupos no âmbito das sociedades.

Coelho (2013) considera como traços essenciais das bases da interação simbólica que:

a sociedade humana é formada por indivíduos que têm selves (isto é, que fazem indicações para si mesmos). a ação individual é uma construção e não uma descarga, sendo construída pelo indivíduo por meio da observação e interpretação das características das situações nas quais age; a ação de grupo ou coletiva consiste no alinhamento das ações individuais, realizado pela interpretação ou consideração, pelos indivíduos, das ações uns dos outros (Coelho, 2013, p. 80).

Blumer (1980) apontado por Araújo (2010) considera que essa corrente de estudos se apoia em três pressupostos: de que os seres humanos agem no mundo em relação aos significados oferecidos; de que esses significados são provocados pelas interações; e de que os significados são manipulados por um processo interpretativo.

De acordo com Carvalho, Borges e Rego (2010) o interacionismo simbólico é uma perspectiva teórica que permite compreender o indivíduo na sua interação com os objetos e com os outros.

De um modo geral, pode-se dizer que o interacionismo simbólico constitui uma perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas (Carvalho; Borges; Rego, 2010, p.148).

Em linhas gerais, o Interacionismo Simbólico propõe que indivíduo e sociedade não são instâncias isoladas, mas se constituem reciprocamente. Ao que Araújo (2010) considera essa proposta como uma “solução teórica bastante adequada a um dos grandes impasses dos estudos de usuários da Abordagem Tradicional”, citando o pensamento de Lima (1994, p. 70) sobre a sobrevalorização do indivíduo (psicologização) ou da sociedade (sociologização), na qual consideram “indivíduo e sociedade como coisas separadas”.

5.2 FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA

Historicamente a Fenomenologia é conhecida como um movimento filosófico, fundada por Edmundo Husserl, no início do século XX. De maneira geral, a fenomenologia estuda a essência das coisas e como são percebidas no mundo pelos sujeitos. Husserl entendia o mundo como um fenômeno a ser

desvelado. Nesse sentido, um fenômeno significa tudo aquilo que é apreendido pelos sentidos e se manifesta através do tempo e espaço.

De acordo Trivinos (1995, p. 43), a fenomenologia “estuda as essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essência: a essência da percepção a essência da consciência”, por exemplo.

Hurssel propunha a análise compreensiva da consciência, uma vez que todas as vivências do mundo se dão pela mente, surgindo daí a celebre definição Hursseliana de que “Toda consciência é consciência de algo”. Sendo essa consciência uma consciência plástica, fluída, que vai acontecendo ao longo do tempo e envolve a situação.

Araújo (2012) coloca que a Fenomenologia de Husserl interessa-se pelo fenômeno puro, da forma como ele se apresenta à consciência, destacando “a experiência vivida no mundo da vida”, o foco é na descrição e compreensão do fenômeno.

Assim a Fenomenologia trata de descrever, e não de explicar nem de analisar, os fenômenos como estes são vivenciados na consciência dos sujeitos (Trivinos, 1995; Araújo, 2012).

De acordo com Trivinos (1995), Husserl direcionou sua investigação para o “mundo vivido” pelos sujeitos considerados isoladamente e propôs o método da “redução fenomenológica” para investigar o fenômeno da mente.

Através desta, na qual o fenômeno se apresentava puro, livre dos elementos pessoais e culturais, chega-se a um nível dos fenômenos que se denomina das essências. Desta maneira, a fenomenologia apresetna-se como um “método” e como um “modo de ver” o dado (Trivinos, 1995, p. 42)

Husserl importa da antiga filosofia o termo *epoché*, que significa, para os gregos antigos, suspensão do julgamento, para designar a redução fenomenológica que consistia na suspensão momentânea da atitude natural com a qual nos relacionamos com as coisas no mundo. Essa redução consistia em suspender ou deixar de lado todos os preconceitos, crenças, teorias, definições que são utilizadas para dar sentido as coisas, para captar os conteúdos da consciência do sujeito (percepção, intuição, recordação, imaginação) independente de qualquer coisa (Araújo, 2012).

Enquanto a ciência positivista defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, limitando seu campo de

análise ao experimental, a fenomenologia abria-se para espaços deixados de lado por esse método. Em contrapartida, Trivinos (1995, p. 43) traz como primeiro ponto o questionamento do conhecimento, por Husserl: “Como pode o conhecimento estar certo de sua consonância com as coisas que existem em si, de as atingir?” Admitindo que o exame do conhecimento tem de ter um método, que para Husserl é o da Fenomenologia, que é “a doutrina universal das essências, em que se integra a essência da ciência do conhecimento”.

Trivinos (1995, p. 42-43) coloca que a ideia básica da fenomenologia é a “noção de intencionalidade”. Uma intencionalidade que é “da consciência que sempre está dirigida a um objeto”, reconhecendo o princípio de que “não existe objeto sem sujeito”. E o conhecimento para Husserl é sempre um ato intencional, pois o indivíduo direciona a consciência para alguma coisa, sendo que cada consciência tem um tempo diferente.

Araújo (2012) aponta que a fenomenologia tem a tarefa de “estudar a significação das vivências na consciência” e “descrever o fenômeno, sem buscar explicações causais”. O autor acrescenta que esta primeira etapa de apreender a consciência não é suficiente para a investigação fenomenológica, pois é preciso chegar às essências do fenômeno.

Para tal, recorre-se à redução *eidética*, que se volta para o domínio das essências puras. As essências são unidades de sentido vistas por diferentes sujeitos nos mesmos atos, são unidades básicas de entendimento comum de um fenômeno (MOREIRA, 2004). Isto é, a ideia de essência é aquilo que é tido com certo pelas pessoas (Araújo, 2012).

A partir da fenomenologia de Husserl surgiu a fenomenologia social, considerada a sociologia da vida cotidiana, que tem como seu representante Alfred Schutz (1979), o qual estabeleceu as bases que fundamentam a fenomenologia social, tendo como ponto de partida a experiência no mundo da Vida cotidiana, propondo o uso da abordagem compreensiva para compreender os fenômenos sociais, partindo de conceitos de significado e intencionalidade (Araújo, 2012)

Partindo desses pressupostos, Araújo (2012) coloca que o paradigma social da CI se aproxima da perspectiva fenomenológica por partilharem da visão de que a realidade é uma construção intersubjetiva e surge como uma perspectiva interacionista para os estudos de usuários por concentrar-se nos

detalhes concretos do que acontece entre indivíduos no cotidiano (Johnson, 1997 *apud* Araújo, 2012)

5.3 ETNOMETODOLOGIA

Outra abordagem importante para a compreensão da prática é trazida pela etnometodologia, abordagem teórico-metodológica de pesquisa empírica, que surgiu nos anos 1960 nos Estados Unidos e tem como foco de estudos o saber localmente construído por grupos.

Harold Garfinkel, considerado o pai da etnometodologia, realizou uma série de pesquisas sistemáticas ao longo do seu doutorado que culminou com a publicação da obra *Studies in Ethnomethodology* (1967). De acordo com Oliveira e Montenegro (2012, p.131) foi a partir dessa época que as ideias da abordagem etnometodológica começaram a ser disseminadas, influenciando diversos pesquisadores “a aplicarem métodos específicos de coleta de material empírico para fenômenos sociais de distintas sortes”, com vistas a entender a realidade.

Embora a obra de Harold Garfinkel sobre os estudos em sociologia, tenha dado origem ao movimento da etnometodologia em meados do séc. XX, Alain Coulon pontua em seu livro “A escola de Chicago”, que esse se ancorou em estudos anteriores, da década de 30, provenientes dos departamentos de antropologia e sociologia da escola de Chicago.

Para Coulon (1995, p. 30), a etnometodologia se constitui da “pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar”.

Essa abordagem procura compreender as atividades cotidianas pela perspectiva dos atores sociais, desvelando como esse sujeito se constrói, enquanto constrói a realidade em que ele está inserido.

Os sentidos e os significados das práticas (das atividades da vida cotidiana) são intersubjetivamente construídos, pois a ordem social se revelaria por elementos indiciais presentes no discurso dos atores e as atividades realizadas pelos indivíduos são realizadas tendo em vista o sentido de pertença do indivíduo à coletividade (para que ele

seja aceito como um membro daquele grupo). (Rocha; Gandra; Rocha, 2017, p. 100).

Dessa forma, quanto mais institucionalizado for o contexto, mais naturalizadas estão as ações dos indivíduos e, conseqüentemente, maior é o poder estruturante desse contexto na forma de agir dos indivíduos. Na prática, significa dizer que toda atividade corriqueira que o indivíduo exerce sem sentir (ou seja, naturalizada), revela regras compartilhadas intersubjetivamente e rotinizadas como forma segura de manutenção da ordem social estruturante. Assim, o estudo das práticas pela etnometodologia tem como objetivo revelar essa estrutura por meio do padrão discursivo dos atores sociais.

5.4 PRAXIOLOGIA DE BOURDIEU – TEORIA DA PRÁTICA

Outra abordagem que os estudos de práticas informacionais vêm se ancorando é o método praxiológico ou teoria da prática, como é mais utilizado no Brasil, elaborada pelo filósofo francês Pierre Bourdieu. Essa teoria permite entender o mundo social como uma prática e coloca a noção do agente social no centro das ações humanas.

Para Cortés (2016, p. 45), quando Bourdieu propõe uma teoria que dá voz ao agente na estrutura social, ele “parte do sujeito estruturalista submerso na estrutura para o surgimento do agente social inserido em uma determinada estrutura social desde o nascimento.” Onde esse agente “cresce aprendendo e apreendendo estratégias de sobrevivência que vão sendo recriadas, desenvolvidas e modificadas ao longo de sua vida.”

A problemática central dos estudos de Bourdieu é entre o indivíduo e a sociedade e como esses indivíduos incorporam (legitimando e reproduzindo) a estrutura social. Assim, o método praxiológico surge da necessidade de Bourdieu entender o mundo social, tendo como ferramentas as práticas dos indivíduos, e como conceitos fundamentais o campo, o *habitus* e o capital, considerados “núcleo duro” de sua teoria.

O campo bourdieusiano, corresponde ao campo social, campo de lutas e conflitos entre agentes detentores de poderes diferentes em um permanente jogo de busca pela aceitação e reconhecimento; um campo de produção

simbólica e de ação prática, entendida no sentido de “[...] lugares onde se constroem sentidos comuns, lugares comuns [...]” (Bourdieu, 2004; Cortés, 2016).

O *habitus* é entendido como um conjunto adquirido de padrões de pensamento, comportamento e gestos (automáticos e inconscientes) capaz de ligar a estrutura com a prática social (Bourdieu, 1990), e estabelece uma relação dialética entre agente social e meio social (Cortés, 2016)

O capital bourdieusiano é entendido como uma “força impulsora das relações estabelecidas entre *habitus* e campo” (Cortés, 2016, p.16). A noção de Capital vem da noção de capital econômico das teorias sociais, a qual Bourdieu reconhece como importante na formação social e nas relações estabelecidas nos campos sociais, mas não como única, a qual ele acrescenta mais três categorias de capital que se interrelacionam: o social (conjunto de relacionamentos sociais), o cultural (conjunto de bens simbólicos adquiridos) e o simbólico (conjunto de rituais com protocolos e etiquetas sociais) (Cortés, 2016, p. 71-72).

Bourdieu (2007) coloca o *habitus* como o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas de agentes.

“Um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 2007, p. 191).

Em Bourdieu (1989) temos que, as estruturas estruturantes “são estabelecidas pela sociedade e seus mecanismos para moldar o comportamento dos agentes e as suas disposições, ou seja, estruturá-los” (religião, arte, língua). Já as estruturas estruturadas, “são as estruturas internalizadas nos agentes sociais a partir de sua interação social”.

O *habitus* comporta duas dimensões, uma vez que ele permite a interiorização da exterioridade, através da socialização e a exterioridade da interiorização, gerando práticas (Jourdain; Naulin, 2017, p.52).

Pode-se tomar como exemplo a condição social em que um indivíduo nasce, a qual não é uma escolha dele, uma vez que não há controle sobre isso. E dependendo de sua situação social (rico ou pobre), o indivíduo vai se cercar das práticas desenvolvidas nos respectivos contextos sociais em que vive. E

ele também vai reproduzir o *habitus* de um determinado grupo social em outro contexto social.

Jourdain; Naulin (2017, p.49), destaca que a mais célebre definição de *habitus* de Bourdieu é a que se encontra no *Le sens pratique* (O senso prático), a saber:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingí-los (Bourdieu *apud* Jourdain; Naulin, 2017, p.49).

Na definição de Bourdieu, o *habitus* tem o caráter durável e transponível, ao mesmo tempo em que tem continuidade.

Isso quer dizer que, uma vez adquirido em contextos como a família, a escola, podem ser levados mais adiante para outros contextos, como o trabalho, formando assim “estilos de vida” homogêneos (Jourdain; Naulin, 2017).

A teoria praxiológica é uma teoria que entende o mundo como uma prática e o *habitus* é a reprodução de práticas partilhadas por indivíduos em um determinado contexto social.

Assim, entendendo que todo processo de busca de informação é uma prática social (Savolainen, 2007) e que toda prática social é uma prática informacional (Marteleto, 1995), e que a informação é construída socialmente a partir da interação entre sujeitos informacionais (Araújo, 2013), a teoria da prática de Bourdieu serve como base para compreender os sujeitos e suas práticas informacionais, uma vez que apresenta conceitos sobre indivíduos e suas práticas apropriadas e compartilhadas em diversos contextos sociais e contribui para a ampliação da construção de um conhecimento sociológico para a CI.

6 PROCESSO HISTÓRICO DA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO BRASIL

Visando atender o primeiro objetivo proposto de **apresentar o** processo histórico do desenvolvimento dos Estudos de Práticas Informacionais no Brasil, recorreremos a entrevista semi-estruturada com um dos atores desse processo, o Professor Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - atual coordenador do grupo de Estudos de Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) - sobre o desenvolvimento da perspectiva de Práticas Informacionais no Brasil, a fim de conhecer os caminhos percorridos para torná-la reconhecida dentro do campo da Ciência da Informação.

Entendemos que a entrevista apenas com o coordenador do grupo foi suficiente para cumprir esse objetivo, uma vez que ele é um dos fundadores do grupo EPIC e também por ser partícipe do processo de ênfase e desenvolvimento da abordagem de práticas informacionais no Brasil. Além disso, o entrevistado se destaca por ser um pesquisador que tem uma significativa produção de artigos, livros e trabalhos orientados com essa abordagem, o que comprova o seu vasto conhecimento e propriedade para responder as questões abordadas nessa entrevista.

O intuito dessa entrevista, de modo específico, foi coletar informações para atender este objetivo e, de modo mais amplo, para esta pesquisa como um todo. É importante ressaltar que até o momento dessa entrevista (2021), pouco se encontrou na literatura sobre a origem e desenvolvimento dos estudos de práticas informacionais no Brasil. Entretanto após essa entrevista e antes da conclusão desse trabalho, foi lançado o livro Práticas Informacionais e Cultura, tendo como organizador o professor Araújo, entrevistado, o qual foi muito importante para complementação de aspectos que não foram contemplados na entrevista.

Por ser uma entrevista semi-estruturada, portanto flexível, a entrevistadora e o entrevistado dialogaram de forma natural e dinâmica. A entrevistadora partiu de questionamentos básicos e o entrevistado teve a liberdade de responder sem se prender a pergunta formulada, dialogando

também sobre outros pontos importantes que foram surgindo ao longo da entrevista.

Indagado sobre como surgiu os estudos de práticas no Brasil e quais os primeiros esforços no desenvolvimento dessa abordagem, onde e quando começou esse movimento, o entrevistado discorreu livremente sobre esse cenário brasileiro.

Com base na fala do entrevistado, temos que, **no Brasil, a abordagem dos Estudos de Práticas Informacionais se torna visível nos anos 2000**, precisamente na década de 2010, no âmbito da UFMG, quando surgem as primeiras referências em publicações científicas.

[Entrevistado]: *Mas então a gente poderia dizer assim, **práticas foi uma perspectiva que, no Brasil, ela, de fato, se torna visível nos anos 2000, na década de 2010, né, nesse começo, entre 2010 e 2015.*** [Grifo nosso]

O Professor Araújo, chama a atenção para um complicador que é a existência de trabalhos na CI que usam a expressão prática, mas falam de prática profissional, prática de bibliotecário e não usam a abordagem de práticas informacionais, o que pode confundir o leitor.

[Entrevistado]: *Tem um complicador, que a gente tem **alguns trabalhos que usam a expressão práticas, mas tão falando de outra coisa.** Inclusive muitas vezes é prática profissional, por exemplo, práticas informacionais de bibliotecários.* [Grifo nosso]

Entretanto, a história das práticas informacionais no Brasil ganhou relevância, aproximadamente em 2005, quando os professores Carlos Alberto Ávilla Araújo e Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, da Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG, começaram a ministrar a disciplina de Usuários da Informação nos cursos de Biblioteconomia e de Sistemas de Informação (do Instituto de Ciências Exatas) (Dados da pesquisa, 2021; Araújo, 2021).

[Entrevistado]: No Brasil, eu vou falar um pouco de minha experiência, **eu me tornei professor na área de Ciência da Informação [...], num concurso que se chamava Usuários da Informação. A professora Adriana Bogliolo foi convocada também três meses, quatro meses depois de mim. [...]** Nós dois entramos juntos pra dar aula numa disciplina chamada **Usuários da Informação**, que era dada no curso de Biblioteconomia [da UFMG], manhã, tarde e noite, e no curso de Sistemas de Informação, aqui da UFMG também. [Grifo nosso]

Após ministrarem a disciplina Usuários da Informação por um tempo, esses dois professores observaram algumas limitações da disciplina como, por exemplo, ser muito calcada no modelo tradicional (estudos de uso), com o foco em perfil de usuário e pesquisa de fontes de informação - isso mesmo depois de 1996 e da chegada das novas diretrizes curriculares quando os cursos tiveram mais liberdade para a montagem das grades curriculares - gerando certa insatisfação e inquietação desses professores.

[Entrevistado]: [...] *No Brasil a gente tinha uma coisa, antigamente, chamada currículo mínimo que durou até 1996. [...] Todos os currículos brasileiros de graduação tinham que seguir a mesma grade e nesta grade tinha uma disciplina chamada Usuários da Informação pro curso de Biblioteconomia. Depois de [19]96 quando vieram as novas diretrizes curriculares, os cursos ficaram liberados pra ter o currículo cada um do jeito que quisesse. Mas **o que a gente percebeu é que tanto na UFMG quanto no resto do Brasil, a disciplina de Usuários [da Informação] continuava com esse nome, continuava com o mesmo desenho.** [Grifo nosso]*

[Entrevistado]: **A disciplina era basicamente uma disciplina de metodologia** que ensinava questionário, entrevista, grupo focal, observação etc etc E um pouco de estatística e de tabulação de dados pra se fazer perfil [de usuário] e pesquisa de preferência por fonte de informação. Então **muito calcada no modelo tradicional.** [Grifo nosso]

[Entrevistado]: *E imediatamente, **nós percebemos uma certa insatisfação, uma certa inquietude com o estado da disciplina naquele momento.*** [Grifo nosso]

Diante dessa insatisfação, os professores Araújo e Sirihal Duarte realizaram uma rápida pesquisa de programas de estudos de usuários no Brasil e perceberam que poucos desses programas falavam da abordagem cognitiva, embora existisse uma extensa produção científica dessa abordagem, também chamada abordagem alternativa de estudos de usuários, mas que pouco era incorporado nesses programas. Assim, eles perceberam que era preciso não só avançar nessa abordagem cognitiva, mas, ir além em prol de uma perspectiva social e cultural.

[Entrevistado]: *A gente fez uma rápida coleta de programas de estudos de usuários no Brasil, a gente percebeu que **alguns poucos programas falava de abordagem cognitiva.*** [Grifo nosso]

[Entrevistado]: *A primeira coisa que a gente fez foi inserir a abordagem cognitiva, que a gente percebeu que a pessoa pioneira, que trouxe essa abordagem aqui pro Brasil, foi a professora Suely Ferreira, da USP. A professora Suely foi quem na metade dos anos 90 começou a trazer Brenda Derwin, sense making pro Brasil. [...] então que era importante inserir isso, mas **nós percebemos também que era importante nós avançarmos na abordagem cognitiva em prol de perspectivas que trouxessem outras leituras também numa perspectiva social, cultural, intersubjetiva.*** [Grifo nosso]

A partir daí, surgiu o desafio de construir um novo programa para a disciplina que teve início com um movimento no sentido de inserir a abordagem cognitiva no programa de usuários da UFMG com o mesmo grau de importância da abordagem tradicional em vigor. A disciplina teria então dois momentos distintos com conteúdos semelhantes (introdução, apresentação e exemplificação), sendo o primeiro para a abordagem tradicional e o segundo para a abordagem cognitiva (ARAÚJO, 2021).

Ainda assim, esses professores sentiam falta de uma fundamentação teórica que demonstrasse a origem dos conceitos, métodos e objetivos das duas abordagens estudadas. E a partir disso partiram para um aprofundamento teórico em cada uma dessas abordagens.

Para a abordagem tradicional, buscaram compreender as matrizes teóricas dessa abordagem, o positivismo, que adota o mesmo raciocínio das ciências naturais para as ciências humanas e sociais, em que a concepção de que a realidade possui um fundamento em si mesmo, podendo objetivamente ser compreendida pelo método científico (Araújo, 2021); e o funcionalismo, com sua concepção organísmica da realidade humana, compreende as ações, instituições e atores humanos como parte de uma estrutura maior exercendo determinadas funções ou tarefas para a manutenção do equilíbrio dessa estrutura (araújo, 2021).

E para abordagem alternativa, perceberam que aqueles autores que mais se destacavam utilizavam em seus trabalhos, fundamentos de abordagens das ciências humanas e sociais – construídos em oposição ao positivismo - à exemplo do construtivismo, do interacionismo simbólico, da fenomenologia e da etnometodologia, as quais consideram que a causalidade dos fenômenos humanos e sociais é distinta dos fenômenos naturais (Araújo, 2021).

Assim, percebendo a ausência de teorias e conceitos das ciências humanas e sociais que pudessem fundamentar esse campo de estudos esse professores sentiram que era preciso ir além da abordagem cognitiva - sem anular os conteúdos já estabelecidos.

Assim, em 2006, além dos aspectos relacionados ao positivismo e ao funcionalismo já contemplados, eles inseriram no programa da disciplina de

usuários aspectos das perspectivas compreensivas e fenomenológicas e o conceito de cultura de Clifford Geertz, como forma de dizer que, além das abordagens tradicional e cognitiva, tinha outras.

[Entrevistado]: *O que nós fizemos foi **inserir no programa de usuários alguns conceitos, desde 2006, do interacionismo simbólico, da etnometodologia, do contrucionismo e o conceito de cultura de Clifford Geertz.** Então nós inserimos isso pra dizer, olha tem a abordagem tradicional, tem a abordagem cognitiva e tem mais essas outras coisas aqui. [Grifo nosso]*

Entretanto, naquele momento, 2006, os professores Araújo e Sirihal Duarte ainda não conheciam a abordagem de práticas informacionais. As pesquisas se vinculavam a abordagem social dos estudos de usuários, porém ainda não utilizavam o termo práticas informacionais e não era nítida uma terceira abordagem de estudos de usuários, que parecia existir, mas eles ainda não enxergavam com muita clareza.

[Entrevistado]: ***Naquela época a gente não conhecia ainda a abordagem de práticas informacionais,** eu não conhecia, Adriana não conhecia, no Brasil ninguém conhecia. Então eu demorei um pouquinho, eu demorei pra tomar conhecimento dessa discussão. [Grifo nosso]*

[Entrevistado]: *Eu já tinha passado [em 2006] por alguma coisa dos Finlandeses, mas não tinha dado muita atenção, porque aprofundar na discussão de comportamento, nos modelos do Tom Wilson, da Brenda Derwin, parecia mais interessante naquele momento, exatamente pelo tanto que eles eram mais conhecidos, famosos, citados et. **E a discussão de práticas, ela parecia uma coisa ainda muito periférica, ainda muito marginal.** [Grifo nosso]*

[Entrevistado] *Aí eu conheci algumas pessoas no Brasil que trabalhava com alguma coisa disso, o Rodrigo Rabelo que na época ele tava no IBICT agora ele ta na UnB, a Linete Bartalo da UEL, que hoje ta aposentada, algumas pessoas. Ainda assim [era] uma coisa muito incipiente. Tanto que a gente tem um artigo do nosso grupo de pesquisa, aqui, de Minas Gerais, um artigo meu, depois um artigo da Adriana com a Tatiane, orientanda dela, dizendo assim, que **ainda não tava muito nítida uma terceira abordagem de estudos de usuários, ela parecia existir, mas a gente não enxergava com muita clareza.** [Grifo nosso]*

Outro ponto importante na construção desse novo programa é que a disciplina deixou de ser somente teórica e passou a incluir trabalhos de campo para os alunos, sendo um nos moldes da abordagem tradicional e outro da abordagem cognitiva. A disciplina também passou a ser ministrada em conjunto pelos dois professores, Carlos Araújo e Adriana Bogliolo, para mais de uma turma (araújo, 2021).

Com o tempo, o novo programa da disciplina foi se consolidando a partir de avaliações, críticas e sugestões e, da divulgação desse trabalho em eventos científicos da área.

Em seguida, os professores Araújo e Sirihal Duarte ingressaram no Programa de Pós Graduação em CI da UFMG, na linha de pesquisa “Informação, cultura e sociedade”, na qual não havia uma tradição de pesquisa sobre usuários da informação - havia sobre inclusão, leitura, mediação, informação e cidadania, com vários pontos em comum. Entretanto, as pesquisas sobre usuários eram realizadas na linha Gestão da Informação e do conhecimento.

[Entrevistado]: **No meu programa de pós graduação, nós tínhamos um desenho antes até 2016 que tinha uma linha de pesquisa chamada Informação, Cultura e Sociedade. Então nessa linha tem [...] uma série de professores que nunca usaram, nunca se reconheceram como usuários da informação, nunca se definiram como pesquisadores de usuários, mas faziam, fazem pesquisas sobre os sujeitos, sobre apropriação, que é muito parecido com usuário. [Grifo nosso]**

[Entrevistado]: *Então, eu lembro quando eu e Adriana entramos na Escola [de Biblioteconomia da UFMG] em 2006, nós entramos nessa linha de pesquisa, na qual outros professores faziam pesquisas parecidas com as nossas, mas não davam esse nome, nem usuários, nem práticas, nem comportamentos. Ao mesmo tempo, era o pessoal de Gestão da Informação, da linha de Gestão que fazia estudos de usuários, que fazia estudos de comportamento. Então a gente acabava tendo um diálogo interessante [...] eles eram de gestão, mas faziam estudos de usuários e estudos de comportamento. [Grifo nosso]*

Da mesma forma, no âmbito dos eventos científicos da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), no ENANCIB, particularmente no GT 3, Grupo de Trabalho sobre Mediação, circulação e apropriação da informação, esses professores perceberam que havia pesquisadores que *estudavam sobre os sujeitos, necessidades de informação ou apropriação da informação*, mas não reconheciam a temática de usuários, comportamento ou práticas informacionais.

[Entrevistado]: *A gente sentiu isso no âmbito da UFMG e sentiu isso no Enancib, no âmbito da ANCIB no GT3, em que a gente tinha pesquisadores que estudavam os sujeitos, necessidades de informação ou apropriação da informação, mas não se reconheciam como professores de usuários ou não reconheciam a temática usuários ou práticas informacionais ou comportamento informacional. [Grifo nosso]*

[Entrevistado]: *Então, eu me lembro que as primeiras vezes que a gente apareceu no GT3, a idéia de comportamento informacional e de práticas, causava um certo ruído, no sentido*

de dizer “esse GT não é disso”. Mas ao mesmo tempo, sobretudo [os trabalhos apresentados] de práticas pelos autores usados, o próprio Pierre Bourdieu, o interacionismo simbólico e tudo, as pessoas percebiam o seguinte “olha, é muito parecido com o que a gente faz”, ainda que o nome seja diferente. [Grifo nosso]

Havia uma vasta produção científica sobre usuários da informação, mas com outras designações, tais como mediação da informação, competência informacional, informação e cultura, informação e sociedade, entre outros, “mas com importantes contribuições para entender os usuários da informação. Sendo assim, eles perceberam que “era preciso conhecer essa produção, estabelecer diálogos e incorporar essas contribuições” (Araújo, 2021). E assim eles efetivamente fizeram conforme publicações de Sirihal Duarte (2009) e Araújo (2012).

Em meio a esse processo, Araújo (2021) destaca a criação dos cursos de graduação em Arquivologia, em 2008 e de Museologia, em 2009, ambos na ECI/UFMG, mesmo que já contemplassem a disciplina Usuários da informação, foi preciso realizar algumas adaptações no programa da disciplina para incorporar aspectos e necessidades destas áreas de conhecimento, o que exigiu um esforço no sentido de ampliar o escopo teórico e conceitual dessa disciplina, através de estudos e discussões coletivas (Araújo, 2021).

[Entrevistado]: ***Aqui [UFMG], nós criamos a graduação de Arquivologia e de Museologia. E a gente quis uma pós graduação que dialogasse com os três [Biblioteconomia]. A gente quer uma ciência da informação na qual os professores de Museologia, sobretudo, se sintam à vontade, então a gente tem que mudar a ciência da informação que a gente faz. Esse é um desafio que a gente tem. [Grifo nosso]***

Em seguida, vieram os contatos internacionais, inicialmente com duas professoras de usuários, a Aurora González-Teruel, da Universidad de Valencia (Espanha), autora de um livro sobre Estudos de Usos e de Usuários (2005), e Martha Sabelli da Universidade de La Republica (Uruguai), estabelecendo um intercâmbio científico internacional de troca de bibliografias e impressões, fundamental para o avanço do conhecimento e desenvolvimento da pesquisa científica. E foi nesse momento de leituras, pesquisas e debates internacionais que os pesquisadores do grupo (informal) Epic, descobriram a

abordagem de *práticas informacionais* como possibilidade de constituição de um campo de pesquisa original.

[Entrevistado]: *Nesse sentido, foi muito importante pra mim, um contato que eu tive com uma professora, Aurora González-Teruel, da Universidad de Valencia, na Espanha, que tem um livro famosíssimo sobre estudos de usos e de usuários, é um livro de 2005 que é muito usado e a professora Martha Sabelli da Universidade de La Republica, que é do Uruguai, as duas professoras de Usuários e eu fiquei amigo das duas e a gente começou a ter um intercâmbio muito grande de bibliografias e de impressões.*

[Entrevistado]: *Então foi nesse momento, que efetivamente – a gente tinha um grupo de estudos informal, aqui, na UFMG, [...] a gente ficava lendo textos de ciências sociais, ciências humanas, estudos de usuários etc. [Grifo nosso]*

Assim, em 2013, o grupo de Pesquisa Estudos de Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) foi oficializado e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), se caracterizando como o primeiro grupo de pesquisa brasileiro a se dedicar aos estudos de práticas informacionais, além de ser o primeiro a fazer a ponte com o campo dos estudos de usuários (ARAÚJO, 2021). Entretanto, o embrião do EPIC, se deu a partir das primeiras orientações de pesquisas de mestrado na temática, bem como de reuniões coletivas desses professores com seus respectivos orientandos (Araújo, 2021).

[Entrevistado]: *Em 2013 a gente resolveu criar um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. E aí na época a gente falou, a gente quer como? A gente quer práticas informacionais, é essa abordagem que nós vamos seguir? Então foi uma escolha, é essa abordagem que queremos seguir, que queremos abordar e nós acrescentamos a palavra cultura, então virou EPIC – Estudos de Práticas Informacionais e Cultura. Porque além de ser a perspectiva que a gente queria seguir do Savolainen, da A. Lloyd, da Pâmela McKenzie, da Allan e outras, a gente queria também um pouco o nosso tom. O nosso tom significa uma apropriação nossa que enxergasse a discussão de cultura, a discussão da instersubjetividade como central no que a gente percebia que, as vezes, ela não era tão privilegiada nesses estudos. Então não é que a gente tava querendo inventar a roda, não é isso. A gente pensou, queremos fazer do jeito que eles fazem, mas um pouquinho diferente, queremos dar a nossa leitura, a nossa cara. [Grifo nosso]*

O EPIC se alinha com a abordagem de práticas estudada na perspectiva internacional, de Savolainen, porém inseriu a discussão de cultura para demarcar sua proposta e ficar com uma perspectiva mais original de estudar o sujeito e sua relação com a informação, a partir da idéia de práxis que fundamenta a proposta do grupo.

Entretanto, antes da formalização do grupo, em 2013, já existia o grupo de estudos e uma produção de dissertações e teses na temática de práticas informacionais, investigando realidades empíricas bem variadas, mas ainda não havia um referencial único.

Inicialmente o EPIC era formado pela professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, como coordenadora; o professor Carlos Alberto Ávila Araújo, como vice-coordenador; o professor Cláudio Paixão Anastácio de Paula e a professora Eliane Cristina de Freitas Rocha. Após o falecimento da professora Adriana, o professor Carlos assumiu a coordenação do grupo, que é constituído por pesquisadores docentes e discentes da pós-graduação.

[Entrevistado]: *Então criamos esse grupo em 2013, a líder do grupo era a professora Adriana, eu era o subcoordenador. Depois ingressaram outros professores, o professor Cláudio [Paixão] e a professora Eliane, e **a gente tinha um grupo de orientandos, doutorandos e mestrandos. Hoje essas pessoas se doutoraram e fazem parte do grupo.** Então hoje tem gente que é da UniRio, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Universidade Estadual de Londrina, e que fazem parte do nosso grupo, e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, enfim, **é um grupo, hoje, que tem umas vinte e cinco pessoas.** [Grifo nosso]*

Além de pesquisadores brasileiros, o EPIC tem membros internacionais, à exemplo de professoras da Espanha; do Uruguai; da Argentina e; da Colômbia, da Universidad de Antioquia.

[Entrevistado]: *[...] **O grupo tem uma participação internacional**, então a professora Aurora, da Espanha, faz parte; a professora Martha Sabelli, do **Uruguai**; a professora Fernanda, da **Argentina**; a professora [Dilma Amaranto?], da **Colômbia**, da Universidad de Antioquia, então **a gente acabou criando essa rede internacional**, [e] outras pessoas foram agregando. [Grifo nosso]*

Aproveitamos para ressaltar a importância dos grupos de pesquisa para que ocorra essa permanente troca de conhecimento, em nível nacional, regional ou internacional, para o avanço crítico e criterioso de teorias, conceitos e metodologias (Gatti, 2005, p.124).

[Entrevistado]: *[...] **o grupo de pesquisa é fundamental porque ele mostra o envolvimento [coletivo]**, assim, quando um grupo de pessoas acredita numa proposta, acredita num método de trabalho, acho que isso é muito importante.*

O grupo de estudos EPIC, se dedica aos estudos de práticas informacionais e se propõe a uma abordagem específica e original para se estudar os sujeitos informacionais demarcando sua proposta com a idéia de cultura, uma abordagem entre o individual e o coletivo, colocando os sujeitos

na relação com a informação como ponto mais importante. Nessa perspectiva consiste a idéia de que os indivíduos se constituem socialmente a partir diversas categorias como família, escola, cidade etc., mas em suas ações eles têm autonomia pra fazerem suas escolhas.

[Entrevistado]: Então a gente tem uma tendência aqui [EPIC] que é o seguinte, práticas informacionais e cultura é um grande modo de se estudar os sujeitos informacionais. Os sujeitos na relação com a informação é o ponto mais importante pra gente. O que define a nossa abordagem é “o tempo inteiro nós estamos nessa tensão entre o individual e o coletivo.[Grifo nosso]

[Entrevistado]: Então toda a ação do sujeito tem sempre um componente que é você que escolheu – então você tem uma autonomia, eu tenho uma autonomia, mas nós somos constituídos socialmente. Eu não sou eu sozinho. E eu me fiz com as categorias da minha família, da minha escola, da minha cidade etc, né. Então não fui eu sozinho que decidi o que é que é bom, ruim, o que é bonito ou feio, essas categorias foram construídas. Isso não quer dizer que eu assimilei totalmente do jeitinho que tava pronto, quer dizer, eu questionei algumas, mas então isso é o que nos caracteriza.[Grifo nosso]

Para Araújo (2021) a idéia de trabalhar com práticas informacionais situava o grupo no âmbito do movimento internacional que vinha acontecendo no campo de estudos de usuários da informação, na época representado por pesquisadores como Reijo Savolainen, Sanna Talja e Kimmo Tuominen (Finlândia), Annemarie Lloyd (Suécia) e Pamela McKenzie; porém com uma certa originalidade percebido nas reflexões epistemológicas e pesquisas empíricas desenvolvidas a partir do conceito de cultura e de uma abordagem mais antropológica (Canadá) (Araújo, 2021, p.29).

Assim como acontece em muitos grupos de pesquisas, o EPIC teve suas atividades interrompidas por um tempo e é importante destacar alguns fatos que contribuíram para essas pausas: o primeiro deles foi um acontecimento triste, a doença e o falecimento da líder do grupo, a Professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, em 2017/2018, o que comoveu e abalou emocionalmente todo o grupo pela importância da professora e da profissional que ela foi, pela sua contribuição pro EPIC e troca de conhecimento e experiência sobre práticas, além de ser uma querida colega de trabalho, e também pela rapidez como se deu esse processo.

[Entrevistado]: E nós tivemos [...] em 2018, o falecimento da Adriana [professora/coordenadora do grupo de pesquisa]. Ela faleceu jovem, ela teve um câncer, ela tinha 47 anos, muito nova, né. Então isso nos desestruturou porque foi um câncer

avassalador, ela descobriu a doença em dezembro de 2017 e faleceu em dezembro de 2018, então assim, num ano, foi avassalador o processo, então no ano que ela ficou doente a gente já não [se] encontrou direito e no ano seguinte foi um ano terrível.

Em seguida teve o afastamento do atual coordenador do EPIC, o professor Carlos Alberto Ávilla Araújo (entrevistado), para realização de seu pós-doutorado na Espanha e; de maneira mais ampla a pandemia mundial, agravada por uma crise política e sanitária no Brasil, provocando instabilidades e incertezas nos rumos de projetos individuais e coletivos.

[Entrevistado]: *Aí **eu acabei saindo também** [pra fora do país], e quando eu voltei do pós-doutorado, veio a pandemia. Então a gente [o grupo] passou por um período assim [parado], e agora a gente retomou, em 2021, a gente tem uma agenda de reuniões, inclusive uma das reuniões que a gente vai fazer é com o grupo do [professor] Edvaldo [Gepsi/UFPB]. [Grifo nosso]*

Percebe-se como fatores externos podem interferir no andamento das atividades de um grupo de pesquisa, levando-o a pequenas, médias ou grandes pausas. O importante é que em 2021, o EPIC retomou suas atividades de forma remota. Atualmente o grupo continua movimentando sua agenda de reuniões e discussões, inclusive com outros grupos de pesquisa de outras instituições.

Além do Epic (UFMG), hoje tem outros grupos de pesquisa no Brasil como o GEPSCI na UFPB liderado pelos professores Edvaldo Alves, Giselle Rocha e Fellipe Brasileiro; tem um grupo no Ceará, com os professores Jefferson, Tadeu e Lídia Cavalcanti; outro grupo em Brasília, com a professora Ivette Kafure. E tem pessoas estudando práticas, não exatamente em grupos também, como na Federal do Rio Grande do Sul, Em Santa Catarina e em outros lugares.

[Entrevistado]: *Hoje **tem um grupo de pesquisa na Paraíba de práticas informacionais**, né o grupo do [professor] Edvaldo e da [professora] Gisele [GEPSCI/UFPB]; no Ceará tem um grupo com [os professores] Jefferson, com Tadeu, com Lídia Cavalcanti; em Brasília tem o grupo da professora IvetteKafure. [Grifo nosso]*

[Entrevistado]: ***Tem pessoas estudando práticas, não exatamente em grupos também**, tem Rio Grande do Sul, Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, a gente tem alguns lugares. [...][Grifo nosso]*

De acordo com o entrevistado as primeiras discussões de práticas em eventos científicos no Brasil, ocorreram no âmbito do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB) e no Encontro Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (Enancib).

[Entrevistado]: [...] **Essa discussão ela foi aparecendo**, eu me lembro, **nos Enancibs e nos CBBB's**, a gente apresentando e as pessoas dizendo, "Ah práticas, não conhecemos", né, "então vamos começar a conhecer". [Grifo nosso]

[Entrevistado]: *Eu me lembro que, por exemplo, eu fui a um evento em Fortaleza e eu encontrei a professora **Eliane Paiva, da UFPB**, e eu me lembro dela chegando pra mim e falando assim "Olha nós também **já estamos trabalhando com práticas**, tem dissertação sendo feita lá também". [Grifo nosso]*

Já as participações em eventos internacionais ocorreram no ISIC: The information behaviour conference, na Inglaterra, evento mais importante da área de usuários da informação, no qual os professores Carlos Araújo e Adriana Boglioso tiveram um trabalho aprovado e estabeleceram contatos com pesquisadores da Europa, América, Ásia e África, muitos dos quais eles já conheciam suas produções literárias e; em reuniões na Espanha com professora Aurora González Teruel (Araújo, 2021).

Vale ressaltar a importância desses eventos científicos como canal informal de disseminação da ciência, por meio do qual os pesquisadores divulgam os resultados de suas investigações, participam de importantes debates e trocam conhecimentos com seus pares.

Essas experiências contribuíram para o amadurecimento e ampliação do quadro conceitual e a incorporação de uma terceira abordagem para se estudar usuários, diferente das abordagens, tradicional e cognitiva, já existentes. Essa última já vinha demonstrando uma limitação por apreender os sujeitos só a partir de sua cognição, isolando-os do contexto social (Araújo, 2021).

De acordo com Araújo (2021), a formalização do Epic contribuiu para sua internacionalização, no sentido de ter como participantes formais no grupo, pesquisadores de outros países como Uruguai, Espanha. Argentina e Colômbia, o que rendeu um trabalho, em 2016, em coautoria com SIRIHAL Duarte; Sabelli; González Teruel; Rocha; Araújo, no XI Encontro de Diretores e

X Encontro de Docentes de Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul.

Com as colaborações e engajamento do grupo, as discussões teóricas sobre práticas informacionais se deram na perspectiva contemporânea da CI, a partir do conceito de intersubjetividade, nas dimensões coletivas e individuais dos fenômenos informacionais.

Em seu processo de consolidação o Epic realizou eventos como a I Jornada em Práticas Informacionais (2018), com convidados de áreas distintas e palestras de pesquisadoras estrangeiras do grupo; a II Jornada em Práticas Informacionais (2019), em homenagem a professora Adriana Bogliolo; ainda em 2019 teve a publicação de uma edição especial do periódico “Informação em Pauta” (UFC), também em homenagem a professora Adriana e; a III Jornada em Práticas Informacionais (2021), em parceria com o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário, grupo de pesquisa do PPGCI/UFMG; além de publicações de livros e capítulos de livro sobre práticas informacionais de membros do grupo (Araújo, 2021).

Atualmente o Epic é um grupo de pesquisa consolidado com 19 pesquisadores doutores vinculados a diversas instituições de diferentes estados brasileiros e a maturidade de sua proposta de pesquisa vem se mostrando nas publicações de seus membros.

Com todo esse avanço, ainda hoje muitas pessoas confundem o uso do termo de práticas com comportamento. Entretanto, o entrevistado alerta para o cuidado e combate aos modismos em torno de novas teorias porque sempre tem alguém que diz que criou um conceito novo e que, sobretudo, é preciso respeitar a história de um campo.

[Entrevistado]: [...] realmente **muitas pessoas têm ainda algumas dificuldades em entender o que é que são práticas informacionais**, porque é que precisa [usar] práticas, porque é que não usa comportamento. Sobretudo, porque, de fato, **a gente tem que tomar um cuidado na ciência com o modismo**, com pessoas que querem criar uma teoria nova. Então toda a hora a gente tá sujeito a alguém que diz assim “ó criei um conceito novo e agora as pessoas vão ter que usar o meu conceito”. Então a gente tem que combater isso, e tem muita gente que fica inventando teorias novas. **Acho que a gente tem que respeitar a história de um campo, a gente não pode chegar e dizer “agora vou criar tudo do zero”**. [Grifo nosso]

Conforme Araújo (2021, p.27) a noção de usuário foi revista e ampliada a partir das categorias de sujeito e informação, buscando-se entender o estudo do sujeito informacional a partir dos três modelos dos estudos dos sujeitos e dos três modelos de estudo da informação. E essa foi a idéia apresentada a comunidade internacional, no trabalho apresentado no ISIC.

Na perspectiva dos sujeitos, aprofundaram-se as leituras e estudos nas ciências sociais e humanas em torno do entendimento das três grandes correntes de estudo que as compõem: a positivista/funcionalista, a crítica/marxista e a compreensiva/fenomenológica. Do ponto de vista da informação, avançou-se nos estudos dos fundamentos da ciência da informação, a partir do estudo das três grandes perspectivas de estudo que compõem a área: a fisicista, a cognitivista e a pragmáticista ou sociocultural (Araújo, 2021, p.27).

Atualmente, no Brasil, têm pesquisadores que vêm defendendo o uso da expressão “sujeitos informacionais” no lugar de “usuários da informação”, uma vez que as pessoas não são apenas usuárias, mas também produtoras de informação, e, nesse sentido entendem que o termo “usuários” está mais vinculado a uma perspectiva funcionalista e, portanto, com aplicações de princípios positivistas. Fica evidente a compreensão do sujeito informacional como um protagonista da construção de sua realidade informacional.

[Entrevistado]: *Agora tem pesquisadores no Brasil que rejeitam essa expressão **Usuários da Informação**, porque dizem que é uma perspectiva somente funcionalista, que as pessoas são mais do que usuárias, elas são produtoras de informação também. Então tem gente que defende o conceito de sujeito informacional no lugar de usuários e essas coisas são todas legítimas, dentro do ambiente científico é legítimo que alguém conteste o conceito de usuário e proponha o conceito de sujeito, conteste comportamento, conteste prática. [Grifo nosso]*

Para o entrevistado as práticas informacionais como manifestações das práticas sociais de uma sociedade, permitem que os pesquisadores de práticas informacionais percorram caminhos bem específicos e diferenciados, uma vez que existem pesquisas de práticas a partir da fenomenologia, outras associadas ao conceito de Regime de Informação, outras que enveredam pela tradição marxista, e cada pesquisador busca um jeito de estudar práticas e de enxergar sujeitos informacionais que permite usar conceitos e diferentes abordagens desde as mais teóricas àquelas com objetos mais concretos.

[Entrevistado]: A gente tem dentro do nosso grupo pessoas que fazem caminhos muito específicos e a gente, então, vai cultivando isso. Por exemplo, eu tive uma orientanda que é a Tatiane Gandra, ela foi orientanda de mestrado de Adriana e de doutorado minha, que a pesquisa dela é a partir da fenomenologia, então ela foi lá no Schutz, tirou as categorias dele etc etc e tal. Eu tive uma outra orientanda que é a Illemar Christina Wey Berti que agora tá em Londrina, que foi associando o conceito de Regime de Informação com o conceito de práticas. O trabalho da Flávia Virgínia que foi minha orientanda de mestrado e de doutorado [...] e ela sempre traz uma leitura pro grupo de Heigger ou Marx, da tradição marxista. Então ela construiu um caminho, que é um caminho dela. A gente tem a Janicy que hoje é professora no Rio de Janeiro, que utiliza cognição distribuída e ela faz uma ponte lá com o sociocognitivismo. [...] aqui no nosso grupo a gente tem o seguinte, “qual o jeito que eu vou procurar demonstrar isso”, as pessoas criam os seus jeitos. Então a Tatiane criou pela fenomenologia, a Flavinha pelo marxismo, a Cris pelo Fhromann, e assim sucessivamente. Então a gente tende a estudar práticas como um jeito de se enxergar usuários que permite que eu use conceitos de teorias diferentes pra chegar lá. Eu acho que isso provoca uns embates muito interessantes no grupo.[Grifo nosso]

O entrevistado explica ainda, em linhas gerais, que as subáreas são grupos consolidados dentro dos quais se encaixam diferentes teorias. Entretanto as subáreas são dinâmicas podendo ser muito forte numa época e depois desaparecer.

[Entrevistado]: **As teorias contemporâneas, elas estão dentro, se encaixam nas subáreas.** Então neodocumentação, humanidades digitais, curadoria digitais, análise de domínio são todas teorias novas. Agora **as subáreas elas são grupos mais consolidados dentro dos quais tem teorias diferentes**, por exemplo, análise de domínio é uma teoria dentro de Organização da Informação, cultura organizacional dentro da subárea Gestão [...] [Grifo nosso]

[Entrevistado]: O quesito **subáreas**, ele é sempre muito complicado porque elas **são dinâmicas**, então eu acompanho muito como é que as pessoas fora do Brasil dividem o campo, eu sempre comparo muito, então, tem tal autor que divide desse jeito. Tem um livro que eu gosto muito que é um Manual de ciência da informação de Bawden e Robinson, são dois pesquisadores da Inglaterra, pra mim é o melhor manual que tem, porque eles fazem uma divisão parecida com a que eu proponho. Agora a que eu proponho é um pouco da leitura que eu faço do cenário internacional dialogando com o jeito como acontece no Brasil, sobretudo no Enancib. [Grifo nosso]

Há ainda diferenças na forma como pesquisadores dividem o campo em diferentes países e mesmo entre regiões do mesmo país, porque cada lugar tem um jeito e isso muda de acordo com as características de cada região e o tipo de resposta que se quer dar.

[Entrevistado]: Quer dizer **o Brasil também tem um jeito de organizar que não é igualzinho dos outros países.** Então é importante a gente ter essa sensibilidade. Agora a gente percebe, por exemplo, o GT6 da ANCIB, que é de Educação e Trabalho, ele hoje é muito ocupado por Competência – não era. Então você tinha um grupo de brasileiros muito fortemente ligado a trabalho e esse grupo, alguns se aposentaram, alguns mudaram e ele não foi renovado, digamos assim. Então **as vezes existe uma temática que é muito forte na época e depois ela vai desaparecendo.** A gente tem um GT de Saúde no Enancib, que é o GT11, em outros lugares do mundo não tem uma área explicitamente ligada com a saúde. Então, **a gente precisa, as vezes, ter essa sensibilidade pra ver o que é que é característica só do Brasil,**

o que é que é característica só de uma época, o que é que é característica permanente, digamos assim, da área, né. [Grifo nosso]

[Entrevistado]: Por exemplo, **na Paraíba, tem uma discussão de Memória muito forte. Então precisa de uma ciência da informação na qual Memória seja uma temática relevante, mas esse não é o mesmo de outros lugares no Brasil, pra quem memória não é um assunto importante ou central. Eventualmente pra outros lugares estudos métricos são muito importante, em outro lugar a relação com tecnologia é muito importante, então isso muda, o tipo de resposta que cada lugar quer dar.** [Grifo nosso]

Na fala do entrevistado, fica evidente sua preocupação com a fragmentação do campo de usuários no Brasil e complementa dizendo que é melhor agregar do que separar.

[Entrevistado]:[...] Agora **me preocupa muito é que a gente fique criando divisões entre nós. Eu acho muito importante que o pesquisador de práticas reconheça o de comportamento como um par, um colega, um colaborador e reconheça também na pesquisa em usuários.** [Grifo nosso]

[Entrevistado]: Com isso eu quero dizer o seguinte, **eu me preocupo muito que a gente não fragmente muito o nosso campo aqui no Brasil. Se não você tem assim, reunião das pessoas que só estudam práticas informacionais, reunião só das pessoas que estudam mediação, só das pessoas que estudam comportamento, aí eu acho que vira um grupo de sete pessoas. Então eu acho que o ideal é a gente tentar agregar, em vez de separar.** [Grifo nosso]

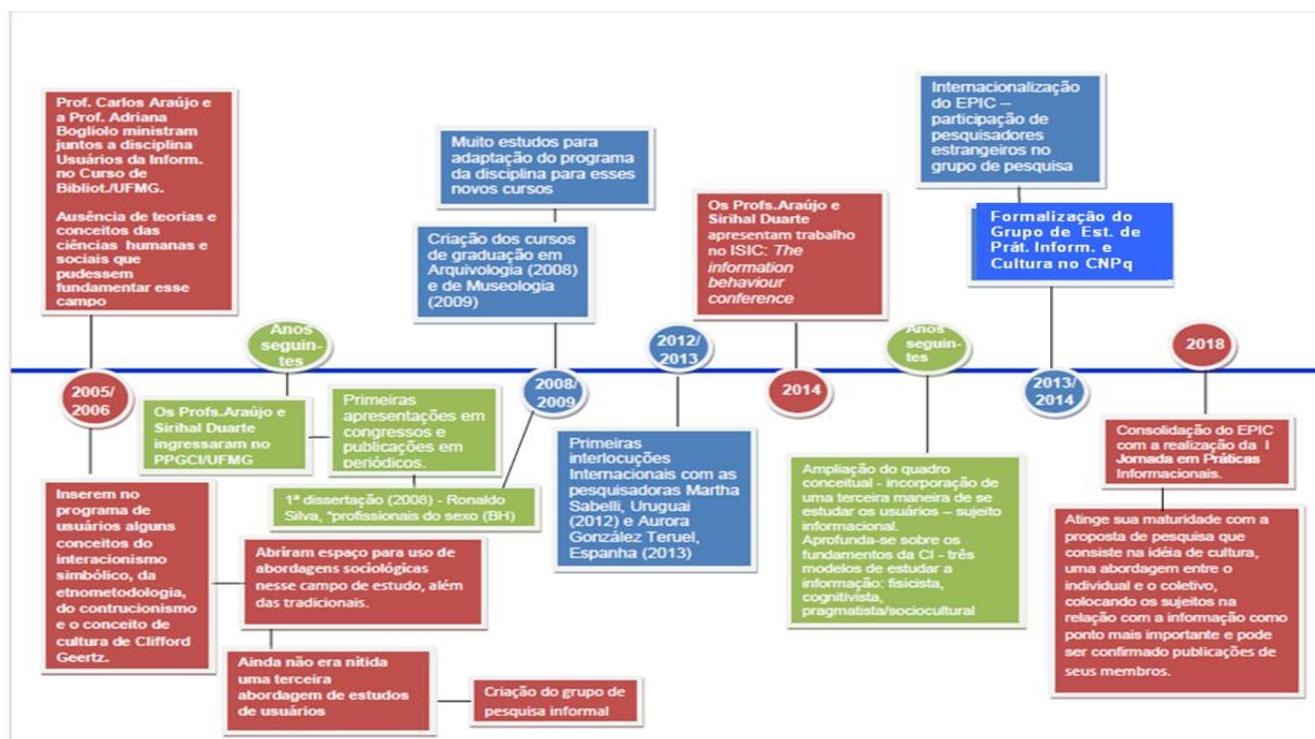
[Entrevistado]: [...] **o prof. Murilo que foi uma grande referência de usuários nos anos 70, nos anos 1980. [...] Ele não é um pesquisador de práticas, mas naquele grande manual que ele publicou agora há pouco tempo da editora Atlas, ele fala de estudos de usuários, de comportamento e fala de estudos de práticas, ele apresenta as três abordagens. A própria Suely que foi uma grande referência em comportamento informacional, ela dialoga com a gente de práticas, eu já tive chance de participar de eventos com a Suely. Então eu acho muito importante esse tipo de esforço.** [Grifo nosso]

[Entrevistado]: **Eu acho hoje muito importante que a turma de usuários, de práticas, de comportamento e, também, a turma de mediação e a turma de competência que a gente consiga conversar, sabe, que a gente consiga respeitar as opções teóricas de cada um, que a gente consiga se enxergar como comunidade única que está estudando as pessoas, buscando, sentindo falta, compartilhando, usando, se apropriando de informação.** [Grifo nosso]

Para o entrevistado, independente das opções teóricas de cada um, é muito importante que os pesquisadores se reconheçam como pares e colaboradores na pesquisa de usuários, até porque essas discussões são legítimas no âmbito científico e não devem gerar divisões entre grupos de pesquisadores, mas, sim, agregá-los para que se reconheçam como comunidade única que estudam pessoas que buscam, sentem falta, compartilham, usam e se apropriam de informação.

A partir dessa entrevista, elaboramos uma linha do tempo com acontecimentos que consideramos importantes para o desenvolvimento dos Estudos de Práticas Informacionais (EPI) no Brasil (Figura 3).

Figura 3 – Linha do tempo do desenvolvimento dos EPI no Brasil.



Fonte: Elaborado pela autora com base na entrevista realizada para esta esta pesquisa.

6.1 SITUAÇÃO DOS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO BRASIL (2008 – 2022)

A fim de oferecer um panorama dos estudos de práticas informacionais produzidos nos PPGCI's, elaboramos o Quadro 9, no qual encontram-se as teses e dissertações coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD nacional, com algumas característica destacadas, tais como: ano de defesa, título, autor, orientador, instituição, tipo de documento

(tese/dissertação), palavras-chaves e tipo de documento (dissertação ou tese) desses trabalhos.

Para seleção das teses e dissertações, foram utilizados os seguintes critérios: recorte temporal de 2008 a 2022; o documento estar vinculado a um Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)/mestrado ou doutorado acadêmicos; o termo “práticas informacionais” descrito nas palavras-chaves indicadas pelo autor no documento; apresentar uma abordagem teórica sobre práticas informacionais. Esse último critério justifica-se pelo fato de que nas buscas efetuadas nas bases de dados, recuperamos documentos que usam o termo práticas informacionais, mas que quando analisadas, verificou-se que não tratam de uma abordagem de práticas relacionada aos estudos de usuários da informação. Alguns trabalhos usam a expressão práticas relacionada à prática profissional, práticas de bibliotecários e não de uma abordagem de práticas informacionais. Com base nesses critérios, identificamos um total de 44 estudos, sendo 26 dissertações e 18 teses, conforme quadro 13.

Quadro 13 - Situação dos estudos de práticas informacionais no Brasil (2008 – 2022)

Nº	ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE (do autor)	TIPO DE DOCUMENTO
01	2008	As práticas informacionais das Profissionais do Sexo da zona boêmia de Belo Horizonte	RONALDO ALVES DA SILVA	UFMG	CARLOS ALBERTO AVILA ARAUJO	Prostituição. Estudos de usuários. Usuários de informação. Prática informacional.	DISSERTAÇÃO
02	2012	Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte	FLÁVIA VIRGÍNIA MELO PINTO	UFMG	CARLOS ALBERTO AVILA ARAUJO	Sindicalismo docente Estudos de usuários da informação Professores Práticas informacionais	DISSERTAÇÃO
03	2013	A extensão universitária e o Sistema de Informação da Extensão (SIEX/UFMG): um estudo de usuários a partir de uma perspectiva compreensiva	ANA LUISA DE VASCONCELOS TERTO	UFMG	ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE	Estudos de usuários Práticas informacionais Fenomenologia social Sistema de Informação da Extensão (SIEX/UFMG) Usabilidade	DISSERTAÇÃO
04	2014	Cultura informacional e distinção: a orkutização sob o olhar social da Ciência da Informação	RULEANDSON DO CARMO CRUZ	UFMG	MARIA GUIOMAR DA CUNHA FROTA	Cultura Informacional. Distinção. Práticas informacionais. Redes sociais virtuais. Representações sociais	TESE
05	2014	Vivência em rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet	JEFFERSON VERAS NUNES	UNESP	OSWALDO FRANCISCO DE ALMEIDA JÚNIOR	Sites de Redes Sociais Práticas informacionais - Facebook Tecnologia, Sociedade e Cultura - Cibercultura	TESE
06	2015	Práticas informacionais no contexto dos sindicatos: um estudo de caso do Sindicato dos Trabalhadores das Instituições Federais de Ensino	ADRIANA SOARES VIANA	UFMG	RUBENS ALVES DA SILVA	Práticas informacionais Sindicato. Movimento social Estudo de usuários Cidadania. Trabalho	DISSERTAÇÃO

07	2016	As práticas informacionais das clientes dos serviços de estética	PAULA MOTA VASCONCELOS	UFMG	CARLOS ALBERTO AVILA ARAUJO	Fisioterapia dermatofuncional Ciência da Informação Práticas Informacionais Estudos de Usuários Serviços de estética	DISSERTAÇÃO
08	2016	Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas	FLAVIA MORAES MOREIRA BARROS	UFMG	ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE	Estudos de usuários. Paradigma social. Práticas informacionais. Alergia alimentar. Segurança alimentar.	DISSERTAÇÃO
09	2017	Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG	TATIANE KREMPSER GANDRA	UFMG	CARLOS ALBERTO AVILA ARAUJO	Práticas informacionais. Estudo de visitante. Estudo de usuários. Museu itinerante de ciências. Abordagem social.	TESE
10	2017	Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores	ELIANE PAWLOWSKI DE OLIVEIRA ARAUJO	UFMG	CLAUDIO PAIXAO ANASTACIO DE PAULA	Tomada de decisão organiz. Dimensão simbólico-afetiva. Estruturas Antropológ. do Imaginário. Comportamentos e práticas informacionais	TESE
11	2017	Práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano-MG	ANDREZA GONCALVES BARBOSA	UFMG	ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE	Práticas Informacionais. Estudos de Usuários. Informação. Presas. Apenadas Gestantes.	DISSERTAÇÃO
12	2017	Prática informacional em redes no domínio da governança da água: um estudo sobre o processo de produção do conhecimento	MARIANNA ZATTAR RIBEIRO BARRA.	UFRJ – IBICT	REGINA MARIA MARTELETO	Produção do conhecimento. Prática informacional. Domínio do conhecimento. Conhecimento praxiológico. Análise de redes sociais. Governança da água. Ciência da Informação.	TESE
13	2017	Resiliência informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais	FELLIPE SÁ BRASILEIRO	UFPB	GUSTAVO HENRIQUE DE ARAUJO	Resiliência informacional Práticas informacionais Letramento informacional Redes Sociais Virtuais;	TESE

					FREIRE	Dispositivos móveis; Teoria da Interação Ritual	
14	2018	Serviço de referência: práticas informacionais do bibliotecário	GRACIRLEI MARIA DE CARVALHO LIMA	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAUJO	Serviço de referência. Práticas informacionais. Processo de referência. Bibliotecário de referência.	DISSERTAÇÃO
15	2018	Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários	JESSICA PATRICIA SILVA DE SA	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAUJO	Práticas Informacionais. Blogs literários. Blogueiros. Webrings. Compartilhamento de leituras.	DISSERTAÇÃO
16	2018	A produção do conhecimento como cognição distribuída: práticas informacionais no fazer científico	JANICY APARECIDA PEREIRA ROCHA	UFMG	CLAUDIO PAIXAO ANASTÁCIO DE PAULA	Práticas Informacionais. Cognição Distribuída. Etnografia cognitiva. Estudo de usuários. Conhecimento científico. Informação científica e tecnológica	TESE
17	2018	Consumo e informação: análise de práticas informacionais no contexto do comércio mobile a partir de aplicativos e redes sociais on-line	ANDRE FAGUNDES FARIA	UFMG	MARIA APARECIDA MOURA	Comércio mobile. Aplicativos móveis. Práticas informacionais. Economia da atenção. Serviços de recomendação.	DISSERTAÇÃO
18	2018	Adolescência, internet e práticas informacionais	ANDREA HELOIZA GOULART.	UnB	IVETTE KAFURE MUÑOZ	Adolescência. Análise do Comportamento. Estudos de Recepção. Estudo de Usuários. Interação. Internet. Práticas Informacionais. Representações Sociais	TESE
19	2018	Informação e transgeneridade: o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero	ELTON MARTIRES PINTO	UnB	FERNANDO CESAR LIMA LEITE	Práticas informacionais. Comportamento informacional. Mulheres transgêneras. Transição de gênero. Identidade de gênero.	DISSERTAÇÃO
20	2018	Práticas e regime de informação. Os acontecimentos 'Carta de Temer a Dilma' e 'Marcela Temer: bela	ILEMAR CHRISTINA LANSONI WEY	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAUJO	Práticas informacionais. Regime de informação. Sujeitos informacionais.	TESE

		recatada e do lar	BERTI			Acontecimentos. Facebook	
21	2018	Imagens Fotográficas e Seus Usos: Aproximações da Ontopsicologia com a Ciência da Informação	CLAUDIANE WEBER	:	SUELI MARA SOARES PINTO FERREIRA	Estudos de Usuários. Comportamento Informacional. Práticas Informacionais. Percepção visceral. Corporeidade.	TESE
22	2019	Entrando em ação, movendo a cena: práticas informacionais nos ambientes do aplicativo telegram	ANDRE GUSTAVO FONSECA DA SILVA		CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAÚJO	Práticas informacionais, Representações sociais, Sociabilidades, Interação social, Telegram	DISSERTAÇÃO
23	2019	RESILIÊNCIA INFORMACIONAL NO contexto da microcefalia: o papel das práticas informacionais no ambiente digital João pessoa 2019	PAULLINI MARIELE DA SILVA ROCHA		EDVALDO CARVALHO ALVES	Resiliência Informacional; Práticas Informacionais; Desinformação. Mulheres.	DISSERTAÇÃO
24	2019	Práticas informacionais: LGBTQI+ e empoderamento no espaço LGBT	LAELSON FELIPE DA SILVA		GISELE ROCHA CORTES	Práticas Informacionais; Transexuais; Espaço LGBT; LGBTQI+; Empoderamento.	DISSERTAÇÃO
25	2019	Informação encarcerada: o jovem da “Geração Internet” e a mediação e apropriação dos dispositivos informacionais no Interior da Prisão	CIRO ATHAYDE BARROS MONTEIRO		OSWALDO FRANCISCO DE ALMEIDA JUNIOR	Jovem encarcerado. Mediação da informação. Biblioteca prisional. Apropriação da informação. Práticas Informacionais. Clube de leitura. Prisão.	TESE
26	2019	Usuários surdos e acessibilidade à informação em sítios web do governo brasileiro	SYLVANA KARLA DA SILVA DE LEMOS SANTOS		IVETTE KAFURE MUNOZ	Acessibilidade à informação. Estudo de usuários. Prática Informacional. Surdos. Libras Sítios web governamentais. Tecnologia Assistiva.	TESE
27	2019	Práticas informacionais em arquivos: quadro comportamental e contexto social dos usuários do Arquivo Público Mineiro	GLAUCIA APARECIDA VAZ		RENATO PINTO VENANCIO	Arquivo Público Mineiro. Práticas informacionais em arquivos. Letramento Arquivístico. Inteligência Arquivística.	TESE
28	2019	Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação:	DANIELLA		EDVALDO CARVALHO	Práticas Informacionais Competência Crítica em	DISSERTAÇÃO

		Um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba	ALVES DE MELO		ALVES	Informação Feminismo Negro Interseccionalidade Relações de gênero Bamidelê	
29	2020	Práticas informacionais na estruturação da cultura participativa do Fandom: uma análise de As Crônicas de Gelo e Fogo	RAFAELA PEREIRA DE CARVALHO	UFC	JEFFERSON VERAS NUNES	Prática Informacionais. Estudos de Usuários. Cultura Participativa. Cultura de Fãs. As Crônicas de Gelo e Fogo.	DISSERTAÇÃO
30	2020	Transformando normas e Padrões: as práticas informacionais de pessoas trans na “reinvenção do corpo	FLÁVIA VIRGÍNIA MELO PINTO	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAÚJO	Práticas informacionais; Transexualidade; Transexual; Transgênero	TESE
31	2020	As práticas informacionais na produção científica dos pesquisadores na pós-graduação	MAÍRA PRADO DA SILVA	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAÚJO	Produção científica. Comunicação científica. Práticas Informacionais. Pósgraduação.	TESE
32	2020	Práticas informacionais na produção da comunicação científica visual: ficções e realidades (re) construídas sobre a esquistossomose na década de 1940	ANA CLÁUDIA DE ARAÚJO SANTOS	UFPB	EDVALDO CARVALHO ALVES	Comunicação Científica; Comunicação Científica Visual; Práticas informacionais; Esquistossomose; Imagem; Habitus visual.	TESE
33	2021	Práticas informacionais: um estudo netnográfico à luz das informações étnico-raciais	SABRINA CLAVÉ EUFRÁSIO	UFRGS	RODRIGO SILVA CAXIAS DE SOUSA	Práticas informacionais; informação étnico-racial; empoderamento racial.	DISSERTAÇÃO
34	2021	Práticas informacionais na web social: uma análise espaço-temporal sobre o influenciador digital no youtube	PRISCILLA NUNES PEIXOTO	UFAL	RONALDO FERREIRA DE ARAUJO	Influenciadores digitais; Práticas informacionais; Mediação da informação; Youtube;Web social	DISSERTAÇÃO
35	2021	Práticas informacionais e competência crítica em informação de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará	MARIA IVONE MAIA DA COSTA	UFPA	RENATA LIRA FURTADO	Práticas Informacionais; Estud. quilombolas;Comp. Crítica em Inform; Univ. Fed. do	DISSERTAÇÃO

						Pará;Análise Crítica do Discurso	
36	2021	Práticas informacionais no portal geledés: histórias e representações sociais sobre mulheres negras	PATRICIA SALDANHA	UFRGS	RODRIGO SILVA CAXIAS DE SOUSA	Práticas informacionais , produção de informação, compartilhamento de informação, portal Geledés. representações sociais; mulheres negras,	DISSERTAÇÃO
37	2021	Práticas informacionais no cotidiano de pessoas com restrições decorrentes de alergias e intolerâncias alimentares	MARCIANA SIQUEIRA DA SILVA	UFC	MARIA DE FATIMA OLIVEIRA COSTA	Práticas informacionais ; estudos de usuários; Restrição alimentar; alergia e intolerância alimentar;modelo bidimensional de Pâmela McKenzie	DISSERTAÇÃO
38	2022	Percepções de Crianças sobre a Mediação Parental em suas Práticas Informacionais	VITORIA CORREA LOPES WOHLGEMUTH	UnB	IVETTE KAFURE MUNOZ	Criança;Internet; Mediação Parental; Estudo de Usuários; Práticas Informacionais	DISSERTAÇÃO
39	2022	Design da informação nas práticas informacionais da leitura digital: estudo de caso no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios	FERNANDA RODRIGUES BERTOLDO	UnB	IVETTE KAFURE MUNOZ	Práticas informacionais . Leitura. Informação digital. Design da informação. Saúde e bem-estar	DISSERTAÇÃO
40	2022	A Resiliência Informacional no Contexto da Homofobia: o Papel das Práticas Informacionais no Espaço LGBT de João Pessoa-PB	LUIS CARLOS DA SILVA	UFPB	EDVALDO CARVALHO ALVES	Resiliência Informacional. Práticas Informacionais . LGBTQIA fobia. LGBTQIA+. Espaço LGBT de João Pessoa.	DISSERTAÇÃO
41	2022	Práticas informacionais terapêuticas e a resiliência informacional	LAIANA FERREIRA DE SOUSA	UFPB	EDVALDO CARVALHO ALVES	Práticas informacionais Mediação da leitura Biblioterapia com crianças Resiliência informacional	TESE
42	2022	Entre a efemeridade e a permanência: práticas informacionais em perfil do instagram com a temática de ciência e	PATRICIA VALERIM	UFRGS	RODRIGO SILVA CAXIAS DE SOUSA.	Práticas informacionais ; Instagram; Comunicação de ciência; Discurso mediado	DISSERTAÇÃO

		maternidade				pelo digital; Netnografia.	
43	2022	Práticas informacionais em bibliotecas comunitárias: o discurso do sujeito coletivo sobre desinformação e empoderamento	FRANCINE CONDE CABRAL	UFRGS	RODRIGO SILVA CAXIAS DE SOUSA	Bibliotecas comunitárias. Desinformação. Empoderamento. Discurso do Sujeito Coletivo.	DISSERTAÇÃO
44	2022	Chatbot em contexto: design de experiência do usuário aplicado à recuperação da informação no catálogo de teses e dissertações da CAPES	LEILA JANE BRUM LAGE SENA GUIMARÃES	UFMG	CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAÚJO	Práticas Informacionais. Experiências dos Usuários. Interação. Conversação. Chatbot.	TESE

Fonte: Dados de pesquisa (2019/2022)

Para realizar as análises fizemos cinco recortes do quadro 13 e geramos quatro (4) tabelas com as seguintes categorias: 1 – Produção de teses e dissertações em práticas informacionais por ano; 2 – Produção de teses e dissertações em práticas informacionais por instituição; 3 – Produção de teses e dissertações em práticas informacionais por região; 4 – Produção de teses e dissertações em práticas informacionais por professor/orientador.

Tabela 1 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Ano

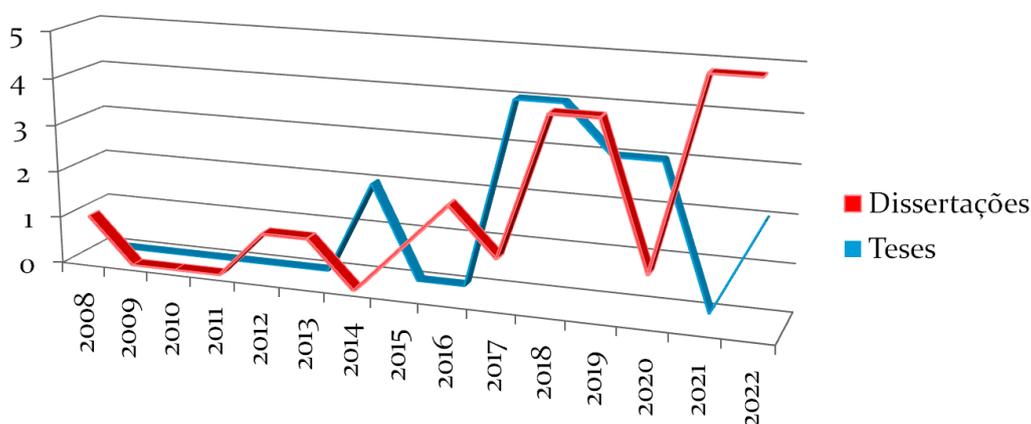
ANO	DISSERTAÇÃO	TESE	QUANTITATIVO	%
2008	01	-	01	2,27
2009	-	-	-	-
2010	-	-	-	-
2011	-	-	-	-
2012	01	-	01	2,27
2013	01	-	01	2,27
2014	-	02	02	4,54
2015	01	-	01	2,27
2016	02	-	02	4,54
2017	01	04	05	11,36
2018	04	04	08	18,18
2019	04	03	07	15,91
2020	01	03	04	9,10
2021	05	-	05	11,36
2022	05	02	07	15,91
TOTAL	26	18	44	100

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de pesquisa (2019 - 2022)

No tabela 1, que indica a produção de teses e dissertações em práticas informacionais por ano, observa-se que de 2008 a 2016, houve um percentual de 2,27% a 4,54% trabalhos por ano nessa perspectiva teórica, a saber: 2008 (2,27% - 1), 2009 a 2011 (0,00), 2012 (2,27% - 1), 2013 (2,27% - 1), 2014 (4,54% - 2), 2015 (2,27% - 1) e 2016 (4,54% - 2). Percebe-se o crescimento dessa produção em 2017 com 11,36% (5) trabalhos com essa perspectiva. Foi notadamente em 2018 que houve um aumento significativo da produção de teses e dissertações sobre os Estudos de Práticas Informacionais, subindo para 18,18% (8) esse percentual e mantendo-se aproximado em 2019 com 15,91% (7) trabalhos recuperados até o momento da coleta de dados.

É possível dizer que esse *boom* de produções em 2017, 2018 e 2019 está relacionado a vários fatores como a oficialização do grupo EPIC e a sua internacionalização; a oferta da disciplina Usuário da Informação e Práticas Informacionais, precisamente no PPGCI da UFMG, a produção e publicação de artigos sobre práticas em periódicos científicos da CI, e, conseqüentemente o desenvolvimento de diversas pesquisas orientadas por docentes/pesquisadores do grupo EPIC (UFMG), do Gepsci (UFPB) e de outras instituições. Somam-se a esse movimento, as palestras e eventos científicos sobre os Estudos de Práticas Informacionais que foram realizados, à exemplo das Jornadas em Práticas Informacionais e Cultura (2018, 2019), com palestrantes nacionais e internacionais, organizada pelo grupo EPIC/PPGCI/UFMG; a palestra “Gênese e desenvolvimento dos estudos em Práticas Informacionais na Ciência da Informação” (2019) ministrada pelo Professor Carlos Araújo, sob a organização do Gepsci na UFPB. Todo esse movimento caracteriza-se como esforços de pesquisadores brasileiros, especialmente do EPIC e, também, de pesquisadores de outras universidades que vinham trabalhando com a perspectiva de práticas informacionais, à exemplo da UFPB, Unb e UFRGS. Em 2020 houve um declínio considerável dessa produção em relação aos anos anteriores, ficando entre 4,54% (2), sendo elevado em 2021 para 11,36% (5), o que pode estar relacionado ao período inicial da pandemia mundial, especificamente no Brasil, o qual afetou estruturas sanitárias, política, econômica, social, cultural, educacional e, sobremaneira a vida humana, exigindo mudanças bruscas de hábitos cotidianos, além de ter que conviver com o medo iminente da doença e da morte, interferindo no campo físico, emocional e cognitivo de muitas pessoas e, especificamente de estudantes, provocando atrasos no desenvolvimento de suas pesquisas e causando impacto na produção acadêmica, fazendo com que a Capes prorrogasse o prazo de defesas de teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. Logo em 2022, passado o período mais crítico da pandemia, esse percentual de produção foi elevado novamente para 15,91% (7).

Gráfico 1 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Ano



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa. (2024)

A seguir exibimos a tabela 2 com a produção de teses e dissertações em práticas informacionais por instituição.

Tabela 2 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Instituição

INSTITUIÇÃO	DISSERTAÇÃO	TESE	QUANTITATIVO	%
UFMG	11	9	20	45,45
UFPB	4	3	07	15,91
UnB	3	2	05	11,36
UFRGS	4	-	04	9,10
UNESP	-	2	02	4,54
UFC	2	-	02	4,54
UFRJ/IBICT	-	1	01	2,27
USP	-	1	01	2,27
UFAL	1	-	01	2,27
UFPA	1	-	01	2,27
TOTAL	26	18	44	100

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019-2022)

Na tabela 2, a UFMG desponta como a universidade com mais produções sobre os estudos de práticas informacionais com 45,45% de produção (sendo 11 dissertações e nove teses). Atribuímos essa alta produtividade ao fato desta ser a instituição onde os estudos de práticas informacionais ganharam visibilidade no

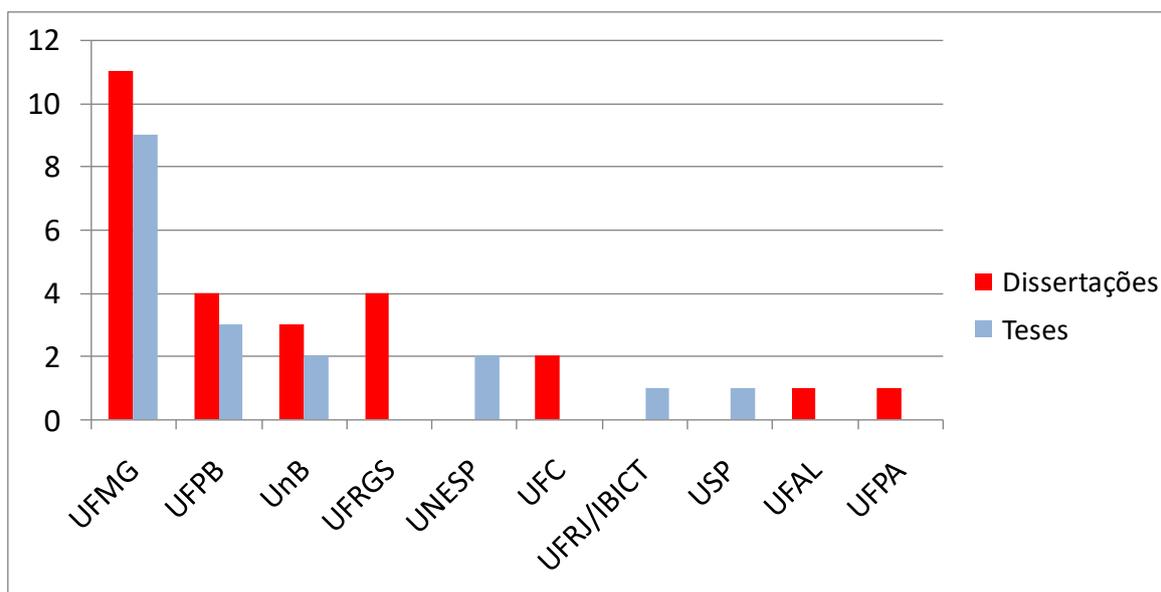
Brasil e onde originou-se o primeiro grupo de pesquisa brasileiro na perspectiva de práticas informacionais, o Grupo de Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC/UFMG), atualmente liderado pelo Professor Carlos Araújo. A UFPB aparece como a segunda instituição com um percentual significativo de produções em práticas informacionais 15,91% (com quatro dissertações e três teses), a qual também tem um Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia, Comunicação e Informação, (GEPSCI/UFPB, grupo que tem um viés voltado para as práticas informacionais, liderado pelos Professores Edvaldo Alves, Felipe Brasileiro e Gisele Rocha, em João Pessoa. A UnB/BSB aparece como terceira instituição dessa lista com 11,36% de produção (sendo três dissertações e duas teses), a mesma também tem um Grupo de Pesquisa Fatores Humanos na Interação e Comunicação da Informação - FHICI (FCI/UnB), liderado pela Professora Ivette Kafure. Em quarto lugar aparece a UFRGS, com um percentual de 9,10% de produção (sendo quatro dissertações), instituição que também tem pesquisadores estudando práticas informacionais, à exemplo do Professor Rodrigo Silva Caxias de Sousa, não exatamente em grupos, de acordo com a fala do professor entrevistado nessa pesquisa, Prof. Carlos Araújo,.

Além do Epic (UFMG), hoje tem outros grupos de pesquisa no Brasil como o GEPSCI na UFPB liderado pelos professores Edvaldo, Giselle e Felipe; tem um grupo no Ceará, com os professores Jefferson, Tadeu e Lídia Cavalcanti; outro grupo em Brasília, com a professora Ivette Kafure. E tem pessoas estudando práticas, não exatamente em grupos também, como na Federal do Rio Grande do Sul, Em Santa Catarina e em outros lugares (Araújo, 2020 – texto extraído da entrevista).

Nesse contexto, vale ressaltar a grande importância dos grupos de pesquisas, onde ocorrem encontros, discussões sobre a temática e troca de conhecimentos entre pesquisadores do mesmo grupo e de outros grupos, para o avanço crítico e criterioso de teorias, conceitos e metodologias nos estudos de práticas informacionais.

O gráfico 2 ilustra a produção individual de teses e dissertações e não a soma dessa produção.

Gráfico 2 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Instituição



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2008 – 2022)

Na tabela 3, temos a produção de teses e dissertações sobre os Estudos de Práticas informacionais por região

Tabela 3 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Região

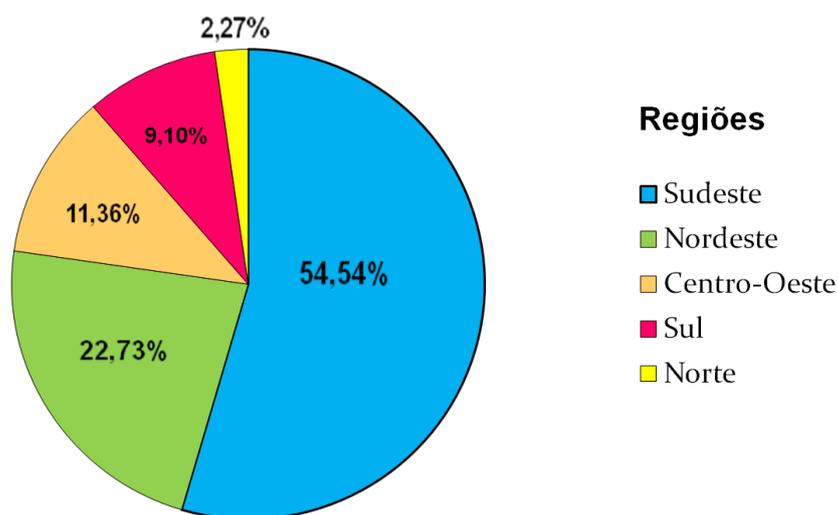
INSTITUIÇÃO	ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS POR REGIÃO						
	Norte	Nordeste	Centro-oeste	Sudeste	Sul	Total	%
UFMG/UNESP/USP/ UFRJ(IBICT)				24		24	54,54
UFPB/UFC/UFAL		10				10	22,73
UnB			05			05	11,36
UFRGS					04	04	9,10
UFPA	01					01	2,27
TOTAL	01	10	05	24	04	44	100

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019 - 2022)

Na tabela 3, percebe-se que a maior produção de teses e dissertações sobre os Estudos de Práticas informacionais concentra-se na região Sudeste com 54,54% de produção, liderado pelo estado de Minas Gerais com 20 trabalhos na UFMG, São Paulo com dois (2) trabalhos na UNESP e um (1) na USP e Rio de Janeiro com uma (1) trabalho na UFRJ/IBICT; em seguida vem a região Nordeste com 22,73% de

produção, destacando-se o estado da Paraíba com sete (7) trabalhos na UFPB, Ceará com dois (2) trabalhos na UFC e Alagoas com um (1) trabalho na UFAL; na seqüência vem a região Centro Oeste com 11,36% de produção, cinco (5) trabalhos no Distrito Federal, precisamente na UnB; a região Sul com 9,10% de produção, com quatro (4) trabalhos no Rio Grande do Sul, todas na UFRGS e; a região Norte com 2,27%, (1) trabalho no estado do Pará, na UFPA. O destaque é para a região Sudeste, precisamente no estado de Minas Gerais, onde localiza-se a UFMG, instituição na qual se originou os estudos de práticas informacionais, seguida da região Nordeste, na Paraíba, onde localiza-se a UFPB; da região Centro Oeste, em Brasília, onde localiza-se a Unb; da região Sul, no Rio Grande do Sul, onde esta localizada a UFRGS, e; por fim, a região Norte, no Pará, onde esta localizada a UFPA. Novamente enfatizamos a existência dos grupos de pesquisas nessas regiões/instituições de destaques e a influência de seus pesquisadores e suas ações nos resultados significativos dessas produções, conforme já enfatizamos nos recortes anteriores (1 e 2) dessa sub seção.

Gráfico 3 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Região



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2008 – 2022)

Na tabela 4, podemos visualizar a produção de teses e dissertações sobre os Estudos de Práticas informacionais por Professor/orientador

Tabela 4 – Produção de teses e dissertações em Prát. Inf./Professor/orientador (2008 – 2022)

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	DISSERTAÇÃO	TESE	TOTAL	%
Carlos Alberto Ávila Araújo	UFMG	06	05	11	25,00
Edvaldo Carvalho Alves	UFPB	03	02	05	11,36
Ivette Kafure Muñoz	UnB	02	02	04	9,10
Rodrigo Silva Caxias de Sousa	UFRGS	04	-	04	9,10
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	UFMG	03	-	03	6,82
Claudio Paixão A. de Paula	UFMG	-	02	02	4,54
Oswaldo Francisco de A. Júnior	Unesp	-	02	02	4,54
Jefferson Veras Nunes	UFC	01		01	2,27
Ronaldo Ferreira de Araújo	UFAL	01		01	2,27
Fernando César Lima	UnB	01	-	01	2,27
Gisele Rocha Cortes	UFPB	01	-	01	2,27
Gustavo Henrique de A. Freire	UFPB	-	01	01	2,27
Maria Aparecida Moura	UFMG	01	-	01	2,27
Maria de Fátima Oliveira Costa	UFC	01		01	2,27
Maria Guiomar da Cunha Frota	UFMG	-	01	01	2,27
Regina Maria Marteleto	UFRJ/IBICT	-	01	01	2,27
Renata Lira Furtado	UFPA	01		01	2,27
Renato Pinto Venâncio	UFMG	-	01	01	2,27
Rubens Alves da Silva	UFMG	01	-	01	2,27
Sueli Mara Soares P. Ferreira	USP	-	01	01	2,27
TOTAL				44	100

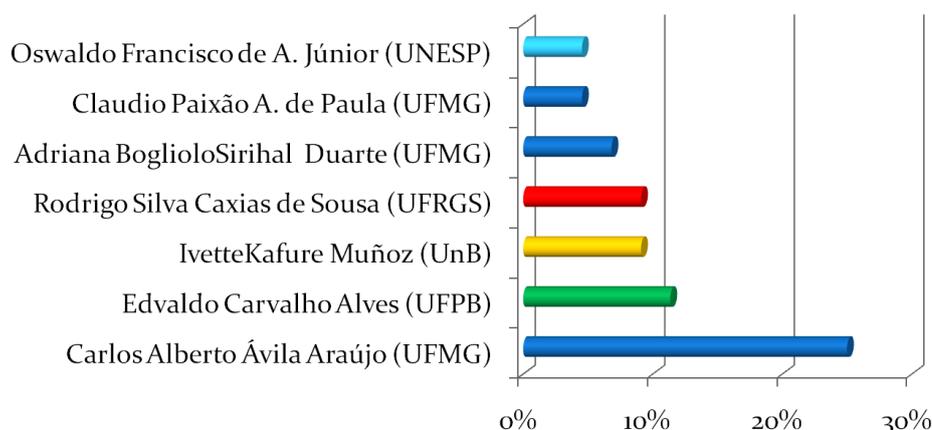
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2008 - 2022)

Na tabela 4, que indica a orientação de teses e dissertações em práticas informacionais por professor/orientador, aparece com maior evidência o professor Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG) com 25% das orientações, um número bastante expressivo de orientações na perspectiva dos Estudos de Práticas Informacionais, sendo seis (6) dissertações e cinco (5) teses. Em segundo lugar vem o professor Edvaldo Carvalho Alves (UFPB), com 11,36% de orientação, sendo três (3) dissertações e duas (2) teses; o terceiro lugar é ocupado pela professora Ivette Kafure Muñoz (UnB) com 9,10% de orientação nessa temática, sendo duas (2) dissertações e duas (2) teses e; também pelo professor Rodrigo Silva (UFRGS) com 9,10%, sendo (4) dissertações; em quarto lugar tá a professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (UFMG) com 6,82%, sendo três (3) dissertações orientadas; o quinto lugar é ocupado pelo professor Cláudio Paixão A. de Paulo (UFMG), com 4,54%,

sendo duas (2) teses orientadas e; pelo professor Oswaldo Francisco de A. Júnior (Unesp) com 4,54%, sendo duas (2) teses orientadas; Em seguida aparecem os professores Jefferson Veras Nunes, Ronaldo Ferreira de Araújo, Fernando César Lima, Gisele Rocha Cortes, Gustavo Henrique de A. Freire, Maria Aparecida Moura, Maria Aparecida Moura, Maria de Fátima Oliveira, Costa Maria Guiomar da Cunha Frota, Regina Maria Marteleto, Renata Lira Furtado, Renato Pinto Venâncio, Rubens Alves da Silva, Sueli Mara Soares P. Ferreira, cada um com 2,27% de orientação em estudos na temática de práticas informacionais, até o momento da coleta de dados.

O professor Carlos Alberto Ávilla Araújo (25%), teve um percentual esperado nas orientações de pesquisas em práticas informacionais no Brasil, o que pode se justificar por ele coordenar o 1º grupo de pesquisa orientado na perspectiva de práticas (EPIC), pela sua significativa produção literária nessa perspectiva teórica e toda sua ativa participação no processo de desenvolvimento desses estudos no Brasil. O professor Edvaldo Carvalho Alves (11,36%) da UFPB teve um percentual bastante significativo de orientações nessa temática, o que pode se justificar pela atuação desse professor, o qual ministra a disciplina de práticas no PPCCI da UFPB; lidera um grupo de pesquisa com direcionamento para essa perspectiva, o GEPSCI; é um dos organizadores do livro “Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa” (2020) em coautoria com membros de seu grupo, portanto, é um pesquisador que vem empregando esforços no fortalecimento desses estudos. A professora Ivette Kafure Muñoz, professora da Universidade de Brasília apareceu com 9,10%, também atua com pesquisas na área de práticas informacionais, é líder do Grupo de Pesquisa Fatores Humanos na Interação e Comunicação da Informação (FHICI) da UnB e vem desenvolvendo estudos nessa perspectiva. Cada um desses professores identificados em nossa pesquisa vem contribuindo de alguma maneira para o fortalecimento da perspectiva de práticas informacionais no Brasil (Gráfico 4)

Gráfico 4 – Produção teses e dissertações em Prát. Inf./Prof./orientador (2008 – 2022)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2008 – 2022)

A partir desses dados e considerando o aspecto interdisciplinar da CI, surgiu a inquietação de saber qual a formação desses professores que vêm trabalhando com os estudos de práticas informacionais, sem pretensão de nos aprofundarmos em análises, só a título de curiosidade, uma vez que não faz parte da proposta desse estudo, mas que, de certa forma, esses achados podem servir de base para justificativas e entendimento de outras questões de pesquisa. Assim, numa pesquisa rápida no currículo lattes (plataforma Sucupira da Capes) de cada professor, identificando basicamente a graduação e pós graduação desses pesquisadores, percebeu-se que muitos têm formações diversas, vinculadas a outras áreas de conhecimento, o que gerou o quadro 15 – Formação dos professores/orientadores das teses e dissertações de práticas informacionais.

Quadro 14 – Formação dos prof./orientad.das teses e dissertações em Prát. Inf.

DOCENTE	GRAUDAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
Adriana BoglioloSirihal Duarte	Ciência da Computação	Ciência da Computação	Ciência da Informação
Carlos Alberto Ávila Araújo	Comunicação Social	Comunicação Social	Ciência da Informação
Claudio Paixão A. de Paula	Psicologia	Ciência da Informação	Psicologia Social
Edvaldo Carvalho Alves	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Ciências Sociais
Fernando César Lima	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação
Gisele Rocha Cortes	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Ciências

			Sociais
Gustavo Henrique de A. Freire	Letras	Ciência da Informação	Ciência da Informação
Ivette Kafure Muñoz	Eng. De Sistemas	Informática	Ciência da Informação
Jefferson Veras Nunes	Biblioteconomia	Sociologia	Ciência da Informação
Maria Aparecida Moura	Biblioteconomia	Educação	Comum. e Semiótica
Maria de Fátima Oliveira Costa	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação
Maria Guiomar da Cunha Frota	História	Sociologia	Sociologia
Oswaldo Francisco de A. Júnior	Biblioteconomia	Ciências da Comunicação	Ciências da Comunicação
Regina Maria Marteleto	Biblioteconomia	Sciences de l'information et de La Communication	Comunicação
Renata Lira Furtado	Arquivologia	Ciência da Informação	Ciência da Informação
Renato Pinto Venâncio	História	História	História
Rodrigo Silva Caxias de Sousa	Biblioteconomia	Educação	Comun. e Informação
Ronaldo Ferreira de Araújo	Ciência da Informação	Ciências da Informação	Ciências da Informação
Rubens Alves da Silva	Ciências Sociais	Sociologia	Antropologia
Sueli Mara oares P. Ferreira	Biblioteconomia	Ciências da Comunicação	Ciências da Comunicação

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019 - 2022)

Para melhor visualização desses dados, desmembramos o quadro 15 por nível de formação dos professores/orientadores de pesquisas de práticas informacionais, a saber: Graduação; Mestrado e; Doutorado. Utilizamos a tabela de área de conhecimento da Capes para classificar as formações encontradas por grande área e sub área de conhecimento.

Tabela 5 – Nível Graduação

GRADUAÇÃO				
CURSOS	ÁREA DE CONHECIMENTO/ CLASSIFICAÇÃO CAPES	QUANTITATIVO		%
		Sub área	Grande área	
Arquivologia	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (Comunicação e	01	12	57,14
Biblioteconomia		09		
Ciência da Informação		01		

Comunicação Social	Informação)	01		
Ciências Sociais	CIÊNCIAS HUMANAS (Sociologia, História e Psicologia)	03	06	28,57
História		02		
Psicologia		01		
Letras	LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES (Letras)	01	01	4,76
Eng. de Sistemas	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA (Ciência da Computação)	01	02	9,52
Ciência da Computação		01		
TOTAL		21	21	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019 - 2022)

No nível graduação (tabela 5) vimos que predomina professores das Ciências Sociais Aplicadas (57,14%) com maior concentração de docentes com formação no curso de Biblioteconomia (8), e também professores com curso de Arquivologia (1), de Ciência da Informação (1) e, de Comunicação Social (1); Na seqüência vêm os docentes oriundos das Ciências Humanas (28,57%), com os cursos de Ciências Sociais (3), História (1) e Psicologia (1); temos também professores oriundos das Ciências Exatas e da Terra (9,52%) com formação em Engenharia de Sistemas (1) e ciência da Computação (1); e da Linguística, Letras e Artes (4,76%), com curso de Letras (1).

Tabela 6 – Nível Mestrado

MESTRADO				
CURSOS	ÁREA DE CONHECIMENTO/ CLASSIFICAÇÃO CAPES	QUANTITATIVO		%
		SUB ÁREA	GRANDE ÁREA	
Ciência da Informação	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS/ Comunicação e Informação	06	10	50%
- Ciências da Comunicação		04		
- Comunicação Social - Sciences de l'Information et de La Communication				
-Ciências Sociais	CIÊNCIAS	05		

- Sociologia	HUMANAS/ Sociologia Educação História		08	40%
Educação		02		
História		01		
-Ciência da Computação - Informática	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA/ Ciência da Computação	02	02	10%
TOTAL		20	20	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019 - 2022)

No nível mestrado (tabela 6) predomina professores das Ciências Sociais Aplicadas (50%) com maior concentração de docentes com formação em Ciência da Informação (6), e docentes com curso de Comunicação (4); a área de Ciências Humanas (30%) é bem representada com docentes de Sociologia (5), de Educação (2) e de História (1); As Ciências Exatas e da Terra (10%), aparece com docentes de Ciência da Computação (1) e Informática (1).

Tabela 7 – Nível Doutorado

DOUTORADO				
CURSOS	ÁREA DE CONHECIMENTO/ CLASSIFICAÇÃO CAPES	QUANTITATIVO		%
		SUB ÁREA	GRANDE ÁREA	
- Ciência da Informação	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS/ Comunicação e Informação	09	14	70,00
- Ciências da Comunicação - Comunicação - Comunicação e Semiótica - Informação e Comunicação		05		
- Ciências Sociais - Sociologia	CIÊNCIAS HUMANAS (Sociologia, História, Antropologia, Psicologia Social)	03	06	30,00
- Psicologia social		01		
- História		01		
- Antropologia		01		
TOTAL		20	20	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2019 - 2022)

E no nível doutorado (tabela 7) essas áreas afunilam-se para duas grandes áreas de conhecimento Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas. O destaque é pra área de Ciências Sociais Aplicadas (70%) com maior concentração de docentes com formação em Ciência da Informação (9), o que já era esperado por se tratar de um estudo na área em questão, e; docentes com curso de Comunicação (5), o que reforça uma afinidade histórica entre essas duas áreas que atuam com o objeto informação; A área de Ciências Humanas (30%) é representada por docentes com formação em Sociologia (3), Psicologia Social (1), História (1) e Antropologia (1).

É possível relacionar essa mescla de professores/orientadores que pesquisam práticas informacionais no campo da CI, oriundos de diferentes áreas de conhecimento e com formações diversas, com o pensamento de Silva; Freire (2015), já citados na subseção 4.2 desse trabalho, os quais afirmam que a mudança da nomenclatura de pós-graduação em Biblioteconomia para pós-graduação em Ciência da Informação; especialmente a mudança de ênfase no objeto de estudo que passou da biblioteca para uma forma ampliada de estudo sobre o fenômeno informação e, também com o surgimento de novos programas de mestrado e de doutorado, especialmente com a implantação de cursos de doutorado em ciência da informação, na década de 1990, refletiu na inclusão de professores com formação em áreas afins, bem como o redimensionamento de suas linhas de pesquisas, com fronteiras mais alargadas e dinâmicas, visando adequação ao desenvolvimento da CI (Silva; Freire, 2015).

Outro dado que achamos interessante para a nossa pesquisa é a identificação da significativa presença de professores oriundos das Ciências Humanas, especialmente da Sociologia, uma vez que esses pesquisadores trazem suas referências teóricas dessa área e de diferentes campos científicos para a Ciência da Informação, de modo geral e, de modo mais específico para os Estudos de Práticas Informacionais.

Faz-nos refletir sobre o contexto no qual os pesquisadores das ciências sociais e humanas se formam intelectualmente, os quais, sabemos, são contextos onde ocorrem intensos debates sociopolíticos e filosóficos, o que é de suma importância para a construção de um pensamento mais crítico sobre os problemas sociais, além de lhes permitir uma maior aproximação e familiaridade com teóricos e a literatura que se ancoram em abordagens sociais, impactando diretamente em

suas pesquisas e produções científicas e, conseqüentemente, influenciando na formação de seus alunos e na construção de um campo científico.

Nessa perspectiva vimos que um corpo docente plural, com formação intelectual diversa, assim como a região em que a instituição está inserida, tem impacto direto nos cursos que são ofertados, nos conteúdos programáticos e no tipo de ciência da informação que se busca construir.

6.2 CATEGORIZAÇÃO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Esse subitem apresenta uma síntese dos 44 estudos no período de 2008 a 2022, do qual extraímos três categorias principais, a saber: 1) sujeito/objeto de pesquisa; 2) perspectivas teóricas, conceitos e noções e; 3) Fundamentos sociológicos.

Inicialmente realizamos uma leitura das teses e dissertações com foco nos campos: título, resumo, palavras-chave, sumário, introdução, referencial teórico e metodologia – etapas que demandaram bastante tempo - ampliando para os resultados e considerações finais quando necessário. Em seguida coletamos os dados e elaboramos uma síntese de cada trabalho a partir do resumo dos documentos e de outros campos textuais. As sínteses estão identificadas por autor e ano do documento e correspondem às unidades de contexto (UC) que são necessárias para fazer compreender as unidades de registros (UR), conforme análise de conteúdo de Bardin (2004), já descrita no capítulo 2 (metodologia). As sínteses (UC) das teses e dissertações encontram-se no Apêndice C.

A partir das sínteses foram extraídas as categorias necessárias para esse estudo, as quais se encontram destacadas logo abaixo.

1

Sujeito/Objeto: Profissionais do sexo

Perspectivas teóricas/conceitos/noções: Prostituição; Usuários da informação; Práticas informacionais

Abordagem teórico-metodológica: Interacionismo simbólico e Etnometodologia

2

Sujeito/Objeto: Professores da rede municipal

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Práticas informacionais; Relações sociais; Luta político-sindical; noção de *habitus*

Abordagem teórico-metodológica: Praxiologia bourdieusiana

3.

Sujeito/Objeto: Usuários de um Sistema de Informação da Extensão (SIEX)**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Sistema de Informação; Usabilidade; Gestão de Informação**Abordagem teórico-metodológica:** Fenomenologia social

4.

Sujeito/Objeto: Usuários de redes sociais; (Facebook, Twitter, Orkut)**Perspectivas teóricas/conceitos/noções:** Representações de classes sociais e Distinção social; Cultura informacional**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

5.

Sujeito/Objeto: Internautas das redes sociais**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Informação; Sociedade; Cultura; Tecnologias de informação; Redes sociais; Produção, consumo Compartilhamento de informação**Abordagem teórico-metodológica:** Dramaturgia social de Goffman

6.

Sujeito/Objeto: Sindicalistas**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Uso de informação; Apropriação da informação; Interações sociais; Informação; Cidadania e Tecnologia**Abordagem teórico-metodológica:** Etnometodologia

7.

Sujeito/Objeto: Clientes de serviços de estética**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Apropriação da informação**Conceito de cultura e de social****Abordagem teórico-metodológica:** Dramaturgia social de Goffman

8.

Sujeito/Objeto: Mães de crianças com alergias alimentares**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Interações sociais; Necessidades informacionais; Busca por informação**Abordagem teórico-metodológica:** Interacionismo simbólico e Etnometodologia

9.

Sujeito/Objeto: Visitantes de museus**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Estudos de usuários da informação/CI;**Estudos de visitantes/Museologia; Apropriação da informação****Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

10.

Sujeito/Objeto: Gestores em situação de tomada de decisão estratégica**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Comportamento de busca e uso da inf.

Psicologia analítica; Estruturas Antropológicas do Imaginário

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

11.

Sujeito/Objeto: Apenas gestantes**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Práticas informacionais; Uso da informação**Conceito de Habitus (Bourdieu) e de Instituições totais (Goffman)****Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

12.

Sujeito/Objeto: Pesquisadores**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Conceitos de campo e domínio do conhecim. Rede social e de prática informacional; Redes e Agentes Produção, mediação e apropriação de conhecimentos; Domínio do conhecimento**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

13.

Sujeito/Objeto: Mulheres primíparas**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Competências informacionais colaborativas
Resiliência informacional**Abordagem teórico-metodológica:** Abordagem interacionista

14.

Sujeito/Objeto: Bibliotecárias**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Bibliotecário; Serviço de Referência; Intersubjetividade;
Interação social**Abordagem teórico-metodológica:** Fenomenologia social

15

Sujeito/Objeto: Blogueiras**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Blogosfera literária; Weblog; Artefatos culturais;
Leitura literária; Mediação de leitura; Apropriação da informação; Representação da informação**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

16.

Sujeito/Objeto: Grupo de pesquisa (Pesquisadores)**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Cognição distribuída**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

17.

Sujeito/Objeto: Usuários/consumidores de aplicativos móveis**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Arquitetura da informação; Espaços virtuais; Dispositivos
móveis; Aplicativos; Fanpages; Busca e compartilhamento de informações**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

18.

Sujeito/Objeto: Adolescentes na Internet**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Comunicação social; Psicologia social; Estudos de
Recepção; Análise de comportamento**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

19

Sujeito/Objeto: Mulheres transgêneras**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Comportamento informacional; Gênero**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

20.

Sujeito/Objeto: Sujeitos/Usuários do Facebook**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Regime de Informação; Rede social; Apropriação da
informação; Interação dos sujeitos; Produção de informação; Apropriação da informação**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

21.

Sujeito/Objeto: Imagem fotográfica; Sujeitos frente a imagem fotográfica**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Ontopsicologia; Corporeidade; Organísmico
Uso da imagem; Imagem, ação, uso, efeito e resultado de uso; Imagem fotográfica**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

22.

Sujeito/Objeto: Sujeitos/Usuários do Telegram**Perspectivas teóricas /conceitos/noções:** Acessibilidade; Conceito de Cultura de Geertz
Noções de sociabilidade**Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico**

23.

Sujeito/Objeto: Mulheres com filhos com microcefalia
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Letramento informacional; Resiliência informacional; Desinformação
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

24.

Sujeito/Objeto: Sujeitos LGBTQIA+
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Inclusão social; Relações de gênero; Empoderamento; *Habitus*
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

25.

Sujeito/Objeto: Jovens encarcerados
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Mediação; Apropriação; Dispositivos informacionais
Abordagem teórico-metodológica: Interacionismo simbólico; **Dramaturgia social de Goffman**

26.

Sujeito/Objeto: Usuário surdo em sítios web
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Informática; Acessibilidade; Linguística e Comunicação
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

27.

Sujeito/Objeto: Usuários de arquivo público
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Antropologia semiótica; Arquivo público; Sociedade; Cultura e Direitos Humanos
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

28.

Sujeito/Objeto: Mulheres negras
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Competência crítica em Informação
 marcadores sociais de gênero/raça/etnia
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

29.

Sujeito/Objeto: Fãs criadores de conteúdo no ciberespaço
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Cultura participativa; Cultura de fãs
 Criadores de conteúdo digital
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

30.

Sujeito/Objeto: Transsexuais
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Conceito de campo de gênero; Teoria de gênero
 Teoria praxiológica de Bourdieu
Abordagem teórico-metodológica: **Hermenêutica dialética e teoria praxiológica de Pierre Bourdieu**

31.

Sujeito/Objeto: Pesquisadores (Pós Graduação)
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Campo científico, agentes e instituições
Abordagem teórico-metodológica: **Praxiologia de Bourdieu**

32.

Sujeito/Objeto: Ilustrações científicas
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Comunicação científica visual; Linguagem visual
Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

33.

Sujeito/Objeto: Postagens Grupo de indivíduos étnico-racial em uma comunidade no Facebook
Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Étnico-racial; Produção e compartilhamento de informação

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

34.

Sujeito/Objeto: Influenciadores digitais

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Comunicação; Influenciador digital; Processos midiáticos; Mediação da informação

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

35.

Sujeito/Objeto: Estudantes quilombolas

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Temáticas étnico-raciais; Estudos de usuários; Práticas informacionais; Competência crítica em informação

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

36.

Sujeito/Objeto: Mulheres negras na Internet

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Temática racial e de gênero; Produção e compartilhamento de informações; Representação Social; Interseccionalidade

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

37.

Sujeito/Objeto: Pessoas com restrições alimentares

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Temática racial e de gênero; Produção e compartilhamento de informações; Representação Social; Interseccionalidade

Abordagem teórico-metodológica: Etnometodologia e do Interacionismo Simbólico

38

Sujeito/Objeto: Crianças sob o controle parental

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Mediação parental; Controle parental; Consumo de conteúdo de internet; Uso de tecnologias da informação; Comunicação, Psicologia, Sociologia da Infância e Educação

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

39.

Sujeito/Objeto: Usuários em contextos digitais e organizacionais

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Comunicação; Mediação da Informação; Leitura da informação digital; Práticas de leitura da informação digital; Design da informação

Abordagem teórico-metodológica: Abordagem praxiológica

40.

Sujeito/Objeto: Pessoas LGBTQIA+

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Resiliência informacional; Homofobia; Conceitos de gênero e sexualidade

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

41.

Sujeito/Objeto: Crianças na pandemia

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Práticas sociais de leitura; Resiliência informacional; Mediação de leitura; Biblioterapia

Abordagem teórico-metodológica: Abordagem interacionista

42.

Sujeito/Objeto: Perfil do Instagram

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Mídias sociais; Conhecimento científico nas redes sociais; Desinformação; Comunicação científica Biblioterapia

Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

43.

Sujeito/Objeto: Mediadoras de leitura

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Desinformação; Fake news; Mediação de leitura; Bibliotecas comunitárias; Empoderamento
 Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

44.

Sujeito/Objeto: Perfil do instagram

Perspectivas teóricas /conceitos/noções: Sistemas de informação; Recuperação da informação; Conversação em rede; Chatboot; Confiabilidade
 Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

6.2.1 Categoria 1 – Sujeito/objeto de estudo

A Categoria 1 - Sujeito/objeto de estudo identifica as realidades empíricas que vêm sendo investigadas nos estudos de práticas informacionais no Brasil, as quais compõem a figura 4.

Figura 4 - Sujeito/Objeto de estudo



Fonte: Elaboração própria pelo aplicativo Mindmeister.com/app (2024)

A fim de visualizarmos com mais clareza essas realidades empíricas encontradas, optamos por criar subcategorias que nos chamaram a atenção a partir desse resultado, tais como: sujeitos subalternizados, mulheres, crianças, raça, alérgicos, LGBTQIA+, Ambientes de redes (Internet/redes sociais/sistemas) e institucional/empresarial, dispostas no [Quadro 15](#).

Quadro 15 - Subcategorias de sujeito/objeto de estudo

SUJEITOS SUBALTERNIZADOS	MULHERES	LGBTQUIA+	AMBIENTE DE REDES (INTERNET/ REDES SOCIAIS/ SISTEMAS)	INSTITUIÇÃO/ EMPRESA	CRIANÇAS	RAÇA	ALÉRGICOS
Profissionais do sexo	Profissionais do sexo	Pessoas LGBTQUIA+	-Usuários do Facebook -Usuários do Telegram	Professores Rede municipal	Crianças na pandemia	Mulheres negras	Pessoas com restrições alimentares
Apenadas gestantes	Blogueiras	Sujeitos LGBTQUIA+	-Usuários de app móveis -Usuários do chatboot	Professores Pós graduação	Crianças no controle parental	Mulheres negras na Internet	Mães de crianças com alergias alimentares
Mulheres negras	Bibliotecárias	Mulheres transgêneras	- Usuários de redes sociais	Gestores em tomada de decisão			
Mulheres negras na internet	Apenadas gestantes	Transsexuais	-Influenciadores digitais -Blogueira	Sindicalistas			
Mulheres transgêneras	Mães de filhos com microcefalia		Internautas de redes sociais	Pesquisadores			
Transsexuais	Mulheres transgêneras		Usuários de um sistema de informação	Pesquisadores na governança de água			
Sujeitos LGBTQIA+	Mulheres negras		Adolescentes na internet	Usuários de arquivos públicos			
Pessoas LGBTQIA+	Mulheres negras na internet		Fãs criadores de conteúdos no ciberespaço	Estudantes quilombolas			
Estudantes quilombolas	Mães de crianças com alergias alimentares		Usuários de contextos digitais	Clientes de um serviço de estética			
Surdos	Mulheres primíparas		Perfil no instagram	Bibliotecárias			
- Jovens encarcerados (geração internet) - estudantes quilombolas			Postagens étnico racial no Facebook				
			Mulheres primíparas - whatsapp				
			Jovens encarcerados – (geração internet)				
			Usuário surdo em sítios web				
			Mulheres negras na internet				

Na subcategoria “ambiente de redes (Internet/redes sociais/sistemas)”, encontramos uma produção de teses e dissertações bastante expressiva com 18 estudos com usuários do Facebook, usuários do Telegram, usuários de app móveis, usuários do chatboot, usuários de redes sociais, influenciadores digitais, blogueiras, internautas de redes sociais, usuários de um sistema de informação, adolescentes na internet, fãs criadores de conteúdos no ciberespaço, usuários de contextos digitais, perfil no instagram, postagens étnico racial no Facebook, mulheres primíparas no whatsapp, jovens encarcerados (geração internet), usuário surdo em sítios web, mulheres negras na internet.

Na subcategoria “sujeitos subalternizados”, encontramos 12 estudos incluindo profissionais do sexo, apenadas gestantes, mulheres negras, mulheres negras na internet, mulheres transgêneras, transsexuais, sujeitos LGBTQIA++, pessoas LGBTQIA++, estudantes, quilombolas, surdos, jovens encarcerados.

Na subcategoria “mulheres” temos, significativamente onze 11 estudos, á exemplo de profissionais do sexo, blogueiras, bibliotecárias, apenadas gestantes, mães de filhos com microcefalia, mulheres transgêneras, mulheres negras, mulheres negras na internet, mães de crianças com alergias alimentares, mulheres primíparas, mulheres transgêneras,

Na subcategoria “instituição/empresa”, encontramos 10 estudos com: professores Rede municipal, professores Pós graduação, gestores em tomada de decisão estratégica, sindicalistas, pesquisadores, pesquisadores na governança de água, usuários de arquivos públicos, estudantes quilombolas, clientes de um serviço de estética, bibliotecárias

Na subcategoria “LGBTQIA+”, encontramos quatro (4) estudos sobre pessoas LGBTQIA+ sujeitos LGBTQIA+, mulheres transgêneras, transsexuais.

Na subcategoria “Crianças”, encontramos dois (2) estudos: Crianças na pandemia e crianças no controle parental.

Na subcategoria “Raça”, encontramos dois (2) estudos: mulheres negras e mulheres negras na internet.

Na subcategoria “Alérgicos”, encontramos dois (2) estudos: pessoas com restrições alimentares e mães de crianças com alergias alimentares

Optamos por não trabalhar com percentuais porque algumas dessas subcategorias se incluem em mais de uma subcategoria e o resultado não corresponderia ao total de trabalhos contemplados, como por exemplo, na categoria

sujeitos subalternizados, estão inclusas as subcategorias mulheres, LGBTQIA+ e negras. Na subcategoria mulheres, estão inclusas as subcategorias negras, LGBTQIA+, dentre outras.

Vimos que predominam os estudos realizados com sujeitos em ambientes de rede, internet, dispositivos móveis, redes sociais e sistemas de informação, os quais buscam compreender o indivíduo e sua relação com a informação e a tecnologia nesses ambientes. Esses estudos, de modo geral, buscam compreender aspectos comportamentais e as experiências cotidianas dos indivíduos quanto a produção, consumo e compartilhamento da informação no espaço digital, assim como, conhecer a cultura informacional dos sujeitos informacionais no contexto virtual.

Os estudos com sujeitos subalternizados, aqueles que sofrem discriminação e preconceito na sociedade, vêm sendo contemplados nos estudos de práticas informacionais, compreendido como uma característica inclusiva desses estudos trazendo visibilidade pra esses sujeitos pela perspectiva informacional, os quais mostram que as interações entre sujeitos e informação em contextos onde o conhecimento é construído coletivamente e possuem um importante papel social para minimizar os impactos de uma sociedade preconceituosa e exclusivista.

Assim como os estudos com as subcategorias de mulheres, que de modo geral entende que a partir do acesso a espaços informacionais alternativos e coletivos, têm a possibilidade de despertar o senso crítico em relação a informação para a construção do empoderamento feminino.

Como também os estudos com LGBTQIA+, que aqui se enquadram e também vem sendo contemplados, a fim de compreender como se expressam as práticas informacionais desses sujeitos em seus processos individuais e coletivos, quais suas necessidades informacionais, como buscam informação e como estes se empoderam para o enfrentamento de opressões.

Entretanto, faz-se necessário a ampliação desses estudos para construção de uma ciência da informação mais crítica e mais comprometida com os problemas sociais.

Temos também um número significativo de estudos desenvolvidos em contextos institucionais, revelando que embora a perspectiva de práticas tenha surgido da necessidade de se estudar contextos informais e em que não necessariamente ocorre uma necessidade de informação, é um modelo que abarca todas as realidades empíricas.

Dessa forma, percebe-se que os estudos na perspectiva de práticas informacionais vêm contemplando diversas realidades empíricas, em contextos de práticas sejam eles formais e informais, porém com tendência a estudos com sujeitos em contextos informais, buscando entender como esses sujeitos percebem, interagem e se apropriam da informação nesses contextos alternativos de práticas.

6.2.2 Categoria 2 – Perspectivas teóricas, conceitos e noções

Para construção da segunda categoria – Perspectivas teóricas, conceitos e noções - priorizamos as palavras-chaves dos autores, por indicar as principais temáticas de que trata o estudo e, além delas, extraímos conceitos e noções que consideramos relevantes e que foram utilizados pelos autores em seus estudos.

As palavras que constituem a segunda categoria foram organizadas em ordem alfabética e numérica decrescente (quantidade de vezes em que a palavra apareceu no total de trabalhos analisados), dispostas no quadro 16 - Categoria 2 - Perspectivas teóricas, conceitos e noções, o qual se encontra no Apêndice B, entretanto, a partir dele também foi gerada uma nuvem de palavras para ilustrar que está representada na Figura 2, abaixo.

Como podemos observar na Figura 2, os estudos de práticas informacionais vêm dialogando de forma significativa com as perspectivas teóricas de mediação da informação (7), apropriação da informação (7), resiliência informacional (4), compartilhamento de informação (4), comportamento informacional (3), bem como com conceitos e noções de cultura (6), gênero (6), *habitus* (4), redes sociais (4), comunicação (3), empoderamento (3), interação (3), LGBTQIA+ (3), produção da informação (3), psicologia (3) representação social (3), tecnologia (3), dentre outras que se encontram listadas no quadro 16 (Apêndice B) e representadas na figura 5.

situação dos estudos de práticas informacionais no Brasil, e também pelos resultados que mostram a produção dos estudos de práticas por instituição e por professor/orientador, o professor Araújo, coordenador do EPIC e a instituição UFMG (onde o professor Araújo atua), aparecem com destaques em primeiras posições.

Outro conceito que se destacou, foi o conceito de “gênero”, e que também pode ser justificado pela existência do grupo de pesquisa GEPSCI da UFPB, o qual tem o enfoque sociológico na perspectiva de práticas, do qual a professora Giselle Rocha e o professor Edvaldo Alves (coordenador do grupo) têm pesquisas orientadas nas quais trabalham esse conceito. Temos como exemplo a dissertação de Laelson Silva que trabalhou o conceito de gênero na dissertação sobre LGBTQIA+ na perspectiva de práticas“ e, a dissertação de Daniella Alves que estudou as práticas informacionais de mulheres negras, além de outros estudos que foram encontrados. Estudos sobre gênero vêm se ampliando e fortalecendo a discussão sobre a temática dentro da CI, o que contribuiu para a criação do GT 12 do Enancib, com a temática “Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades”.

Destacou-se também o conceito de resiliência informacional, presente nas teses e dissertações de práticas informacionais, conforme quadro (13) que mostra a situação dos estudos de práticas. É um conceito que vem sendo abordado no âmbito da UFPB, pelo professor Felipe Brasileiro (membro do GEPSCI), autor da tese “Resiliência informacional: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais” (2017), estudo que recebeu prêmio de melhor tese pela ANCIB em 2018. Tem também a dissertação de Paulline Rocha (à época membro do GEPSCI), que utiliza o conceito de resiliência informacional relacionado a Letramento informacional, “Resiliência informacional no contexto da microcefalia: o papel das práticas informacionais no ambiente digital João pessoa”. E a tese de Luiz Carlos da Silva (2022), “A Resiliência Informacional no Contexto da Homofobia: o Papel das Práticas Informacionais no Espaço LGBT de João Pessoa-PB”, sob a orientação do professor Edvaldo Alves.

Esses resultados corroboram com o pensamento do professor Araújo (2021) que disse em entrevista realizada para esse estudo, que os pesquisadores “tendem a estudar práticas com um jeito de se enxergar usuários que permite que use conceitos e teorias diferentes pra chegar lá”, ou seja, um jeito específico de estudar

práticas que permite o uso de diferentes conceitos e abordagens a fim de compreender o sujeito em diversos contextos de práticas.

6.2.3 Categoria 3 - Fundamentos sociológicos

Na terceira categoria – Fundamentos sociológicos, identificamos particularmente, os trabalhos que utilizaram fundamentos sociológicos como aportes teórico-metodológicos para as pesquisas de práticas informacionais.

Nessa etapa utilizamos as unidades de registro (UR) que se referem às palavras, frases ou parágrafos retirados das Unidades de contexto (UC) que aqui, se referem as sínteses (Apêndice C) das teses e dissertações, conforme análise de conteúdo de Bardin (2004), já descrita no capítulo 2 (Procedimentos metodológicos).

Dentre os estudos analisados, encontramos 15 estudos que utilizaram abordagem sociológica como aporte teórico-metodológicos de suas pesquisas e 29 que utilizaram outras abordagens, a saber:

(UR) Estudo 1: Trabalhou com o conceito de prostituição e fez associação de dois aportes da sociologia, o **interacionismo simbólico** e a **etnometodologia**, para auxiliar na construção de conceitos para a área e permitir uma aproximação maior dos estudos de usuários com o paradigma social apresentado por Capurro.

(UR) Estudo 2: Alicerçado na **teoria de Pierre Bourdieu**, explorou **conceitos bourdieusianos** e **noção de habitus** por entender que esses conceitos podem ampliar a perspectiva e análise da CI ao considerar a informação como um fenômeno constituído socialmente.

(UR) Estudo 3: Utilizou a perspectiva compreensiva com base na **fenomenologia social** para compreender as motivações e percepções de usuários de um sistema de informação, tomando como ponto de partida a expressão pessoal desse processo.

ESTUDO 4: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) ESTUDO 5: Se apropriou das **noções sociológicas de Erving Goffman** para poder compreender como os indivíduos interagem entre si à medida que se envolvem cada vez mais com as plataformas de redes sociais.

(UR) Estudo 6: Utilizou a **etnometodologia** como suporte para entender o usuário a partir da perspectiva de onde ele se encontra inserido, levando em conta sua historicidade e suas relações sociais, culturais e econômicas e, o significado que ele atribui à determinada informação conforme sua experiência de vida.

(UR) Estudo 7: Estudou os sujeitos sociais a partir da **perspectiva sociológica de Goffman** e utilizou o conceito de práticas informacionais atrelado ao de cultura e o social para entender a representação do eu e o culto ao belo na cultura brasileira.

(UR) Estudo 8: Realizou um estudo com mães de crianças com alergias alimentares e utilizou conceitos das teorias sociais do **interacionismo simbólico** e da **etnometodologia** por se preocupar com as interações sociais a partir de questões cotidianas.

ESTUDO 9: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 10: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 11: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 12: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) Estudo 13: Relacionou os estudos de práticas informacionais colaborativas com as competências informacionais, a partir do conceito de resiliência informacional e utilizou como perspectiva teórico metodológica a **abordagem interacionista** para os estudos no campo da ciência da informação

(UR) Estudo 14: Teve como embasamento teórico-metodológico a **fenomenologia social** do filósofo Alfred Schutz para compreender a prática do profissional bibliotecário a partir da interação dele com o usuário da biblioteca dentro da concepção de intersubjetividade

ESTUDO 15: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 16: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 17: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 18: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 19: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 20: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 21: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 22: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 23: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 24: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) Estudo 25: Utilizou as concepções teóricas do **interacionismo simbólico**, inspirado na **abordagem dramaturgica no estudo das interações, de Erving Goffman**, para investigar as práticas informacionais dos jovens encarcerados da “Geração Internet”, e entender como eles constroem suas apresentações e representações frente ao outros.

ESTUDO 26: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 27: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 28: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 29: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico

(UR) Estudo 30: Explorou as práticas informacionais de pessoas trans e desenvolveu o conceito de campo e de gênero, a partir da **teoria praxiológica de Pierre Bourdieu**, como arena das práticas desses sujeitos e utilizou as concepções teórico-metodológicas da hermenêutica dialética para análise dos dados.

(UR) Estudo 31: Recorreu a **teoria praxiológica de Pierre Bourdieu**, a partir da noção de campo científico, agentes e instituições para compreender as práticas informacionais de pesquisadores por meio das atividades que permeiam a busca, o uso e o compartilhamento de informações, a partir das ações dos sujeitos, as quais se interrelacionam com o contexto sociocultural e criam novos significados.

ESTUDO 32: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 33: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 34: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 35: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 36: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) Estudo 37: Buscou compreender como se dão as práticas informacionais de pessoas com restrições alimentares e utilizou a associação da **etnometodologia** e do interacionismo simbólico para apresentar o sentido dado as ações que os indivíduos realizam com a informação no contexto da vida cotidiana

ESTUDO 38: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) Estudo 39: Utilizou a **abordagem praxiológica** para analisar as práticas informacionais em contextos digitais e organizacionais, especialmente as práticas envolvidas na leitura da informação digital e apresentou contribuições para a Comunicação e Mediação da informação por investigar caminhos para diminuir o esforço cognitivo do leitor no processo de apropriação da informação e para facilitar a sua compreensão a partir do design da informação.

ESTUDO 40: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

(UR) Estudo 41: Utilizou a **abordagem interacionista** para compreender a práticas informacionais de crianças na pandemia, contemplando as práticas sociais de leitura com vistas a desenvolver a resiliência informacional em crianças que passaram pelo luto coletivizado causado da Covid-19.

ESTUDO 42: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 43: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

ESTUDO 44: Não utiliza abordagem sociológica como aporte teórico-metodológico.

É importante ressaltar que alguns estudos utilizaram duas (2) abordagens associadas, portanto, a quantidade de vezes em que as abordagens sociológicas foram utilizadas não corresponde a quantidade total de estudos que utilizaram essas abordagens, conforme dados da tabela 8.

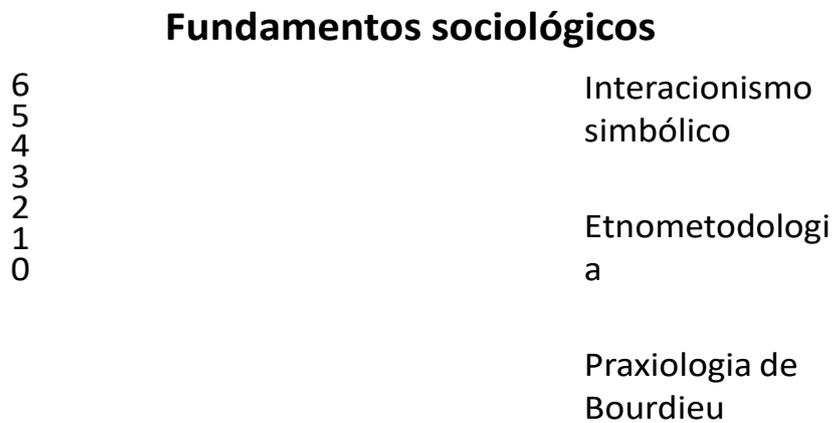
Tabela 8: Fundamentos Sociológicos

ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS	Quantidade de vezes em que uma abordagem sociológica foi utilizada	Nº	Quantitativo de estudos com abordagens sociológica	%
Interacionismo simbólico	5	18	15	34,09
Praxiologia bourdieusiana	4			
Etnometodologia	4			
Dramaturgia social de Goffman	3			
Fenomenologia sociológica	2			
Outras abordagens	29		29	65,90
TOTAL			44	100%

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Dentre os fundamentos sociológicos mais utilizados destaca-se o interacionismo simbólico, que foi utilizado em **cinco (5)** estudos; a praxiologia bourdieusiana em cinco (4); a etnomedologia em quatro (4); a dramaturgia social de Goffman em dois estudos (3) e; a fenomenologia em dois (2) estudos; conforme gráfico 5.

Gráfico 5 – Uso de fundamentos sociológicos nos estudos de práticas informacionais



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2024)

A partir desses resultados constatamos a adoção de teorias sociológicas nos estudos de práticas informacionais em 34,09% das teses e dissertações analisadas, o que corresponde a 15 estudos dos 44 que constituíram o nosso *corpus*, para 29 (65,90%) que utilizaram outras abordagens. O que se confirma como um dado empírico significativo para a ciência da informação, evidenciando a utilização de abordagens teórico-metodológicas da sociologia nesse campo científico.

A utilização dos fundamentos sociológicos nesses estudos pode ser justificada pelo fato de que os primeiros esforços da origem da perspectiva de práticas informacionais tiveram ênfase no construcionismo, no coletivismo e no construtivismo relacionados a abordagens como a etnometodologia, o interacionismo simbólico e a sociologia compreensiva (Araújo, 2017), e também pelo longo caminho percorrido por teóricos que deram suas contribuições apresentando diversas maneiras de se enxergar o fenômeno informação, abrindo espaços para a inserção de novas abordagens teórico-metodológicas, contrárias a

perspectiva original da CI, na tentativa de superar o modelo teórico positivista da área, que percebe a informação como objeto, como coisa.

Como também pode estar relacionado à formação acadêmica dos professores que vêm trabalhando com os estudos de práticas informacionais, os quais são oriundos de diferentes áreas de conhecimento, com formações acadêmicas diversas e referências teóricas ancoradas em abordagens sociológicas e que certamente impactam diretamente em suas pesquisas e produções científicas (Ver quadro 14 - Formação acadêmica dos professores/orientadores das teses e dissertações de práticas informacionais (p.129).

É importante dizer que além desses estudos que utilizaram fundamentos sociológicos em suas pesquisas, encontramos outros que fazem uma aproximação com estudos da sociologia, utilizando conceitos e noções, a exemplo do conceito de *habitus*, campo e *práxis*, mas não como abordagem principal, portanto, não os consideramos estatisticamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa pesquisa indagando “como vem se dando o processo de uso de fundamentos sociológicos nas pesquisas sobre práticas informacionais na pós-graduação em ciência da informação no Brasil”. Para tanto analisamos 44 estudos, entre teses e dissertações sobre os estudos de práticas informacionais, localizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD nacional.

Iniciamos com a reconstrução do processo de origem e desenvolvimento da perspectiva de práticas informacionais no Brasil, a partir de uma entrevista com o Professor Doutor Carlos Alberto Ávilla Araújo, do PPGCI da UFMG e coordenador do EPIC, grupo de pesquisa que viu a abordagem de práticas como possibilidade de constituição de um campo de pesquisa original.

A abordagem dos Estudos de Práticas Informacionais tornou-se visível no Brasil nos anos 2000, precisamente na década de 2010, no âmbito da UFMG, com o surgimento das primeiras referências em publicações científicas. Protagonizaram essa cena, marcadamente, o professor Carlos Alberto Ávilla Araújo e a professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, que na época ministravam a disciplina de Usuários da Informação na ECI/UFMG, e ao perceberem a ausência de teorias e conceitos das ciências humanas e sociais que pudessem fundamentar esse campo de estudos, inseriram no programa dessa disciplina aspectos das perspectivas compreensivas e fenomenológicas e o conceito de cultura de Clifford Geertz, abrindo espaço para uso de abordagens sociológicas nesse campo de estudo, além das já estabelecidas (tradicional e cognitiva), até a consolidação desse novo programa da disciplina.

Destaca-se a criação do grupo de pesquisa EPIC e as atividades de pesquisa desenvolvidas pelo grupo, como impulsionadoras do desenvolvimento da perspectiva de práticas no Brasil, se caracterizando como o primeiro grupo de pesquisa brasileiro a se dedicar aos estudos de práticas informacionais no país, com uma proposta específica e original demarcada pela inserção do conceito de cultura na abordagem de práticas.

Em seu processo de consolidação, o EPIC participou de eventos nacionais e internacionais, além de realizar eventos sobre práticas no Brasil, os quais contribuíram para o amadurecimento e ampliação do quadro conceitual e a

incorporação de uma terceira abordagem para se estudar usuários. Atualmente o EPIC é um grupo de pesquisa consolidado, constituído por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, vinculados à diversas instituições e a maturidade de sua proposta de pesquisa – que consiste na idéia de cultura, uma abordagem entre o individual e o coletivo, colocando os sujeitos na relação com a informação como ponto mais importante – vem se mostrando nas publicações de seus membros.

Com relação a situação da produção de teses e dissertações em práticas informacionais no período de 2008 - 2022, apresentaremos aqui, as três primeiras posições desses resultados. Na categoria “Ano”, tem-se que o período de maior produção foi entre 2017 e 2019; na categoria “Instituição”, a UFMG desponta como a universidade com maior quantidade de produções nos estudos de práticas informacionais, seguida da UFPB que também aparece com um percentual significativo de produções em práticas informacionais e; da UnB que aparece como terceira instituição em número de produção desses estudos. na categoria “Região”, destaca-se a região Sudeste, precisamente o estado de Minas Gerais, onde localiza-se a UFMG, instituição onde originou-se os estudos de práticas informacionais; seguida da região Nordeste, na Paraíba, onde localiza-se a UFPB e; da região Centro Oeste, em Brasília, onde localiza-se a Unb e; na categoria. “Professor/orientador” aparece em maior evidência o professor Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG) com 25% das orientações, um número bastante expressivo de orientações na perspectiva dos Estudos de Práticas Informacionais; seguido do professor Edvaldo Carvalho Alves (UFPB), com 11,36% de orientação nesses estudos e; em terceiro lugar, a professora Ivette Kafure Muñoz (UnB) com 9,10% de pesquisas orientadas na perspectiva de práticas informacionais. É importante ressaltar que esses três professores coordenam, respectivamente, os grupos de pesquisas EPIC (UFMG), o GEPSCI (UFPB) e o FHICI (UnB). Acredita-se que a existência de grupos de pesquisas orientados para o desenvolvimento da perspectiva de práticas informacionais, tenha impacto direto nesses resultados.

Vimos também que os estudos de práticas informacionais vêm contemplando diversas realidades empíricas, em contextos de práticas formais e informais, porem com tendência a estudos com sujeitos em contextos informais. Predominam os estudos realizados com sujeitos em ambientes de rede, internet, dispositivos móveis, redes sociais e sistemas de informação, os quais buscam compreender o indivíduo e sua relação com a informação e tecnologia nesses ambientes. Entretanto, os

estudos com sujeitos historicamente subalternizados na sociedade, vêm sendo contemplados nos estudos de práticas informacionais, compreendido como uma característica inclusiva desses estudos trazendo visibilidade pra esses sujeitos pela perspectiva informacional, buscando entender como esses sujeitos percebem, interagem e se apropriam da informação nesses contextos de práticas, contudo ainda precisam ser ampliados para que se construa uma ciência da informação mais crítica e mais comprometida com os problemas sociais. Encontramos também um número bastante significativo de estudos desenvolvidos em contextos institucionais, revelando que embora a perspectiva de práticas tenha surgido da necessidade de se estudar contextos informais e em que não necessariamente ocorre uma necessidade de informação, é um modelo que abarca todos os contextos e realidades empíricas.

Vimos ainda que os estudos de práticas informacionais não são desenvolvidos de forma isolada, e que eles vêm fazendo suas interconexões, dialogando de forma significativa com as perspectivas teóricas de mediação da informação, apropriação da informação, resiliência informacional, compartilhamento de informação, comportamento informacional, perspectivas que estão inseridas no escopo do modelo pragmático da subárea *estudos sobre os sujeitos*, os quais têm enfoques mais interpretativos das práticas dos sujeitos e têm como elemento determinante as percepções dos usuários acerca de sua relação com a informação em diversos contextos de ação. Assim como vêm trabalhando com diversos conceitos que vêm enriquecendo as discussões na perspectiva de práticas informacionais, à exemplo do conceito de cultura, gênero, *habitus*, redes sociais, comunicação, empoderamento, interação, LGBTQIA+, produção da informação, psicologia, representação social, tecnologia, dentre outros.

O conceito de “cultura” aparece de forma bastante significativa nesses estudos, acredita-se que impulsionado pela proposta de pesquisa do grupo EPIC (UFMG) que tem o conceito de cultura no centro de suas pesquisas sobre práticas informacionais. Outro conceito que teve destaque foi o conceito de “gênero”, bastante encontrado no âmbito das pesquisas do GEPSCI (UFPB), que tem enfoque sociológico na perspectiva de práticas.

Vimos que a noção de “*habitus*” na perspectiva da prática de Bourdieu vem sendo bastante empregada nos estudos de práticas informacionais para investigar os sujeitos informacionais em diversos contextos de ação. Não por acaso os estudos de práticas informacionais nasceram influenciados pelo movimento da perspectiva

praxiológica das ciências humanas e sociais e da virada pragmática na ciência da informação.

Nessa perspectiva vimos que os estudos de práticas informacionais têm um jeito específico de estudar práticas que permite o uso de diferentes conceitos e abordagens para se alcançar o objetivo da pesquisa.

Sobre o uso dos fundamentos sociológicos nos estudos de práticas informacionais, os resultados revelam a utilização dessas teorias em 34,09% das teses e dissertações analisadas, o que corresponde a 14 estudos dos 44 que constituíram o nosso *corpus*, evidenciando a utilização das perspectivas teórico-metodológicas da sociologia nesse campo científico, e que se configura como um dado empírico bastante significativo para a ciência da informação.

Dentre as abordagens sociológicas mais utilizadas nas teses e dissertações analisadas, destaca-se o interacionismo simbólico; etnometodologia; a praxiologia bourdieusiana; a dramaturgia social de Goffman e; a fenomenologia, justificados desde a origem da perspectiva de práticas informacionais com ênfase no construcionismo, no coletivismo e no construtivismo relacionados a abordagens como a etnometodologia, o interacionismo simbólico e a sociologia compreensiva, buscando compreender o sujeito em suas práticas individuais e sociais. Evidenciamos também a importância da formação acadêmica dos professores que vêm trabalhando com os estudos de práticas informacionais, identificados como dado dessa pesquisa, os quais são oriundos de diferentes áreas de conhecimento, com formações acadêmicas diversas e referências teóricas ancoradas em abordagens sociológicas, os quais vêm influenciando as produções científicas nesse campo.

Esses estudos evidenciam a relação humana com foco nos processos de interação social, onde informação é apreendida como uma construção e as atividades cotidianas são compreendidas na perspectiva dos sujeitos, dos atores sociais, protagonistas de suas histórias, numa relação dialética, onde o sujeito se constrói e constrói a realidade em que ele está inserido.

Defendemos a tese de que os estudos de práticas informacionais – ao estudar dimensões que até pouco tempo a CI não havia explorado num direcionamento para o âmbito sociocultural, onde ocorrem as interações entre os sujeitos nos mais variados contextos em que a informação permeia, considerados contextos de práticas informacionais – vêm utilizando fundamentos teóricos-

metodológicos da sociologia como subsídios para compreender as práticas informacionais dos sujeitos considerando sua historicidade e suas relações sociais e culturais contribuindo, assim, para a materialização do caráter social desta ciência, o que se confirma a partir dos dados encontrados e resultados, aqui, apresentados.

Os resultados apresentados evidenciam que a Ciência da Informação brasileira - ao incorporar o conhecimento sociológico em suas pesquisas- vem se movendo no sentido de superar o caráter positivista da área e avançar como uma ciência representativa do paradigma social vigente, mas ainda há um longo caminho a percorrer para se consolidar como tal.

Os Estudos de práticas informacionais é um campo de pesquisa vasto e em expansão e espera-se que essa pesquisa estimule a reflexão e suscite discussões acerca do uso dos fundamentos sociológicos nos estudos de práticas informacionais, que possam contribuir para o seu desenvolvimento e indique caminhos para futuras investigações que venham a contemplar e aprofundar aspectos que não foram, aqui, contemplados ou respondidos satisfatoriamente.

REFERÊNCIAS

- ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Disponível em: <<https://ancib.org/sobre/>> Acesso em: 20 mar./2022
- IBICT. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em: <<https://bdttd.ibict.br/vufind/about/home>> Acesso em: 23 mar. 2021
- CAPES. Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso em: 23 mar./2021
- ALVES, Miriam Fábila; OLIVEIRA, João Ferreira de. Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais. **RBPAE**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 351-376, mai./ago. 2014.
- AMARAL, Suely Angélica. **Estudo de usuário e marketing da informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. p. 16-29. Disponível: file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/3760-6028-2-PB.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.
- ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de *et al.* Paradigmas Contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v.6, n.1, p.16-27, 2007. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/144585>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. O campo da ciência da informação. João Pessoa: Ed. Universitária, 2011. 254p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/> 17. Acesso em: 20 maio 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018. 132 p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 218-236, out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ci. Inf.** [online]., Brasília, v. 38, n.3, p.192-204, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3856/3403>. Acesso em: 20 jan 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/6485-29152-3-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/6485-29152-3-PB%20(1).pdf). Acesso em: 28 jan. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; DUMONT, Lígia Maria Moreira. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 24, número especial, p.85-101, jan./mar. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**: o diálogo possível. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Estudos de práticas informacionais e cultura**: Florianópolis, Rocha, 2021, 336 p.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: uma abordagem na linha de ICS. In: CABRAL, Ana Maria Rezende; REIS, Alcenir Soares dos (Org.). **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896/7372> Acesso em:

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENANCIB, 2013.

ARAÚJO, Eliany. A. de. **A construção social da informação**: Análise de práticas informacionais de Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1998. Disponível em <https://btdt.ibict.br>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Edições 70, Lisboa, 2004.

BARTHES, R. **Elementos de Simiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 516 p. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 278p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**, 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERTI, Ilemar Christina Ianson; ARAÚJO, Carlos Alberto Àvila de. Estudos de Usuários e Práticas Informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, 2017.

BETTIOL, Eugênia Maranhão. Necessidades de informação: uma revisão. **R. Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.18, n. 1, p. 59-69, 1990.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, [S. l.], v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre)

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BOURDIEU. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**, 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASILEIRO, Fellipe Sá; LOUREIRO, José Mauro Matheus; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Uma reflexão histórica e epistemológica da perspectiva social no campo da Ciência da Informação. **Investigación bibliotecológica**, Coyoacán, v. 29, n. 65, p. 137-159, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/1-s2.0-S0187358X16000198-main%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/1-s2.0-S0187358X16000198-main%20(1).pdf). Acesso em: 09 ago. 2019.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 16-29.

CAPURRO, Rafael. Epistemology and information science. *In*: Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives. London/Los Angeles: Taylor Graham, 1991.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996.

CARVALHO, V. D.; BORGES, L. O.; REGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 30, n. 1, mar./ 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

COELHO, Maria Cláudia. **Estudos sobre interação**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 330 p.

CORTÉS, Olga Nancy P. **A inter-relação bourdieusiana: habitus, campo e capital**. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2016. 104 p. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6822/2/DIS_OLGA_NANCY_PENA_CORTES_COMPLETO.pdf Acesso em: 15 set./2019

COULLON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRONIN, Blaise. The sociological turn in information science. **Journal of Information Science**, v. 34, n. 4, p. 465-475, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0165551508088944> Acesso em: mar./2023

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudos dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista De Biblioteconomia De Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, jul./dez., 1982. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000008580/91f02f734949273a2e24fc0895148cb6/>. Acesso em: 24 jan. 2019

CUNHA, M. B.; AMARAL, S. A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudo de usuário da informação**. São Paulo: Atlas, 2015. 448 p.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Mediação da informação e estudos de usuários: interrelações. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n.1, p. 70-86, jan./jun. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/gcrippa,+07adrianaduarte_mediacao.pdf Acesso em: jun./2023

FERREIRA, E. G. A.; ABREU, F. F.; LIMA, G. M. C. de; SÁ, J. P. d. A construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 26-43, 2018.

FERREIRA, G.M.; QUEIROZ, T.P.; RESENDE, W.C. **Modelos de comportamento informacional e comportamento de busca de informação de Tom Wilson**. Minas Gerais, 28 jan. 2019. Bogliolo. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/ComportamentoInformacional.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília, DF: IBCT, 1994.

FIGUEIREDO, Alves Dijanice; PAIVA, Eliane Bezerra. Estudo do Comportamento Informacional dos usuários da Médiathèque Simone de Beauvoir da Aliança Francesa. João Pessoa. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 30-43, jan./abr., 2015. Disponível em: file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/35879-126972-1-PB%20(11).pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

FLICK. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUREZ, Gérard, 1937. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências / Gérard Fourez; tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. Disponível em: <http://astro.if.ufrgs.br/fis2008/Fourez.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

FREIRE, Gustavo, Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à ciência da informação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.127 p.

FREIRE, Gustavo, Henrique de Araújo. A utopia interplanetária de Pierre Levy. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n. 2, p. 132-139, jul./ago., 2005.

FURTADO, R. L.; ALCARÁ, A. L. **Modelos de comportamento informacional: uma análise de suas características**. Marília: UNESP, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/furtado-r.l..pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

GANDRA, Tatiane Krempser; DUARTE, Adriana BoglioloSiriha. ESTUDOS DE USUÁRIOS NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 13-23, set./dez. 2012. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/ABSD%20e%20GANDRA%20Fenomenologia%20InfSoc.pdf>> Acesso em: 20 jan 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p.21-32, jan./abr., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/wzMJ66VNkZZxxKxnk7G3ktm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GOMES, A. **Sociologia compreensiva**, ação social. 2016.

GOMES, R. **Análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2010. p.67-80.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos – RIEP**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 63-97, abr. 1999.

GONZÁLEZ, Juan José Calva. Satisfacción de usuários: la investigación sobre las necesidades de información. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2009. 52 p. Disponível em: file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/satisfaccion_usuarios.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

HOYER, Jennifer. Informationis social: informationliteracy in context. **Reference Services Review**, Leeds, v. 39, n. 1, p. 10-23, 2011.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 181 p.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet Lemos, 2004.

MATA, Marta Leandro da. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 37-57, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/40062>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. *In*: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA - ENLEPICC, 5., 2005, Salvador. **Conferência [...]** Salvador: Enlepicc, 2005. p. 1-22. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/ArmandMattelartPortugues.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MARTELETO, R. M. **Cultura informacional**: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, p.89-93,1995.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ci. Inf.**, Brasília, v.36, n.1, p.118-127, maio/ago., 2007.

MELO, Daniella Alves de; ALVES, Edvaldo Carvalho; BRASILEIRO, Fellipe Sá. Práticas informacionais em ambiente digital. **Inf. Pauta**, Fortaleza, CE, v. 8, n. esp., jul., 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/90654/249584>> Acesso em: set. 2023

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11a ed. São Paulo, HUCITEC, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORAES, Lúcio Flávio Renault de; MAESTRO FILHO, Antonio Del; DIAS, Devanir Vieira. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. **Rev. adm. contemp.**, v. 7, n. 2, jun., 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/NfWKmnLVByZ4tpfwdLwzRMn/?lang=pt#> Acesso em: 29 abr./2021

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 1, n. esp., 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/1137-5183-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

NUNES, Luiza Pereira. **Uma investigação da construção discursiva dos agentes informacionais nas vertentes teóricas da ciência da informação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2022.

ODONE, Nancy. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr., 2006.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu de; MONTENEGRO, Ludmilla Meyer. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.129-145, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/hRs4kq79XXrMzZVMHCGZq8Q/> Acesso em: 15 mar./2021

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 9-28.

PEREIRA, Edmeire Cristina. Design de sistemas de informação cunhado no usuário e a abordagem do sense-making. **Transinformação**, v.14, n.2, p. 139-151, jul./dez., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/NV7Gs9FqHKMdPLFjV7hKzYS/?format=pdf> Acesso: jul..2022

PINHEIRO, L. V. R. Cenário da pós-graduação em ciência da informação no brasil, influências e tendências. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 8, 2007. Salvador: Enancib, 2007, p. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/65/1/PinheiroENANCIB2007.pdf> Acesso em: 20 abr./2019.

PINHEIRO, L. V. R., LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p.1-19, 1995. Disponível em: [file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/609-612-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/609-612-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 29 set. 2019.

PINHEIRO, L. V. R., LOUREIRO, J. M. M. Políticas públicas de C&T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. *In*: CIFORM, 5., 2004, Salvador. **Anais [...]** Salvador: UFBA/ICI, 2004. 21 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibict.br/phi8/anexos/CIFORMLena2004.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Àvila de. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 219-226, 2013.

PINTO, F.V.M.; ARAÚJO, C. A. Á. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 219-226, set./dez., 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a06v24n3.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019.

RENDÓN ROJAS, M. A. **Entre los conceptos**: información, conocimiento y valor: semejanzas y diferencias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989. 334 p.

ROCHA, E. C. F.; GANDRA, T. K.; ROCHA, J. A. P. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios**, Peru, n. 68, p. 96-109, 2017.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Estudos de usuários pela perspectiva de profissionais bibliotecários. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013. Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299611012estudosdeusuariospelaperspectivadeprofissionaisbibliotecarios>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios**, Minas Gerais, n. 66, p. 96-109, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/biblios/n68/a07n68.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017.

SALAZAR, Patricia Hernández et al. Análisis de modelos de comportamiento em labúsqueda de información. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n.1, p.136-146, jan./abr., 2007.

SAMPIERE, R. H.; COLLADO, C. F. LUCIO, M.P.B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. Portugal: Afrontamento, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, maio/ago, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday Life Information Seeking: Approaching Information Seeking in the Context of "Way of Life". **Library & Information Science Research**, v.17, n.3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www-sciencedirect.com.ez15.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/0740818895900489?via%3Dihub>. Acesso em: mar./2023

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the "Umbrella Concepts" of Information-Seeking Studies. *Library Quarterly*, Chicago, v. 77 n. 2, p. 109-132. 2007. Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez15.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=&id=W2160164480>> Acesso em: set./2017

SERACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SERAFIM, L. A.; FREIRE, G. H. A. Competências em informação e lazer levado a sério: um novo espaço de interlocução. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 264-275, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/25364-52690-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019

SILVA, Antonio Wagner Chacon; NUNES, Jefferson Veras. Práticas informacionais como paradigma: por uma teoria social da informação informational practices as paradigm: for a social theory of information. **Anais [...]** p. 237-255, GT1, 2014. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/3077/13.%20Pr%C3%A1ticas%20informacionais%20como%20paradigma%20-%20CO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/PPGEP/LED, 2001.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Necessidades de informação e satisfação do usuário: algumas considerações no âmbito dos usuários da informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v.3, n.2, p.102-123, jul./dez., 2012. Disponível em:

file:///C:/Users/M%C3%B4nica%20Paiva/Downloads/48656-Texto%20do%20artigo-59376-1-10-20121220%20(2).pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

SILVA, Luiz Carvalho Silva; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Ciência da Informação brasileira e a pós-graduação: perspectivas históricas e múltiplas identidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 262p.

SILVA, Ronaldo. **As práticas informacionais das Profissionais do Sexo da zona boêmia de Belo Horizonte**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria (Orgs.). **Epistemologia e historiografia na ciência da informação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 224 p. E-book.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TABOSA, Hamilton Rodrigues. **Modelo integrativo sobre o comportamento do usuário na busca e uso da informação: aplicação na área de saúde**. 2016.177f. Tese de doutorado. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Departamento de Ciência da Informação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TARAPANOFF, Kira (org.) **Inteligência organizacional e competitiva**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001. 326 p.

TERTO, Ana Luisa de Vasconcelos; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. A prática informacional dos usuários de um sistema de informação a partir de uma perspectiva compreensiva. **Biblios**, Minas Gerais, n.54, p. 51-70, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4995438>. Acesso em: 20 jan. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Covilhã: Editora Lusofia, 2010. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_max_conceitos_sociologicos_fundamentais.pdf. Acesso em: 16 set. 2019.

APENDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Pesquisa de doutorado sobre os Estudos de Práticas Informacionais (em desenvolvimento) pela aluna MÔNICA DE PAIVA SANTOS, com orientação do Prof. Dr. EDVALDO CARVALHO ALVES, vinculada a Linha de Pesquisa Organização, Acesso e Uso da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Roteiro da entrevista semi-estruturada a ser realizada com o Professor Dr. CARLOS ALBERTO ARAÚJO, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sobre a origem e desenvolvimento dos Estudos de Práticas Informacionais no campo da Ciência da Informação brasileira.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Como se deram as primeiras discussões, bem como, os primeiros esforços empregados no surgimento da subárea temática “Estudos de Práticas Informacionais” no Brasil e, em que momento (ano) e, em qual instituição?
2. Fale um pouco da história do Grupo de Pesquisa em Estudos de Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) sob sua coordenação, como se constituiu, quais os participantes da primeira formação desse grupo e, se eles ainda permanecem no grupo?
3. Como se deu o processo de construção desse programa de pesquisa, a definição das abordagens, as problemáticas e os métodos?
4. Quais os primeiros eventos científicos (palestras, encontros, seminários) realizados com a temática específica de Práticas informacionais em âmbito local (universidade/cidade) e nacional?
5. A quantidade de pesquisadores é importante para assegurar a legitimação de uma subárea temática?
6. Fale um pouco sobre o desenvolvimento desta subárea no Brasil e como ela se encontra hoje.
7. Como você percebe o impacto dos Estudos de Práticas Informacionais para a consolidação de uma ciência da informação mais alicerçada no paradigma social?

APENDICE B - QUADRO 16
CATEGORIA 2 - PERSPECTIVAS TEÓRICAS, CONCEITOS E NOÇÕES

Quadro 16 - Categoria 2 - Perspectivas teóricas, conceitos e noções

Apropriação da informação	7	Campo científico	1
Mediação da informação	7	Cibercultura	1
Cultura	6	Cognição distribuída	1
Gênero	6	Comércio móbil	1
Compartilhamento de informação	4	Competência crítica em inf.	1
Resiliência informacional	4	Comporeidade	1
Habitus	4	Comportam. de busca da inf.	1
Redes sociais	4	Comportam. de uso da inf.	1
Comportamento informacional	3	Comporeidade	1
Comunicação	3	Comunicação científica visual	1
Empoderamento	3	Conhecimento praxiológico	1
Interação	3	Consumo de cont. de internet	1
LGBTQUIA+	3	Consumo de informação	1
Produção da informação	3	Criança	1
Psicologia	3	Design de informação	1
Representação social	3	Dimensão símbolo-afetiva	1
Tecnologia	3	Discurso mediado pelo digital	1
Agentes	2	Dispositivos informacionais	1
Alergia alimentar	2	Dispositivos móveis	1
Campo	2	Domínio	1
Chatboot	2	Economia da atenção	1
Cidadania	2	Educação	1
Conhecimento científico	2	Estética	1
Comunicação científica	2	Estrut. Antropológ.do imaginário	1
Confiabilidade	2	Estudantes quilombolas	1
Conversão em rede	2	Estudos de Recepção	1
Desinformação	2	Etnia	1
Internet	2	Étnico-raciais	1
Interseccionalidade	2	Estudo de visitantes	1
Letramento informacional	2	Etnografia cognitiva	1
Raça	2	Experiência de usuários	1
Recuperação da informação	2	Facebook	1
Rede	2	Fake news	1
Resiliência	2	Feminismo negro	1
Acessibilidade à informação	2	Fenomenologia social	1
Acontecimentos (Fatos)	1	Gestantes	1
Adolescência	1	Gestão da informação	1
Análise de comportamento	1	Governança da água	1
Análise de redes sociais	1	Inclusão social	1
Apenadas	1	Influenciadores digitais	1
Aplicativos móveis	1	Informação científica	1
Arquitetura da informação	1	Informação étnico-racial	1
Arquivo	1	Informação organizacional	1
Artefatos culturais	1	Instituições totais	1
Bem estar	1	Inteligência arquivística	1
Biblioteca prisional	1	Intersubjetividade	1
Bibliotecas comunitárias	1	Intolerância alimentar	1
Bibliotecário de referência	1	Leitura	1
Biblioterapia	1	Leitura da informação digital	1
Blogs literários	1	Leitura literária	1
Blogueiros	1	Letramento arquivístico	1
Busca por informação	1	Libras	1

Linguística	1		
m commerce	1		
Marcadores sociais	1		
Mediação parental	1		
Mídias sociais	1		
Movimento social	1		
Mulheres	1		
Mulheres negras	1		
Mulheres transgênero	1		
Museologia	1		
Necessidades informacionais	1		
Percepção visceral	1		
Pós graduação	1		
Práticas de leitura da inf. Digital	1		
Práticas sociais da leitura	1		
Presas	1		
Processo de Referência	1		
Produção científica	1		
Produção do conhecimento	1		
Professor	1		
Programa	1		
Prostituição	1		
Regime de informação	1		
Relações sociais	1		
Representação da informação	1		
Restrição alimentar	1		
Robô (chat)	1		
Saúde	1		
Segurança alimentar	1		
Serviço de Referência	1		
Serviços de recomendação	1		
Sexualidade	1		
Sindicalismo docente	1		
Sindicato	1		
Sistema de informação	1		
Sítios web governamentais	1		
Social	1		
Sociedade	1		
Sociologia da infância	1		
Surdos	1		
Tecnologia assistiva	1		
Tecnologia de Informação	1		
Teoria da Interação Ritual	1		

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de pesquisa

APÊNDICE C – SÍNTESE DAS TESES E DISSERTAÇÕES EM PRÁTICAS INFORMACIONAIS (2008 – 2022)

1. (UC) Ronaldo Alves da Silva (2008) descreveu e analisou as práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte. Teve como base teórica os “estudos de usuários da informação” e “Prática informacional” e como objeto de estudo a prostituição e as profissionais do sexo. Trabalha com o conceito de prostituição e apresenta alguns aportes teóricos das ciências sociais para auxiliar na construção de conceitos para a área. Utiliza a concepção de informação que considera o papel do usuário na construção de sentido para os produtos informacionais com os quais interage em seus contextos de ação. O autor utilizou duas correntes teóricas das ciências sociais, o interacionismo simbólico e a etnometodologia, pela característica comum de estudar o cotidiano dos indivíduos e de dar importância às pequenas ações deste cotidiano, permitindo uma aproximação maior dos estudos de usuários com o paradigma social apresentado por Capurro, além de fornecer subsídios para a compreensão das práticas informacionais estudadas.

2. (UC) A autora Flávia Virgínia Melo Pinto (2012) aborda as práticas informacionais dos professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH) no cotidiano da luta político-sindical. O trabalho de Flávia Virgínia está fortemente alicerçado na teoria de Pierre Bourdieu por entender que os conceitos bourdieusianos podem ampliar a perspectiva e análise da CI ao considerar a informação como um fenômeno constituído socialmente. A autora adotou as categorias da sociologia da prática de Pierre Bourdieu para identificar e analisar os paradoxos das práticas informacionais de professores na luta sindical, por entender que as categorias sugeridas por Bourdieu possibilitam a compreensão das práticas informacionais dos sujeitos, considerando a dialética no conflito de classes. Flávia utiliza como aporte teórico-metodológico a sociologia da prática de Bourdieu a fim de compreender a dialética entre estrutura social e percepção subjetiva para a compreensão das práticas informacionais na contemporaneidade, considerando a historicidade das relações sociais. Utiliza a noção de *habitus* de Bourdieu para criar categorias de análise para auxiliar no entendimento da relação entre indivíduo, prática informacional e sociedade.

3. (UC) Pelo viés da fenomenologia social de Alfred Schutz, Ana Luisa de Vasconcelos Terto(2013) investigou as práticas informacionais dos usuários do Sistema de Informação da Extensão (SIEEX) - ferramenta que armazena informações e dá suporte à gestão da extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - contemplando tanto os aspectos comportamentais dos seus usuários quanto os aspectos operacionais do sistema, utilizando critérios de usabilidade de acordo com Cláudia Dias, como referência para que os usuários pudessem apresentar sua percepção sobre o sistema. A autora buscou entender como se davam as práticas informacionais relativas ao processo de concepção e registro das ações de extensão a partir da percepção dos usuários, considerando o contexto em que esses usuários estão inseridos, e por entender a extensão como uma interação de caráter educativo, cultural, científico e político que ocorre entre universidade e sociedade. Buscando compreender as motivações e percepções dos próprios usuários, Ana Luisa utiliza a perspectiva compreensiva com base na fenomenologia social para compreender como os participantes vivem, percebem, pensam e sentem suas vivências, tomando como ponto de partida a expressão pessoal desse processo.

4. (UC) Ruleandson do Carmo Cruz (2014) estuda as redes sociais virtuais de informação sobre a *orkutização* formadas por sujeitos informacionais usuários dos sites Facebook, Twitter e Orkut, com foco nas práticas informacionais e na cultura informacional de tais sujeitos, bem como nas representações sociais de classes sociais e de distinção social por eles criadas. O autor busca entender sob o prisma social da CI, como, na vida cotidiana, a cultura informacional dos sujeitos informacionais no contexto virtual pode ser um elemento de distinção social por eles criadas. Na perspectiva de que as ações sociais dos sujeitos e as práticas informacionais desses sujeitos determinam e são determinadas pela cultura. O autor utiliza nesse estudo a teoria e a metodologia das Representações Sociais como caminho investigativo, por entender que a informação, à luz dessa abordagem, pode ser vista como artefato cultural das representações sociais criadas e compartilhadas pelos sujeitos informacionais. Apresenta também o ciclo da cultura informacional e da

distinção em redes sociais virtuais, composto por quatro etapas e durante o qual as práticas e culturas informacionais tornam-se formas de distinção social e, por tal motivo, em seguida, novas práticas e culturas informacionais são adotadas pelos sujeitos e, assim, sucessivamente.

5. (UC) O autor Jefferson Veras Nunes (2014) busca compreender como o fenômeno das redes sociais na Internet afeta o cenário informacional contemporâneo, transformando as práticas e experiências cotidianas dos indivíduos no tocante à produção, consumo e compartilhamento da informação no espaço digital. Nesse estudo a informação é entendida como um bem simbólico, dotada de sentido para os indivíduos que dela se utilizam. O autor discute sobre a relação entre informação, sociedade e cultura, refletindo acerca do modo por meio do qual as tecnologias de informação – ao proporcionarem diferentes formas de produção, circulação e recepção de produtos simbólicos, dentre os quais, a informação é o principal – contribuem para tornar a vida social contemporânea cada vez mais complexa e dinâmica, com implicações diretas no estilo de vida (*ethos*) e na visão de mundo (*eidos*) dos indivíduos. Partindo da ideia de que o plano off line se mistura a esfera online, o autor se apropriou das noções sociológicas de Erving Goffman para poder compreender como os indivíduos interagem entre si à medida que se envolvem cada vez mais com as plataformas de redes sociais. Jefferson recorre ao método etnográfico a fim de confirmar a tese de que as redes sociais na internet têm a capacidade de afetar as experiências dos indivíduos, reconfigurando o cenário informacional contemporâneo. Através da observação participante atenta às interações entre os internautas, bem como às maneiras como estes se relacionam com as informações e com o site por meio das ferramentas disponibilizadas.

6. (UC) O estudo de Adriana Soares Viana (2015) utilizou a abordagem social dos Estudos de Usuários da CI, para o entendimento das práticas informacionais dos indivíduos que fazem uso da informação no âmbito dos sindicatos. Para tanto autora aborda as práticas informacionais nos sindicatos, com ênfase nas temáticas informação, cidadania e tecnologia e situa sua fundamentação teórica na perspectiva do Estudo de Usuários e suas abordagens, com foco na abordagem social, partindo-se do pressuposto de que as práticas informacionais dos sujeitos que fazem uso da informação disponibilizada no âmbito dos sindicatos são definidas também por suas interações sociais. A autora utiliza como suporte a etnometodologia para entender o usuário a partir da perspectiva de onde ele se encontra inserido, levando em conta sua historicidade e suas relações sociais, culturais e econômicas e, conseqüentemente, o significado que ele atribui à determinada informação conforme sua experiência de vida.

7. (UC) A autora Paula Mota Vasconcelos (2016) uniu dois campos de estudo, a Ciência da Informação e a Fisioterapia Dermato-Funcional, a fim de compreender as práticas informacionais de clientes dos serviços de estética de Belo Horizonte, mais especificamente, como elas utilizam e dão sentido às informações adquiridas para a realização de procedimentos estéticos, e de que maneira esse conhecimento influencia em suas práticas informacionais. Com base em Capurro, a autora discute a ciência da informação e estudos de usuários a partir dos paradigmas físico, cognitivo e social, colocando o conceito de intersubjetividade como questão central para os estudos de usuários da informação. Utiliza o conceito de práticas informacionais atrelado ao de cultura e o social para entender a representação do eu e o culto ao belo na cultura brasileira com a finalidade de investigar quais são e como acontecem as práticas informacionais dessas clientes para buscas de tratamentos estéticos com aparelhos da fisioterapia ou para cirurgias plásticas estéticas. Estuda esses sujeitos sociais a partir da perspectiva sociológica de Goffman (2011) e adota a proposta do modelo de McKenzie como base para a análise das práticas informacionais dos sujeitos baseando-se em eixos definidos a partir das falas das entrevistadas, um referente aos valores de apropriação da imagem e do que é belo e outro na interação dessas informações com o processo de tomada de decisão.

8. (UC) À luz do paradigma social da CI, a autora Flávia Moraes Moreira Barros (2016) analisa como as práticas informacionais de mães de crianças com alergias alimentares influenciam no dia-a-dia desses indivíduos. A autora adota a teoria geral dos Estudos de Usuários com a utilização de conceitos das teorias (sociais) do interacionismo simbólico e da etnometodologia por se preocupar com as interações sociais a partir de questões cotidianas, característica essencial para esse estudo com as mães das crianças com alergias alimentares e suas práticas do dia-a-dia. Trabalha com conceitos de necessidades informacionais, analisa o termo busca por informação, mostra as

diferentes percepções do termo usuário e adota o termo sujeito informacional nesse estudo por permitir uma contextualização mais ampla dos papéis desenvolvidos pelas pessoas com a informação; e tem como elemento central do problema de pesquisa definido, o conceito das “práticas informacionais”. Analisa os dados a partir do modelo bidimensional de práticas informacionais proposto por McKenzie e da versão estendida de Yeoman.

9. (UC) O estudo de Tatiane Krempser Gandra (2017) investiga as práticas informacionais de visitantes de museus a partir da subjetividade dos sujeitos e dos referenciais sociais (ações e opiniões). A autora faz um diálogo entre os estudos de usuários da informação/CI e os estudos de visitante/Museologia a partir da perspectiva de práticas informacionais para compreender a experiência de visita do público a duas exposições do Museu Itinerante PONTO UFMG. Tatiane discute a relação entre o sujeito e sua experiência de visitar museus, a partir da dimensão informacional, para compreender como o sujeito interage com a informação e objetos do museu em sua experiência de visita, considerando o contexto sociocultural que envolve tanto o visitante quanto o próprio museu. Utiliza-se da etnografia para compreender as especificidades da experiência de visita, das singularidades da relação entre os sujeitos, a informação e os contextos e referenciais sociais que os cercam.

10. (UC) A autora Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo (2017) buscou compreender como as motivações inconscientes influenciam a dinâmica decisória organizacional, tendo como foco o uso de informação para subsidiar a tomada de decisão, além de identificar os comportamentos e práticas informacionais apresentados por gestores em situações de tomada de decisão estratégica. Na abordagem psicossocial que a autora utiliza, o olhar de investigação direciona-se para as motivações inconscientes que permeiam as atitudes humanas na relação com a informação, está direcionada a uma esfera (o inconsciente). Nessa perspectiva, o foco dado à compreensão do comportamento e práticas informacionais contempla os estudos de sujeitos informacionais sob uma perspectiva psicossocial no qual a autora buscou incorporar à diversidade dos aspectos humanos no processo de elaboração teórica, os aspectos ligados às motivações do inconsciente. A autora tomou como base a hermenêutica simbólica presente nas *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, de Gilbert Durand para compreender os conteúdos subjacentes aos comportamentos visíveis, buscando relacionar, no processo decisório, a forma de percepção da realidade, o enfrentamento da angústia advinda desse processo e a determinação de comportamentos de busca e uso da informação para subsidiar a tomada de decisão.

11. (UC) A pesquisa de Andreza Gonçalves Barbosa (2017) contempla a informação como fenômeno social e contextual e utiliza o conceito de práticas informacionais de Reijo Savolainen e Pâmela Mackenzie para estudar as práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, visando apreender como elas adquirem, interagem, se comportam e fazem uso das informações no cotidiano, durante o período de isolamento. A partir do significado do *habitus* de Bourdieu investiga a questão informacional no cárcere exclusivo para presas grávidas, por permitir uma leitura da realidade e proporcionar um posicionamento de maneira crítica de acordo com referenciais apreendidos socialmente, considerando que os contextos sociais podem ser modificados através das interações realizadas pelos indivíduos que a eles pertencem, conforme pensamento de Berti e Araújo (2017). De certa maneira, a autora considera que adotou a perspectiva etnográfica, uma vez que na medida do possível, houve participação da mesma (quando lhe foi permitido) em atividades junto às presas. Para analisar os dados, a autora se ancora nos modelos teóricos *Everyday Life Information Seeking* (ELIS) de Savolainen; o “*life in the round*” apresentados por Chatman; e o modelo de práticas informacionais de Pâmela Mckenzie, conforme versão estendida proposta por Yeo-man.

12. (UC) A pesquisa de Mariana Zattar (2017) teve como objeto de estudo, a Governança da água no contexto da Gestão de Recursos Hídricos. Aborda o processo de produção do conhecimento e as práticas informacionais em grupos de pesquisa no domínio do conhecimento e campo científico da Governança da água por meio das configurações das redes dos pesquisadores. O referencial teórico da pesquisa de Marianna parte do paradigma social da informação de Capurro (2003) e Hjørland (1997) que considera as perspectivas pragmáticas e social a partir da percepção da informação como algo construído histórica, cultural e socialmente nos processos de interação do ser no mundo com os outros, bem como utiliza conceitos de campo (Pierre Bourdieu) da sociologia do conhecimento e da cultura e de domínio do conhecimento (Hjørland e Albrechtsen) e emprega os conceitos de rede social e de prática informacional como elementos operacionais na análise empreendida no campo

empírico da pesquisa. A autora desenvolve a ideia de construção social do conhecimento a partir do conceito de prática informacional (*information practice*), de Savolainen (2007), no qual a informação é vista como um processo social e de construção coletiva, evidenciando a visão de participação de diferentes sujeitos na produção e uso do conhecimento científico. A utilização da noção de rede está fundamentada como recurso teórico para a compreensão das interdependências dos agentes e, ainda, como recurso metodológico na operacionalização, visualização e análise dessas interdependências. Adota a metodologia de redes sociais.

13. (UC) O estudo de Fellipe Sá Brasileiro (2017) que tem como sujeito informacional mulheres primíparas conectadas por meio do aplicativo Whatsapp, relaciona os estudos de práticas informacionais colaborativas com as competências informacionais, a partir do conceito de resiliência informacional de Annemarie Lloyd (2014), pensado de forma integrativa e desenvolvido numa perspectiva normativa/relacional e outra mais pessoal/socioemocional. O autor associa o processo de resiliência informacional às estratégias informacionais criadas pelos sujeitos nos espaços cotidianos de sociabilidade como forma de superação de rupturas e incertezas, a partir do agrupamento de informações, combinação de habilidades, formando um entendimento básico sobre novos assuntos, moldando um novo contexto social, formado pelas interações mediadas pelas tecnologias móveis. Fellipe Sá Brasileiro Utiliza a Epistemologia social proposta por Jesse Shera (1970) atrelada a pesquisa qualitativa (Flick, 2009) por considerar adequada ao planejamento teórico metodológico de seu estudo, tendo em vista que a produção da informação e do conhecimento é proveniente dos contextos socioculturais específicos relacionados aos processos da comunicação humana. O estudo de Fellipe está situado no paradigma social da informação (Capurro, 2003) e tem como perspectiva teórico metodológica a abordagem interacionista para os estudos no campo da ciência da informação (Araújo, 2010; 2012). Fellipe obteve que as práticas informacionais nos espaços virtuais promovem a construção da resiliência informacional visto que possibilitam uma união social construída pelos sujeitos no momento das interações.

14. (UC) O foco do estudo de Gracirlei Maria de Carvalho Lima (2018) são as práticas informacionais no ambiente institucional de bibliotecas. A autora buscou compreender como o processo de referência acontece na prática do profissional bibliotecário e faz uma análise da prática do serviço de referência sob a perspectiva do paradigma social para compreender a prática desse profissional a partir da interação dele com o usuário da biblioteca dentro da concepção de intersubjetividade. O embasamento teórico-metodológico é pela fenomenologia social do filósofo Alfred Schutz. A autora observou como as práticas informacionais, consideradas como práticas sociais podem ser incorporadas no local de trabalho, nas rotinas e nas atividades cotidianas, envolvendo ativamente as pessoas no contexto social de que fazem parte. A autora observou que as bibliotecárias mostram que suas ações são socialmente construídas com a participação de outros profissionais e até mesmo com os próprios usuários.

15. (UC) A investigação de Jéssica Patrícia Silva de Sá (2018) foi sobre os *blogs* literários examinando as práticas informacionais dos blogueiros enquanto leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos *webrings* (círculos sociais de blogueiros, pertencentes à blogosfera literária). Jéssica adotou a abordagem social dos estudos de usuários da informação como suporte teórico, baseando-se no conceito de práticas informacionais para compreender a relação entre o sujeito e a informação. O uso da netnografia possibilitou uma imersão na blogosfera literária, permitindo uma proximidade com as dimensões cultural e social dos sujeitos. Adota a definição de blogs como artefatos culturais, advinda de um olhar antropológico e etnográfico. Nessa perspectiva os blogs são apropriados pelos sujeitos e constituídos através de marcações culturais e motivações de determinados grupos e populações no ciberespaço, disponíveis para acesso e recuperação de seus traços culturais. Compreende o usuário como sujeito informacional, ressaltando o caráter de ator do sujeito blogueiro.

16. (UC) Em seu estudo, a autora Janicy Aparecida Pereira Rocha (2018) investigou as práticas informacionais relacionadas à produção colaborativa do conhecimento científico em um grupo de pesquisa, uma vez que nesses espaços, esses grupos são constituídos por sujeitos com interesses comuns em determinados temas e trabalham de forma colaborativa com vistas ao aprendizado e à produção científica. Para entender se as formas como esses sujeitos interagem com a informação podem ser entendidas como práticas informacionais, Janicy desenvolveu um estudo qualitativo a partir de princípios da Cognição Distribuída e utilizou a etnografia cognitiva como abordagem metodológica.

17. (UC) Em seu estudo, André Fagundes Faria (2018) analisou as práticas informacionais executadas por organizações e consumidores em aplicativos para dispositivos móveis a fim de compreender em que medida as relações de consumo se constituem em práticas de produção, busca e compartilhamento de informação no contexto do comércio móvel. Para tanto ele relacionou aspectos da arquitetura da informação dos aplicativos às práticas informacionais executadas no âmbito do comércio *móvil* e analisou essas práticas a partir das atividades de usuários/consumidores nos espaços de interação desses aplicativos e através das *fanpages* do *Facebook*. Apoiado na triangulação de teorias e métodos o autor fez análise da arquitetura da informação dos aplicativos considerando os processos de produção, busca e compartilhamento de informação, análise netnográfica dos espaços virtuais de interação dos consumidores e análise de conteúdo da comunicação existente nesses espaços em função do consumo.

18. (UC) O estudo de Andrea Heloísa Goulart (2018) está situado no campo dos Estudos de Usuários da Informação sob a ótica do paradigma social e analisa as práticas informacionais dos adolescentes na internet, a fim de identificar como os jovens lidam com a multiplicidade de informações *on-line* ao seu alcance. A partir da abordagem interdisciplinar da CI, a autora emprega conceitos oriundos de outras áreas de conhecimento, como a Comunicação Social, ancorada na perspectiva dos Estudos de Recepção; Análise do Comportamento e; Psicologia Social, a fim de avaliar o contexto social do adolescente.

19. (UC) A pesquisa de Elton Martíres (2018) teve como objeto de estudo a relação entre o comportamento informacional de mulheres transgêneras e suas percepções sobre identidade de gênero. Com base nos estudos de comportamento informacional em comunidades LGBT que evidenciam que as práticas informacionais de pessoas transgêneras têm sido negligenciadas pelos serviços de informação, o autor partiu do pressuposto de que pessoas transgêneras possuem necessidades de informação e expressam comportamentos de busca, acesso, uso e compartilhamento específicos, devido às complexidades do processo de transição de gênero. Dessa forma, o autor considera que o estudo das necessidades e práticas informacionais de mulheres transgêneras é essencial para compreender as principais necessidades de informação ao longo do processo de transição, em que canais buscam, acessam e usam informações, como e com quem disseminam conhecimento. Adotou como recurso teórico-metodológico o modelo conceitual derivado da literatura no qual a teoria embutida considera que, durante a gestação atribui-se um gênero, com base em características sociais, mas em algum momento da vida, alguns indivíduos percebem que há disforia entre o gênero designado e a forma como se percebem e a partir dessa percepção, engajam-se em práticas informacionais que contribuem para as percepções da identidade de gênero. Elton realizou um estudo descritivo com abordagem qualitativa com mulheres em processo de transição de gênero.

20. (UC) A autora Ilemar Christina Lansoni Wey Berti (2018) faz um diálogo de práticas informacionais com o conceito de Regime de Informação, entendido como uma ferramenta que olha para as ações, meios e efeitos dessa informação. Seu estudo busca compreender as práticas informacionais dos sujeitos no Facebook, a partir da perspectiva de regimes de informação, formados no contexto de dois acontecimentos em âmbito nacional, sendo o primeiro a “carta de Temer a Dilma” e o segundo intitulado “Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’”, apresentando a relação entre as interações dos sujeitos e a produção, apropriação e reflexão da informação nessa rede social. O estudo de Ilemar está alicerçado na abordagem social e nos aspectos pragmáticos da CI, bem como, na aproximação com estudos da sociologia e da comunicação.

21. (UC) A autora Claudiane Weber (2018) faz uma aproximação e uma discussão interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência Ontopsicológica. A pesquisa de Claudiane consistiu em analisar estudos sobre o uso da imagem na Ciência da Informação e, com base em critérios da Ontopsicologia, agregar valor aos estudos das práticas e comportamentos informacionais dos sujeitos frente a imagens fotográficas contemporâneas. A autora investiga o uso da imagem fotográfica na perspectiva do “uso” e da “imagem”. Sendo que a abordagem do “uso” se dá pela perspectiva das práticas informacionais, por entender o uso da imagem fotográfica como um processo que é contextualizado em ação e prática, enfatizando o que as pessoas fazem com a imagem no contexto das mídias sociais; e a abordagem da imagem se dá pela perspectiva do comportamento informacional, buscando conhecer seu impacto cognitivo, centrada no sujeito, no usuário, que percebe a imagem e seu uso.

22. (UC) O autor André Gustavo Fonseca da Silva (2019) analisa as ações sociais em ambientes de interação mediados por dispositivos computacionais, pelo viés da cultura, dos comportamentos e representações dos sujeitos nos ambientes virtuais do aplicativo Telegram, pautado nas noções de sociabilidade. Recorre ao método netnográfico para compreender as práticas informacionais que ocorrem nesses ambientes de interação e refletir o papel da informação e de sua ação sobre esses sujeitos sociais apoiado no conceito de cultura de Clifford Geertz, trazido da antropologia, que vê a cultura como um contexto dentro do qual esses comportamentos e acontecimentos sociais possam ser descritos com “densidade”. O estudo de André revelou seis dimensões informacionais oriundas dos ambientes de interação virtual, a dimensão da forma, da atitude, do conteúdo, do ideal, da intenção, da tradição de práticas informacionais dos sujeitos. Nesse estudo a afinidade emerge como um engajamento informacional, a interação nos espaços estimula a busca por informação, proporciona uma “expansão” de consciência de conhecimentos, num processo de retroalimentação.

23. (UC) O estudo de Paullini Mariele da Silva Rocha (2019) associa o conceito de resiliência informacional às práticas informacionais e tem como sujeito informacional mulheres com filhos com microcefalia, causada por Zika vírus, atendidos no Centro de Referência Municipal de Inclusão para Pessoas com Deficiências (CRMIPD) de João Pessoa. Paullini discute como os conceitos de Letramento Informacional e Práticas Informacionais servem de suporte para o entendimento e a promoção da resiliência informacional do sujeito e quais fatores colaboraram para o desenvolvimento dessas habilidades deles. Traz o entendimento do conceito de resiliência informacional com base em Lloyd (2015) que explica a partir da habilidade que o sujeito/grupo tem de somar o resultado dos esforços pessoais/coletivos e da experiência informacional, incluindo nesse processo as práticas informacionais e múltiplos letramentos que podem ajudar na redução de dúvidas, incertezas e conflitos. A autora utiliza como base o modelo bidimensional de práticas informacionais elaborado por Pamela Mckenzie e trouxe em seu referencial teórico conceitos relativamente novos e de abordagem incipiente na Ciência da Informação, como Desinformação, Resiliência Informacional e Práticas Informacionais, os quais, segundo ela, foram importantes para a compreensão do processo dos indivíduos na busca cotidiana por informação e as barreiras encontradas no decorrer das experiências.

24. (UC) O estudo de Laelson Felipe da Silva (2019) investigou como se expressam as práticas informacionais dos sujeitos LGBTQI+ e como estes se empoderaram para enfrentar as opressões. O autor analisa as práticas informacionais dos usuários do espaço LGBT e se ancora nos aportes teóricos de relações de gênero, empoderamento, práticas informacionais e *habitus*. Laelson busca entender o sujeito dentro de seu contexto social apoiado no conceito de *habitus* de Boudieu (1996), que permite aos estudos de práticas informacionais a análise do processo dialético entre a estruturação objetiva - material - do mundo, e as expressões cognitivas, construídas pelo mesmo. O pesquisador se aproxima de uma abordagem crítica dos estudos de usuários e se apropria do conceito de práticas informacionais que fundamenta-se a aspectos sociais e semiológicos para compreender os usuários considerando seu caráter ativo e não apenas como receptores de informação. O estudo de Laelson proporcionou trazer a visibilidade dos sujeitos subalternizados pelo prisma informacional, evidenciando o crescimento da produção da CI com foco na informação como elemento de inclusão social desses grupos, porém revelando a necessidade de se ampliar os estudos sobre LGBTQI+ e relações de gêneros nas pesquisas em CI, especialmente nos estudos de práticas informacionais, à época, ainda não contemplados nesses estudos.

25. (UC) O estudo de Ciro Athayde Barros Monteiro (2019) investigou como são as práticas informacionais dos jovens encarcerados da “Geração Internet” antes e após adentrarem ao Centro de Detenção Provisória (CDP) de Serra Azul – São Paulo, com relação à mediação e à apropriação dos dispositivos informacionais. O autor detalha as práticas informacionais por meio de dispositivos vinculados a ações mediadoras e educativas, como por exemplo, a escola, o clube de leitura, entre outros. Ciro utiliza a Etnografia, orientada pelas concepções teóricas do interacionismo simbólico, inspirado na abordagem dramaturgic no estudo das interações, desenvolvida por Erving Goffman que se preocupava em entender como as pessoas constroem suas apresentações e representações na frente dos outros, uma vez que para ele as pessoas representam papéis como os atores em uma peça de teatro. Ciro utilizou como base os conceitos desenvolvidos por Goffman os quais também serviram de ferramenta de análise para esse estudo.

26. (UC) O estudo de Silvana Karla da Silva de Lemos Santos (2019) buscou identificar a satisfação do usuário surdo na acessibilidade à informação em sítios web do governo brasileiro e tem como um

dos objetivos específicos investigar as práticas informacionais do usuário surdo relacionadas a esses sítios. O foco da pesquisa é no Estudo de Usuários com abordagem interdisciplinar, incluindo principalmente, os campos da Informática, Linguística e Comunicação, considerados essenciais pela autora para compreender as práticas informacionais dos usuários Surdos e a análise da acessibilidade em sítios na web.

27. (UC) O estudo de Gláucia Aparecida Vaz (2019) utiliza-se do aparato teórico apresentado pelas práticas informacionais, em uma abordagem direcionada pela antropologia semiótica, buscando construir, por meio de uma descrição densa, um quadro comportamental dos usuários de um arquivo público, tomando como objeto de análise pessoas que já utilizaram os serviços do Arquivo Público Mineiro. O estudo de Gláucia tem como objetivo determinar o contexto social dos usuários do Arquivo Público Mineiro e relacioná-lo com o seu processo de pesquisa desenvolvido dentro da instituição. Com o foco na abordagem social dos Estudos de Usuários da Informação, a autora discute sobre arquivo e sociedade, sobre a invisibilidade dos arquivos e seu enorme potencial cultural, além de tratar da relação dos arquivos públicos e direitos humanos, direcionado para arquivos e educação, e arquivos e resistências. A autora trabalhou com categorias que possibilitaram elaborar um quadro comportamental dos entrevistados para refletir o percurso nos processos de busca de informação a partir de uma análise sociológica e simbólica a fim de compreender o significado desses processos, além de destacar as dificuldades existentes e revelar como os fatores sociais influenciam os mesmos, considerando que o arquivo está inserido em um macro ambiente e não como um sistema isolado.

28. (UC) O estudo de Daniella Alves de Melo (2019) faz uma abordagem correlacional dos estudos de Práticas Informacionais com a Competência Crítica em Informação para verificar como estas contribuem para o enfrentamento das relações de dominação/submissão de gênero étnico/raciais por parte das feministas negras da Bamidelê (ONG de Mulheres Negras da Paraíba). A autora estuda os marcadores sociais de gênero/raça/etnia a partir do olhar das práticas informacionais de mulheres negras no âmbito individual/sujeito e no âmbito coletivo/institucional, com base no conceito de Araújo (2013) que vincula as interações entre sujeitos e informação em contextos onde o conhecimento é construído coletiva e socialmente. A autora traz para a Ciência da Informação a discussão dos conceitos de raça e gênero a partir de uma análise das práticas informacionais e da construção da competência crítica em informação por parte dessas mulheres em movimentos sociais, especificamente, na Bamidelê, revelando como estas possuem um importante papel social para minimizar os impactos de uma sociedade opressora, uma vez que as práticas informacionais desenvolvida por estes grupos podem reverberar na construção da competência crítica em informação, que, por sua vez, oferece subsídio para o enfrentamento das desigualdades sociais experienciada por esses sujeitos. Os espaços informacionais alternativos são primordiais para despertar nos sujeitos o senso crítico em relação a informação, um instrumento do empoderamento dessas mulheres, surgido a partir do fortalecimento coletivo proporcionado pelo acesso a informação e desenvolvimento da capacidade de reflexão.

29. (UC) A pesquisa de Rafaela Pereira de Carvalho (2020) buscou investigar de que maneira as Práticas Informacionais dos criadores de conteúdo podem contribuir para a manutenção da cultura participativa do Fandom. Sua pesquisa teve como objetivo analisar as práticas informacionais dos fãs criadores de conteúdo no ciberespaço e sua relação com a cultura participativa, assim como, caracterizar e descrever as práticas informacionais dos criadores de conteúdo digital do fandom, a fim de conhecer como os processos de busca, uso e compartilhamento da informação eram realizados fora de um ambiente informacional tradicional. A autora discutiu sobre práticas informacionais, cultura participativa e cultura de fãs, observando-os em seus aspectos conceituais e teóricos, e estabelecendo relações entre eles. Adotou o Modelo de Prática Informacional de Harlan para entender as relações entre sujeito, informação e contexto.

30. (UC) O objetivo da tese de Flávia Virgínia Melo Pinto (2020) foram as práticas informacionais de pessoas trans. A partir de um estudo qualitativo a autora explora as práticas informacionais de pessoas transexuais em seus processos de transição de gênero para saber: quais foram as demandas de informação de homens e mulheres transexuais quando perceberam os conflitos com o gênero designado no nascimento; como as pessoas transexuais se apropriaram de informações para construir concepções de si e; como acontece o compartilhamento de informações entre pessoas transexuais para a reinvenção do corpo. A autora utiliza a concepção de informação como uma síntese de práticas dos indivíduos que acontecem sob determinadas condições histórico-sociais e desenvolve o conceito de campo de gênero, a partir da teoria praxiológica de Pierre Bourdieu, como

arena das práticas informacionais dos informantes de sua pesquisa. Para desenvolver o capítulo de práticas informacionais a autora utiliza conceitos de Araújo (2017), Savolainen (1995, 1997), Chatman (1999), Lloyd (2010), Harlan (2012). Para a análise dos dados utilizou as concepções teórico-metodológicas da hermenêutica dialética. Já a discussão dos temas e categorias foi realizada a partir das concepções da abordagem social da Ciência da Informação, as teorias gênero e a teoria praxiológica de Pierre Bourdieu.

31. (UC) O estudo de Maíra Prado da Silva (2020) investigou as práticas informacionais de pesquisadores do programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na produção científica e sua comunicação. Para entender o prisma das práticas informacionais, a autora apoiou-se nos conceitos de Savolainen, McKenzie, Talja, Yeoman, Marteleto, Cox, Araújo, entre outros. Recorreu a teoria praxiológica de Pierre Bourdieu, principalmente, a noção de campo científico, agentes e instituições para compreender essas práticas por meio das atividades que permeiam a busca, o uso e o compartilhamento de informações, a partir das ações dos sujeitos, as quais se interrelacionam com o contexto sociocultural e criam novos significados. Seu estudo parte de uma abordagem qualitativa e utiliza-se da análise de conteúdo para interpretar os relatos dos sujeitos e construir categorias para os achados de sua pesquisa.

32. (UC) O estudo de Ana Cláudia de Araújo Santos (2020) traz uma abordagem interconceitual da comunicação científica e a linguagem visual, denominada de Comunicação Científica Visual com ênfase nos estudos de práticas informacionais. A autora analisa como as ilustrações científicas sobre a esquistossomose produzidas na década de 1940, no Instituto Oswaldo Cruz, constituem-se como práticas informacionais de comunicação científica visual, a partir do modelo estendido de práticas informacionais de McKenzie proposto por Yeoman (2010). Ana Cláudia aborda as práticas informacionais compreendidas como uma maneira de receber, gerir e transferir as informações que são produzidas e desenvolvidas nos circuitos de informação ocorridos no âmbito de contextos culturais. A autora considera a produção de documentos imagéticos, como prática informacional desenvolvidas no contexto específico do Instituto Oswaldo Cruz e, mais especificamente, na elaboração do álbum *Schistosomiasis Mansoni* no Brasil.

33. (UC) Sabrina Clavé Eufrásio (2021) desenvolveu um estudo netnográfico para compreender como são caracterizadas as práticas informacionais efetivadas em um grupo do Facebook, com foco na informação étnico-racial, na comunidade negra “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER!!”. A autora abordou o conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação desenvolvido por Oliveira e Aquino (2012), o qual se refere a toda informação em qualquer suporte no qual apresenta “os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana”, sendo consagrada como um elemento de empoderamento, que permite a quebra de paradigmas hegemônicos, libertando os grupos historicamente marginalizados da opressão. Na perspectiva das Práticas informacionais, Sabrina aborda a informação étnico-racial como fruto de práticas de produção e compartilhamento de informações, buscando ultrapassar e redimensionar relações de poder fundamentadas na noção de raça, uma vez que, o foco nas pesquisas dirigidas a grupos por vezes marginalizados da sociedade e esquecidos em estudos acadêmicos proporciona o conhecimento de como interação com a informação, incluindo aspectos sociais e culturais dos indivíduos. Para analisar as postagens coletadas, a autora utilizou a técnica categorial da Análise de conteúdo (Bardin) e como complemento utilizou a análise do discurso para interpretação dos comentários nas postagens. Esse estudo adota a ideia de que toda prática social é uma prática informacional, percebendo a informação vinculada ao cotidiano do sujeito, como também utiliza o conceito de práxis, o qual ta relacionado a transformação social pelas práticas cotidianas do sujeito informacional em determinado contexto.

34. (UC) A dissertação de Priscilla Nunes Peixoto (2021) aborda as praticas informacionais em contextos digitais e reflete acerca da influência social e da identificação do usuário enquanto sujeito informacional e agente influenciador. A partir de uma revisão sistemática de pesquisas brasileiras de pós-graduação sobre os influenciadores digitais em várias áreas, a autora reflete sobre a cultura dessas personalidades no âmbito acadêmico e analisa os influenciadores digitais na plataforma YouTube sob a perspectiva das práticas informacionais, a fim de compreender o seu desempenho perante o público ao longo do tempo, uma vez que esses influenciadores carregam consigo elementos de ordem psicológica, social, cultural e econômica. Esse estudo faz um diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Comunicação, permitindo visualizar o influenciador em sua complexidade. As práticas informacionais e os processos midiáticos complementam o estudo,

trazendo a mediação da informação, o interacionismo simbólico e a midiaticização do sujeito (o “eu” performático), apresentam a cultura do YouTube no cotidiano dos usuários. Priscilla enfatiza a idéia do processo de busca pela informação como uma prática social que, por sua vez, representa uma prática informacional. A autora percebe que a relação entre o influenciador e o público não é isolada, mas repleta de subjetividades que dão origem a ações de informação.

35. (UC) A partir de uma pesquisa documental, a autora Maria Ivone Maia da Costa (2021) desenvolveu sua pesquisa com estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará, a fim de analisar as Práticas Informacionais desses estudantes dentro de um contexto histórico, social e cultural. Ao identificar a vivência desses discentes dentro da universidade e na vida cotidiana nas comunidades, a autora buscou compreender a complexidade das temáticas étnico-raciais e assim estimular discussões que fortaleçam a abordagem social das Práticas Informacionais na Ciência da Informação. Nesse estudo onde a informação é entendida como fenômeno social coletivo, Maria Ivone reflete sobre as abordagens teóricas de Estudos de usuários, Práticas informacionais e Competência crítica em informação, além de discorrer sobre os quilombolas no Brasil a fim de compreender a trajetória histórica, cultural e social dos sujeitos da pesquisa. Para a autora, as práticas informacionais e a competência crítica em informação referenciam questões coletivas dentro de um contexto e contribuem para discussões e ações contra a discriminação social, a marginalidade e a violência. A fim de verificar as práticas informacionais dos estudantes quilombolas, utilizou a pesquisa etnográfica, com a aplicação de questionário e entrevista semiestruturada. Para a análise dos dados a autora utilizou a Análise crítica do Discurso.

36. (UC) A pesquisa de Patrícia Saldanha (2021) objetivou compreender como são constituídas as representações sociais de mulheres negras a partir das postagens no Portal Geledés, evidenciando o papel social da informação, a fim de oportunizar as discussões para a transformação das condições em que vivem os sujeitos, além de contribuir para a reflexão no âmbito social e promover discussões sobre a representação das mulheres negras nas postagens publicadas nesse portal. Patrícia buscou aporte teórico no paradigma social da Ciência da Informação e nas práticas informacionais, analisando essas práticas de produção e compartilhamento de informações através dos conteúdos referentes às mulheres negras e como são representadas. Nesse estudo, se compreende as práticas informacionais como práticas sociais de produção e compartilhamento de informações que contribuem para a representação dos sujeitos em contextos os quais o conhecimento é construído social e coletivamente, e dessa forma essa pesquisa amplia as discussões sobre a representação das mulheres negras na internet, uma vez que as plataformas agregam coletivos e têm uma significativa importância na constituição de identidade. A pesquisa de Patrícia contribui para a ampliação de espaços de discussão e produção acadêmica sobre a temática racial e de gênero, a fim de legitimá-la no campo da Ciência da Informação ao tratar de questões de produção e compartilhamento de informações, da imbricação entre a informação e os sujeitos que produzem, selecionam e disseminam. Traz ainda uma contribuição política e epistemológica para refletir acerca das mulheres negras que pouco eram mencionadas na história. As discussões foram fundamentadas a partir da Teoria das Representações Sociais, adotou-se como conceitos as noções de interseccionalidade e lugar de fala, advindas do Feminismo Negro. A autora utilizou a metodologia da Análise de Conteúdo de Bardin para postagens sobre temáticas referentes às questões de raça e gênero, suas intersecções e, como se evidenciam neste portal.

37. (UC) O estudo de Marciana Siqueira da Silva (2021) buscou compreender como se dão as práticas informacionais de pessoas com restrições alimentares, uma vez que a informação no contexto de vida dessas pessoas é buscada mediante a necessidade de alimentar-se, portanto, dependem da informação sobre os produtos que possam lhes causar reações. O estudo foi realizado na comunidade SOS Alergia Fortaleza (com alérgicos e intolerantes) e teve como objetivo geral mostrar como decorrem as práticas informacionais por pessoas com restrições alimentares, com vistas à qualidade de vida. A autora realizou uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa; utilizou a entrevista semiestruturada para coleta dos dados e a análise de conteúdo para análise desses dados. Como aporte teórico a autora utilizou estudos de usuários enquanto disciplina e sub-campo da CI; bem como as principais abordagens teórico-metodológica verificadas no campo. Destacou a contribuição das teorias sociais para o conceito de práticas informacionais apresentando o sentido dado as ações que os indivíduos realizam com a informação no contexto da vida cotidiana, a partir da Etnometodologia e do Interacionismo Simbólico. Explicou os modelos de Práticas Informacionais, levando em consideração o modelo bidimensional de Pamela McKenzie, adotado em sua pesquisa. Utiliza o conceito de cultura de Geertz (2014) e compreende as práticas informacionais

como todas as formas pelas quais os sujeitos usam o conhecimento, visto que está diretamente relacionada às formas.

38. (UC) Vitória Correa Lopes Wohlgemuth (2022), a partir de uma abordagem qualitativa, desenvolveu um estudo que buscou compreender a percepção de crianças sobre o controle parental realizado sobre suas práticas informacionais, considerando que as crianças são usuários presentes na internet, como consumidoras e criadoras de conteúdos. Assim a autora identificou as práticas informacionais dessas crianças, de 8 a 12 anos, bem como, verificou se estas aprovam ou não que suas práticas sofram mediação por seus pais/responsáveis. A pesquisa de Vitória é do tipo exploratória e envolve uma abordagem interdisciplinar, a partir do uso de conceitos provenientes de diferentes áreas, como Comunicação, Psicologia, Sociologia da Infância e Educação. Vitória ressalta que a contribuição central desse estudo consiste em demonstrar como aqueles com menos de 12 anos percebem e refletem sobre a mediação parental, partindo de suas próprias opiniões, para depois compará-las com as opiniões de adultos. A autora utilizou a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo e fez um estudo comparativo das respostas para analisar os dados coletados.

39. (UC) O trabalho de Fernanda Rodrigues Bertoldo (2022) analisa as práticas informacionais em contextos digitais e organizacionais, especialmente as práticas envolvidas na leitura da informação digital. Fernanda investigou qual o impacto do design nas práticas informacionais na leitura digital sobre informações de saúde e bem-estar, no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). A autora aborda o conceito de práticas informacionais a partir das práticas de leitura da informação digital, considerando as transformações contemporâneas e as novas possibilidades dos meios digitais. O estudo de Fernanda está apoiado em três pilares conceituais: práticas informacionais, leitura da informação digital e design da informação, considerando que os contextos das práticas informacionais interferem na leitura da informação, bem como o design da informação deve considerar o contexto do leitor, a autora verifica que os três pilares estão interligados e perpassam entre si ao longo dos textos. Explora os atributos do design da informação combinados ao estudo das práticas informacionais, visando contribuir para aproximação entre leitor e informação. Apresenta ainda contribuições para a Comunicação e Mediação da informação por investigar caminhos para diminuir o esforço cognitivo do leitor no processo de apropriação da informação e para facilitar a sua compreensão a partir do design da informação.

40. (UC) O autor Luis Carlos da Silva (2022) realizou um estudo de abordagem qualitativa e descritiva para estudar as práticas informacionais das pessoas LGBTQIA+ do Espaço LGBT Pedrinho e entender como esses sujeitos desenvolvem estratégias informacionais no processo de construção da resiliência informacional diante das barreiras estruturais, sociais e pessoais impostas pela sociedade. O objetivo de seu estudo foi analisar se/como as práticas informacionais constituídas no Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBTQIA+ e enfrentamento a LGBTQIAfobia da Paraíba, Pedro Alves de Souza (Espaço LGBT Pedrinho), em João Pessoa, têm contribuído com a construção da resiliência informacional diante do contexto da homofobia. O autor discute sobre os conceitos de gênero e sexualidade, essenciais no entendimento de como os sujeitos LGBTQIA+ expressam sua identidade de gênero e sexual. Introduziu o conceito de resiliência informacional por Annemaree Lloyd (2014; 2015) por meio do conceito de práticas informacionais, pois serve de suporte para o entendimento do processo de resiliência informacional desses sujeitos. Já o conceito de práticas informacionais é empregado devido à necessidade de analisar a influência das práticas sociais de acesso à informação, no contexto social das pessoas LGBTQIA+ e sua relação com a promoção da resiliência informacional no momento de incerteza e adversidades por meio da LGBTQIAfobia e demais questões associadas ao entendimento da sua identidade de gênero e orientação sexual que são divergentes do modelo heteronormativo.

41. (UC) A pesquisa de Laiana Ferreira de Sousa (2022) estuda as práticas informacionais de crianças na pandemia, na perspectiva da abordagem interacionista. O estudo contemplou as práticas sociais de leitura com vistas a desenvolver a resiliência informacional, objetivou compreender como as práticas de mediação da leitura desenvolvidas em ambientes online, através da Biblioterapia, podem contribuir para a resiliência informacional de crianças que passam pelo luto coletivizado causado pela pandemia da Covid-19. A autora compreende a mediação de leitura como promotora de práticas informacionais terapêuticas, que se configuram como um importante elemento para que essas crianças construam uma situação de resiliência informacional capaz de ressignificar elementos constitutivos de seus contextos de vida. Laina aborda a Biblioterapia como recurso multidisciplinar que auxilia de forma terapêutica a mediação de leitura em plataformas digitais de videoconferência.

42. (UC) Patrícia Valerim (2022) se ancorou na noção de Práticas informacionais para investigar a relação do Instagram com o contexto acadêmico-científico. Trata-se de uma abordagem sociocultural no âmbito dos Estudos de Usuários, que se orienta a partir de ações desempenhadas na vida cotidiana. O estudo buscou compreender as práticas informacionais realizadas no perfil do Instagram @maternidade.com.ciencia, a partir de postagens nos stories e comentários publicados no feed. A autora realizou um estudo netnográfico de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e de caráter exploratório-descritivo sobre práticas informacionais no Instagram com a temática de ciência e maternidade, o qual se insere no paradigma social da CI. A pesquisa de Patrícia trouxe uma contribuição metodológica ao adotar uma abordagem multimétodo que combinou a netnografia com duas técnicas, a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso Mediado por Computador. As práticas informacionais identificadas pela autora estão relacionadas às facilidades tecnológicas, bem como as perspectivas que envolvem a autoexpressão de ideias e intencionalidades da cientista (aspectos individuais) e da audiência basicamente composta por mulheres (aspectos coletivos) em relação a questões do cotidiano. A pesquisa de Patrícia também identificou a relação com as conjunturas que englobam a desinformação em torno de enfoques científicos relacionados à saúde, a política, ao ativismo em prol de uma sociedade com mais equidade de gênero, especialmente no ambiente acadêmico.

43. (UC) O estudo de Francine Conde Cabral (2022) teve como pano de fundo a pandemia de Covid-19 que ocasionou uma crise sanitária, econômica, política e social e o que a impulsionou foram as inquietações sobre o uso de desinformação. Nesse contexto, a autora buscou responder se existem práticas informacionais de combate à desinformação em bibliotecas comunitárias e teve como objetivo analisar essas práticas que as mediadoras de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias desempenham no processo de combate à desinformação. A partir do paradigma social da ciência da informação autora aborda as práticas informacionais articulada aos conceitos de fake news e desinformação. Utiliza a idéia de prática informacional como a busca pela informação relacionada ao contexto social e cultural, pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais. Defende que as práticas informacionais se consagram como alternativa de redimensionamento das relações de poder e entende o empoderamento como uma construção libertária, tendo bibliotecas comunitárias e interagentes em uma ação coletiva para romper com mecanismo de opressão ao invés de reproduzi-los. Ancorada na Teoria do Empoderamento, a partir da perspectiva teórica que Paulo Freire e Joice Berth, a autora buscou compreender as práticas informacionais em bibliotecas comunitárias, a desinformação como um fenômeno político nocivo às comunidades e o caráter e a intencionalidade das bibliotecas comunitárias como um importante espaço de articulação entre comunidade e informação no combate à desinformação.

44. (UC) A pesquisa de Leila Jane Brum Lage Sena Guimarães (2022) partiu da idéia de modelar um chatbot sensível ao contexto sociocultural do usuário, considerando que essas ferramentas potencialmente modificam o comportamento e práticas informacionais de seus usuários no cotidiano. O objetivo é apresentar a construção de uma interface conversacional de um chatbot para recuperação da informação na base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Trata-se do desenvolvimento e avaliação de um chatbot, buscando aplicar modelos centrados no usuário e sua experiência para interação na recuperação da informação no referido Catálogo de teses e dissertações. O estudo de Leila está pautado na abordagem sociocultural relacionada ao paradigma social de Capurro, que identifica o sujeito informacional em contexto, e em metodologias de estudos de usuários ancoradas nos referenciais teóricos das práticas informacionais, os quais articulam os elementos construídos socialmente e que influenciam na formação da subjetividade dos indivíduos, ao mesmo tempo em que eles modificam a realidade. Leila utilizou a observação para coleta de dados e, a metodologia de design thinking para aprimoramento e melhoramento da experiência do usuário na busca e recuperação da informação. O artefato construído recuperou dados do Catálogo de Teses e Dissertações - um chatbot denominado Kika - foi gerado iterativamente ao longo de três encontros virtuais, com a participação de voluntários da graduação, pós-graduação e pesquisadores, para medir aspectos da experiência do usuário relativos à confiabilidade, facilidade de interação no pseudodiálogo com o chat para acesso e recuperação da informação.